



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71)3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



***A AUTONOMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA:
Suas relações com a motivação e as estratégias.***

por

GESIEL DE ALBUQUERQUE SILVA

Orientador: Prof. Dr. Luciano Rodrigues Lima

**SALVADOR
2008**



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística**

Rua Barão de Geremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71)3263 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br



***A AUTONOMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA:
Suas relações com a motivação e as estratégias.***

por

GESIEL DE ALBUQUERQUE SILVA

Orientador: Prof. Dr. Luciano Rodrigues Lima

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

**SALVADOR
2008**

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Izabel Cristina dos Santos de Albuquerque Silva, companheira e amiga de todas as horas.

Aos estudantes da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste – IAENE, pela gentileza e carinho com que me receberam e me permitiram realizar as observações e entrevistas.

À profª Marla, da UNEB e ao prof. Eliab, do IAENE, que com a mesma gentileza permitiram-me estar em suas aulas e realizar o meu trabalho.

Aos estudantes do Núcleo de Línguas Germânicas da UFBA – NELG, do curso de Inglês CCAA de Cruz das Almas, da Faculdade de Ciência e Tecnologia Albert Einstein de Cruz das Almas – FACTAE, aos alunos do Colégio Estadual Alberto Tôrres – CEAT – Cruz das Almas – BA, por terem sido muito solícitos ao meu trabalho.

Aos colegas e professores do Mestrado 2006, por terem me dado a chance de conhecê-los e aprender com eles.

Aos alunos da disciplina História da Língua Inglesa, do Instituto de Letras da UFBA, por haverem me proporcionado momentos agradáveis durante o meu Tirocínio Docente.

Ao Prof. Luciano Lima, por suas valiosas orientações, as quais me fizeram produzir um texto cheio de vidas.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....	8
A MOTIVAÇÃO.....	16
OS EFEITOS DA MOTIVAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS.....	16
Motivos internos e externos.....	18
MOTIVAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.....	19
Motivação: motivos homeostáticos.....	21
Motivação: motivos de incentivo.....	22
MOTIVAÇÃO DIDÁTICA E MOTIVAÇÃO PRÉVIA.....	24
MOTIVAÇÃO E A EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	28
ASPECTOS MOTIVACIONAIS DOS GRUPOS INVESTIGADOS.....	30
MOTIVAÇÃO: SATISFAÇÃO E INSATISFAÇÃO.....	32
EFEITOS DA NÃO MOTIVAÇÃO E ATIVIDADES LÚDICAS.....	35
Frustração – Resignação – Agressão.....	35
MOTIVAÇÃO: ESTÉTICA DA SENSIBILIDADE.....	39
Política de igualdade.....	39
A AUTONOMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	42
ESTUDANTES E PROFESSORES AUTÔNOMOS.....	42
ATITUDES PERANTE O APRENDIZADO.....	46
AUTONOMIA E INDIVIDUALIZAÇÃO.....	54
Os postulados de Allwright sobre autonomia.....	54
O discurso da autonomia.....	62
ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	64
O QUE PODEMOS DEFINIR POR ESTRATÉGIAS?.....	64
A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS PARA O APRENDIZADO.....	66
ESTRATÉGIAS E MOTIVAÇÃO.....	68
OS ESTUDANTES E AS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM.....	69
ESTRATÉGIAS NA SALA DE AULA.....	71
O uso correto das estratégias.....	73

A PESQUISA DE CAMPO: DISCUSSÃO DOS DADOS	76
A COLETA DOS DADOS NAS INSTITUIÇÕES ESCOLHIDAS	76
Condições da aplicação dos questionários e da realização das entrevistas.....	78
A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	80
Transcrição literal das falas.....	80
ESTUDANTES ENTREVISTADOS: IAENE E UNEB	81
DADOS COLETADOS	82
Instituto Adventista de Ensino do Nordeste.....	82
Comentários.....	82
Universidade do Estado da Bahia.....	85
Comentários.....	85
SOBRE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS	88
O IAENE.....	88
A UNEB	90
AUTONOMIA, MOTIVAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM	95
O que significa estar motivado?.....	95
A estratégias de motivação e seus efeitos nos informantes do IAENE e da UNEB.....	96
Comentários (i).....	100
Comentários (ii).....	101
A autonomia na aprendizagem dos entrevistados.....	107
REFLEXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	134
ANEXOS	138

RESUMO

Este trabalho de pesquisa investiga os efeitos e a importância da autonomia no ensino-aprendizagem de língua inglesa e de que maneira ela contribui para o surgimento ou o desenvolvimento da motivação no estudante. Investiga, também, como isso se relaciona com o uso de estratégias e quais são os tipos de motivação atuantes no comportamento dos educandos, capazes de levá-los a serem independentes e sujeitos transformadores da sua realidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas, observações de aulas e aplicação de questionários em duas instituições - uma pública e a outra particular - com o objetivo de verificar, na prática, se os fenômenos de insatisfação e do prazer pelo aprendizado de inglês estão diretamente relacionados às estratégias utilizadas pelos aprendizes e se fortalecem a sua motivação para o exercício da sua autonomia. Discute-se a seguir como as estratégias podem ser usadas para facilitar o aprendizado e a convivência entre alunos e professores na sala de aula com vistas a obter um envolvimento maior com os conteúdos, com os colegas e com a instituição, reforçando a capacidade de tornar os educandos seres críticos e reflexivos sobre a sua prática e as dos outros. Trata-se de um estudo apoiado, principalmente, nos depoimentos dos estudantes, que visa a analisar o contexto em que exercem o seu aprendizado, suas dificuldades e aproveitamento e o que fazem para mudar suas posturas e ações diante dos desafios relacionados à aula de inglês e às exigências sócio-culturais. No marco teórico, serão apresentadas e discutidas idéias de autores como Dale Schunk, Diane Houghton, Dick Allwright, George Snyders, Jean Piaget, Rebecca Oxford, Lieslie Dickinson, Linda Davidoff, Marli Moreira, Myron Dembo, Paulo Freire, Parâmetros Curriculares Nacionais, Philip Riley, Zoltan Dörnyei, entre outros. Busca-se dimensionar a importância da autonomia, que é vista aqui como um conjunto de atitudes, posturas, valores e planejamento, em etapas, das tarefas com vistas a um aprendizado mais consistente e duradouro e um comprometimento com os objetivos e o respeito à alteridade. E, com isso, avaliar como tudo se relaciona com a motivação e as estratégias produzidas pelos educandos na aprendizagem da língua inglesa e na contextualização desses conhecimentos.

Palavras – Chave: estratégias de aprendizagem, motivação na educação, autonomia.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the effects and the importance of strategies applied to the learning-teaching process of the English Language and in what ways their use contributes for the arising or the development of the student's motivation and autonomy. It also investigates how this relates with the exercise of his autonomy as a citizen and as an individual, and what types of workful motivations on the behavior of the learners, capable to take them to be independent and transformers of their reality. For this, interviews and class observations were made in two colleges, one public and other private, aiming to verify, in practice, whether the phenomena of dissatisfaction and pleasure for the English learning are directly related to the strategies used by the learners. It discusses, after, how strategies can be used to facilitate the learning process and familiarity in the classroom, among students and teachers, aiming to get a greater involvement with the contents, classmates and with the institution, reinforcing their capacity to stimulate students to be more critical and reflexive about their own practice and about the others'. It is a study which is based, mainly, on the student's statements and tends to analyze the context which they live in, their difficulties, profiting and what they do for changing their postures, actions on the challenges related to the English class and the external socio cultural claims. In the theoretical analyses, some authors' ideas as Dale Schunk, Diane Houghton, Dick Allwright, George Snyders, Jean Piaget, Rebecca Oxford, Lieslie Dickinson, Linda Davidoff, Marli Moreira, Myron Dembo, Paulo Freire, Parâmetros Curriculares Nacionais, Philp Riley, Zoltan Dörnyei, among others, will be discussed and presented. It searches, therefore, to dimension the importance autonomy which is seen here as a conjunct of attitudes, postures, values and planning, in phases, of tasks in order to get a more solid and durable learning, and commitment with objectives and the respect for the alterity. And, this way, to evaluate how all these stuffs are related with the motivation and strategies produced by the english language learners and with the contextualization of these knowledges.

Key – Words: learning strategies, motivation in education, autonomy.

INTRUDUÇÃO

Nesta dissertação busco demonstrar, através de observações, entrevistas e aplicação de questionários, assim como pelo construto teórico, que a autonomia no ensino-aprendizagem possibilita ao estudante desenvolver a sua motivação e as estratégias mais apropriadas à assimilação do conteúdo.

A pesquisa está dividida em quatro capítulos. No primeiro, tendo como suporte teórico autores como Witter & Lomônaco (1984), De Greve & Passel (1975), Schunk at al (2002), Montana & Charnov (2003), Denilso Lima (2004), Abraham Maslow (2006), Freire (2006), dentre outros, falo dos dois tipos principais de motivação – intrínseca e extrínseca - e da importância desse estado psicológico na realização das tarefas na aula e fora dela. Analiso, também, como a motivação se relaciona com o ensino de língua inglesa e os efeitos da não motivação na ações dos professores e alunos.

No segundo capítulo, baseado em autores como Dick Allwright (1991), Sander (1984), Houghton at al (1991), Leslie Dickinson (1994), Maia & Pastor (1995), Freire (1996), os PCNs (1998), Books & Grundy (1991), Netto (2002), Piaget (2006), dentre outros, falo dos entendimentos sobre autonomia, o indivíduo autônomo e a sala de aula autônoma. Para tanto, além do arcabouço teórico, utilizo os depoimentos dos estudantes participantes da pesquisa e uma reportagem de televisão sobre ações comunitárias, cujas iniciativas retratam posturas e atitudes autônomas. Finalizo o capítulo discorrendo sobre os três postulados de Dick Allwright (1991), cujas bases são: (a) a maneira específica de se realizar uma tarefa, (b) a natureza cooperativa na aula e (c) a aplicação imediata dos conteúdos. Tais postulados fortalecem o discurso da autonomia, que se estabelece numa via de mão dupla, ou seja, a negociação e o diálogo.

No terceiro capítulo, falo das estratégias aplicadas ao ensino de língua inglesa. Tendo como referência autores como Rebecca Oxford (1990), Grenfell & Harris (1999), Stojakovic (1999), Myron Dembo (2000), Dörney (2001), Clarke & Wales (2004), Freire (2004), dentre outros, busco analisar o que representam as estratégias no contexto de ensino-aprendizagem e quais são os efeitos da sua aplicação sobre a autonomia e a motivação dos estudantes e professores. Busca-se também esclarecer as diferenças entre atividades lúdicas e o sentido das estratégias.

No quarto e último capítulo, faço a análise dos dados sócio-educacionais, das observações e das entrevistas realizadas na UNEB e no IAENE. O objetivo dessa análise é verificar o quanto e como a autonomia é importante para os estudantes e professores e quais os efeitos desta na motivação e na elaboração das estratégias de ensino-aprendizagem como recursos facilitadores de práticas pedagógicas e posturas capazes de fazer da aula de inglês um espaço rico em conhecimento e na troca de experiências culturais e sociais dos seus agentes.

Convém salientar que, ao longo das partes teóricas, uso depoimentos dos entrevistados para ilustrar as idéias, porque suas vozes representam a experiência real daquilo que enfrentam no cotidiano escolar a que me propus observar e do contato com outras pessoas e saberes. Isso enriquece e dá mais consistência às correlações que faço entre motivação, autonomia e estratégias.

Na análise e discussão dos dados, cito ainda alguns teóricos, associados aos depoimentos dos alunos, a fim de estabelecer uma comparação entre as práticas relatadas pelos entrevistados e os argumentos apresentados por pesquisadores que também se basearam na sua realidade local para escreverem sobre autonomia, motivação e estratégias. E, a partir desses exemplos, fundamentar as minhas conclusões sobre as hipóteses levantadas no início da pesquisa.

As entrevistas e observações foram realizadas na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus de Santo Antonio de Jesus - Bahia, e no Instituto Adventista de Ensino do Nordeste – IAENE, em Capoeiruçu, distrito da cidade de Cachoeira - Bahia. Minha intenção foi a de comparar duas realidades distintas: uma instituição pública e a outra, particular; e analisar de que forma o uso ou o não uso de estratégias de ensino-aprendizagem pelos alunos e professores poderia afetar o sucesso do aprendizado de língua inglesa, a motivação dos estudantes, o entrosamento do grupo e o exercício autonomia individual e coletiva.

Para tanto, parti do seguinte problema: a autonomia possibilita um aprendizado de língua inglesa efetivo e mais humanizado? De que forma ela se relaciona com a motivação e com as estratégias? Quais resultados podem surgir de um ensino-aprendizagem apoiado nas estratégias elaboradas por estudantes e professores motivados?

O ambiente da sala de aula é um espaço rico de experiências e de envolvimento cujos efeitos são sentidos, na maioria das vezes, imediatamente. Ensinar e aprender

representa um processo no qual as relações humanas são significativas porque incluem os elementos emocionais, sociais, culturais, afetivos e de conhecimentos prévios.

Como esse contexto, chamado sala de aula, é o lugar onde a alteridade se mostra marcante, isto é, vários indivíduos representantes de mundos sociais e culturais diferentes, pessoas cujos conhecimentos prévios são os mais diversos e ricos, por refletirem as micro-realidades onde estão inseridas, o professor tem nas mãos a oportunidade de ser um mediador da manifestação dessas diferenças e, com elas, aprender também.

A produção individual e coletiva dentro da sala de aula pode e deve ser observada com muito cuidado no tocante à atenção que se deve prestar às qualidades dos alunos, não como indivíduos treinados para responderem as questões livrescas, mas como pessoas que, analisando o conteúdo apresentado, podem não só responder, mas elaborar outras formas de entendimento, refletir sobre aspectos paralelos nos textos ou questões e associar aquele conteúdo à sua prática.

Para que isso ocorra, faz-se necessário haver a motivação. É este o primeiro passo a ser dado na busca por novos caminhos e outras reflexões. É através da motivação – interna ou externa – que o estudante e o professor sentem a necessidade da mudança e da procura por outras formas de entendimento, seja do contexto educacional ou da maneira como lidar com conhecimentos e com a coletividade. Estar motivado é a condição prévia para querer realizar.

A motivação pode ser intrínseca, quando o indivíduo realiza algo pelo prazer, sem esperar recompensa; e extrínseca ou instrumental, quando realiza algo pela recompensa, reconhecimento ou pelo prêmio que poderá receber. Exemplo: o estudante que estuda Inglês só com o objetivo de ser aprovado está motivado extrinsecamente. Se ele estudar pelo prazer que sente em aprender uma língua estrangeira, não se importando com a nota, e sim com o seu aprendizado, estará movido pela motivação intrínseca. Em se falando de notas, é muito difícil que o resultado do aprendizado motivado intrinsecamente seja negativo.

Nos dias de hoje, quase sempre, as pessoas se motivam mais extrinsecamente. Haja vista a competição a que somos impulsionados, ao participarmos da luta pela sobrevivência pessoal e profissional. Isso nos tira o gosto de fazer algo pelo prazer que aquilo irá nos proporcionar. E nos instiga a pensarmos nas recompensas, nos prêmios e nas vantagens advindas daquele esforço.

A competição dentro das escolas e entre elas é muito grande. Há competição para demonstrar qual é a melhor, de acordo com conceitos do ENEM¹ e do ENADE²; há competição para mostrar quem aprova mais no vestibular; há competição também para mostrar quem emprega mais rapidamente o aluno egresso. Este exibicionismo de conceitos e “credibilidade” influencia diretamente o estudante, que não vê outra alternativa, a não ser competir também.

Estudar pelo prazer, refletir sobre a sua prática, elaborar projetos, difundir valores éticos e conhecimentos, preocupar-se com o aproveitamento das experiências mais do que com conceitos e notas de cursos ou provas é uma prática do aluno motivado intrinsecamente. Ele não precisa de pessoas ou de eventos para produzir-lhe desejo. Ele o tem, o reconhece e procura realizá-lo sem individualismo nem isolamento, porque sabe que o mundo é plural; portanto, o seu aprendizado não pode ser singular.

Nas entrevistas realizadas na Universidade do Estado da Bahia - UNEB e no Instituto Adventista de Ensino do Nordeste - IAENE, a fim de conhecer e discutir a realidade do ensino-aprendizagem de língua inglesa, percebi reflexões muito próximas do que se pratica ou se espera que seja praticado sobre motivação. Ou seja, sendo exercida ou não, os estudantes estão conscientes da importância da motivação na sua vida acadêmica e como cidadãos.

A estudante Bárbara, do curso de Letras da UNEB, respondeu-me que *motivação* é buscar sempre novidades e atividades, principalmente voltadas para a área que se está cursando ou trabalhando. Ela diz ainda que estar motivada para estudar inglês significa buscar novos conteúdos, o que é “um pouco complicado”, por conta de algumas dificuldades que são encontradas. “Mas é você tentar sempre, tá buscando o novo e buscando o melhor”, completou ela.

A conscientização dessa estudante quanto à necessidade de estar motivada é tácita, assim como a sua noção de que, para que isso aconteça, é necessário superarmos

¹ Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Muitas Instituições de Ensino Superior já se manifestaram oficialmente pela utilização dos resultados do Enem nos seus processos de seleção. Fonte: Ministério da Educação do Brasil. (www.mec.gov.br).

² O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), que integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), tem o objetivo de aferir o rendimento dos alunos dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências. Fonte: Ministério da Educação do Brasil. (www.mec.gov.br).

as dificuldades. Significa dizer que ela enxerga os aspectos responsáveis pelo seu aprendizado classificando-os como mais eficiente ou menos eficiente. Talvez, não se sinta ainda capaz de removê-los por achar que é preciso haver um movimento maior, envolvendo mais pessoas motivadas.

O estudante Manoel, do IAENE, disse-me que estar motivado é procurar suprir as necessidades estudantis. Segundo ele, o curso teológico exige que o formando tenha um conhecimento, pelo menos, básico na língua inglesa porque os materiais teológicos estão escritos na língua inglesa. Ele fundamenta a sua motivação dizendo: “Então, a motivação vem dessa necessidade de aprender a nova língua e poder usar todos os recursos para melhor aprimorar o meu curso e a minha apresentação”.

A motivação desse estudante é eminentemente extrínseca. Sua preocupação em estudar inglês naquela instituição é baseada na necessidade que ele tem de se instrumentalizar nessa língua a fim de executar bem os seus deveres de futuro pastor. Embora tenha dito que se sente muito motivado para estudar a língua inglesa, esse estudante, talvez, não perceba que a sua motivação é passageira. Isto é, encerrada a necessidade, ela termina também. Esta é a maior inconsistência da motivação instrumental.

Estudantes motivados tendem a ser mais autônomos e quando não o são, procuram exercer a autonomia de algum modo, através de análises críticas de situações e dos ambientes onde atuam. A autonomia é a capacidade que o indivíduo tem de agir consciente do que está a escolher e preparado para assumir riscos pelas suas decisões. Agir com autonomia significa exercer o seu direito de aceitar ou não o que lhe é proposto; ou dar-lhe outro significado.

Um estudante autônomo é capaz de interagir com o seu grupo e com o professor de maneira mais igual e menos submissa. Um professor autônomo percebe e permite que os seus alunos construam um ambiente reflexivo, problematizado, no qual os conteúdos continuam a ter a sua importância, mas não se configuram como elementos de intimidação ou de preconceito. No exercício da sua autonomia, o professor, encorajado pelas posturas de seus alunos, jamais irá se sentir ameaçado pelos questionamentos ou propostas.

Ser um indivíduo autônomo facilita a própria motivação de forma a permitir que outras problematizações apareçam e contribuam para o seu crescimento como estudante ou como sujeito de um mundo cuja estrutura ainda não é afeita a permitir que as pessoas

se mostrem donas do seu destino, livres para escolherem o que melhor se adéqua às suas necessidades

Tanto os estudantes do IAENE quanto os da UNEB, na sua maioria, acham-se autônomos. Entretanto, o conceito que fazem desse termo foge àquilo que realmente se espera de um indivíduo questionador e reflexivo. Muitos relacionam autonomia com isolamento, individualismo, outros pensam que ser autônomo é ter dinheiro e pagar o seu curso, outros ainda imaginam autonomia como aquela condição que lhes permite fazer as tarefas sem “procurar” o professor. Vê-se que, embora se sintam autônomos, não conseguem exercer essa proclamada autonomia.

O aluno Pedro, do IAENE, disse-me que ser autônomo é ter a liberdade de escolher os assuntos e de poder estudar em casa. É dar a sua opinião e poder expressar o seus pensamentos. A estudante Cida, da UNEB, disse que ser autônoma é ser ela a preparar as suas pesquisas e estudos, independentemente de outras pessoas. O isolamento está implícito nestas duas práticas. Mesmo assim, estes estudantes se sentem autônomos.

Autonomia, além de estudar em casa e de preparar as pesquisas independentemente do visto do professor, significa criar instrumentos cognitivos e meta cognitivos que vão favorecer a abrangência na aplicação dos conteúdos aprendidos e possibilitar que sejam levados a contextos práticos pessoais, levando a pessoa a re-significar atitudes e concepções com o intuito de melhorar o seu convívio na aula e no seu grupo social.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998), ao referirem-se ao aprendizado de língua estrangeira, dizem que esta é uma chance de aumentar a percepção do aluno como ser humano e cidadão. É preciso considerar aspectos da história dos alunos, da comunidade e da cultura local como critérios para orientar a inclusão de uma determinada língua estrangeira. A questão é: essa percepção pode existir sem que o estudante e o professor sejam autônomos? É improvável que, em um ambiente hierarquizado, centrado no professor, o estudante sinta-se motivado a agir com autonomia.

Professores autônomos são livres ou, ao menos, buscam se libertarem de crenças e preconceitos úteis apenas para desestimular o aprendizado dos seus alunos. Professores livres não sentem medo de questionamentos porque a atmosfera favorável que criam na sua aula não abre espaço para provocações, ou até, para perguntas capciosas. Professores corajosos estão sempre abertos ao novo e nunca se ressentem do

antigo. Sabem e buscam o equilíbrio, o respeito e o valor dos contextos anteriores, atuais e posteriores.

Estudantes reflexivos sobre a sua prática não agem para si, apenas; buscam suprir as suas fraquezas através de esforço desdobrado por saberem que a construção e o fortalecimento da sua identidade está no uso que fazem da capacidade de assimilar experiências, valores morais e éticos, que os acompanharão por toda a vida. Estudantes éticos e independentes vêem o mundo em que vivem como um laboratório de boas promessas para um futuro melhor, pois entendem que, analisando o presente, refletindo sobre as ações, podem construir outras formas de elaboração social e cultural.

Os problemas existem e são muitos. Não é a autonomia, tampouco a motivação, isoladamente, que vai transformar realidades difíceis, internalizadas nas pessoas e na cultura social, em soluções milagrosas. Não digo que ser autônomo é ter a certeza de que tudo vai dar certo como o esperado. Em hipótese alguma. Todavia, é preciso que diante dos percalços tenhamos uma postura de enfrentamento, de combate respeitoso, mas incessante.

A pesquisadora Geraldina Porto Witter (1984), em seu livro *a psicologia da aprendizagem*, ao falar da importância da motivação, realça que para aprendermos algo é preciso estarmos motivados, para realizarmos é preciso termos um motivo e para nos mantermos trabalhando é necessário que continuemos motivados para o trabalho. Para vencermos os nossos desafios pessoais e exteriores, a motivação se configura como a principal ferramenta de ação. Mesmo que haja as maiores dificuldades no ensino, na estrutura escolar, no relacionamento professor-aluno, não podemos desanimar quando devemos fazer algo ou aquela iniciativa nunca pode ser nossa, e sim do professor, e vice-versa.

Para tanto os métodos, as técnicas, as atitudes e as posturas nos servem como referencial sobre o que somos, onde estamos e como podemos interagir com as outras realidades. Refiro-me às estratégias voltadas para o ensino-aprendizagem, que podem começar com questionamentos simples como: como podemos elaborar planos e estabelecer metas para alcançarmos êxito no nosso aprendizado? Como podemos criar e estabelecer objetivos que vão nos levar ao sucesso? Eis o sentido da adoção de estratégias.

Embora não haja um estudo contundente sobre a validade das estratégias no ensino-aprendizagem, penso que elas favorecem a assimilação dos conteúdos, minimizam as desigualdades em sala de aula e tendem a tornar o aprendizado mais

efetivo porque buscam focalizar os pontos-chave a serem atingidos e superados. Além disso, quando executadas corretamente, as estratégias podem servir de instrumentos minimizadores dos efeitos das crenças falsas que costumam se estabelecerem na aula, ou até, acabar com elas.

Tais crenças refletem o status quo estabelecido no ensino da língua inglesa como uma representação de poder e força das culturas britânica ou norte-americana. Quando essas crenças se impõem na sala de aula, o entrosamento se torna difícil, alguns estudantes sentem-se afetados diretamente pelo preconceito; ou se supervalorizam achando que são os “escolhidos” e a aula se transforma num ambiente estéril, mecânico e desestimulante.

CAPÍTULO 1: A MOTIVAÇÃO.

1.1 OS EFEITOS DA MOTIVAÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE INGLÊS

Qualquer área de atuação social e profissional é passível de um estudo mais apurado sobre os aspectos relacionados à motivação e às necessidades humanas. Assim como a psicologia e os estudos da subjetividade podem se debruçar, com mais apurado tino científico, no estudo da motivação em cada indivíduo, o ensino-aprendizagem de língua inglesa pode também ser alvo de observações sobre os efeitos desse estado psicológico no ser humano.

A motivação no ensino-aprendizagem configura-se como uma importante área de estudo e descobertas quanto ao sucesso ou o fracasso de métodos, materiais didáticos, técnicas de ensino, abordagens, as quais nascem, na maioria das vezes, de investimentos sobre as vidas do estudante e do professor de inglês. Afinal, não se pode ensinar quando não há disposição para aprender.

Alguns exemplos negativos mais comuns nas aulas de língua inglesa professores despreparados emocional e intelectualmente, estudantes desinteressados, material didático divergente da realidade do aluno, compressão de conteúdo a fim de atender às “exigências pedagógicas” dos programas das escolas, ausência de diálogo e de negociação amigável entre as partes envolvidas e visão depreciativa, por parte de estudantes e da própria escola, quanto à disciplina.

Os problemas elencados acima não fecham, de maneira alguma, o contexto real que leva o estudante ao desânimo e a sentir-se um espectador no processo de ensinar e aprender. Ao contrário, isso é apenas a ponta de um grande *iceberg* escondido em águas profundas. No entanto, configuram-se como alguns dos maiores empecilhos ao bom resultado do aprendizado.

O professor Denilso de Lima (2004) expõe as hipóteses para a ausência ou diminuição da motivação do estudante da seguinte forma.

Mas eu devo ser honesto e dizer que nem sempre as pessoas desanimam dos cursos de inglês por ser algo chato e difícil. Algumas vezes, o problema pode estar no professor ou no método. [...] Tem ainda a turma toda que pode ser completamente desmotivada e você o

único motivado dentro dela. [...] Algumas vezes, o fator contribuinte para a desmotivação pode ser o estresse do dia-a-dia, muito trabalho, muita informação sendo recebida ao mesmo tempo e, então, o cérebro começa a pifar e nada mais parece ter sentido. Pode ser ainda um problema pessoal, financeiro, amoroso, de personalidade ou qualquer outra coisa. (LIMA, 2004, p. 43 - 44).

Na aprendizagem de língua inglesa ocorre um fenômeno significativo quanto ao estímulo e ao desejo do estudante de aprender uma língua estrangeira. Trata-se da curiosidade inicial, geradora de uma tensão nervosa, denominada por Marcel de Greve Frans Passel (1975) como tensão intelectual, a qual gera um campo de atração muito forte entre o estudante e a língua alvo. Este condicionamento psicológico, combinado com os efeitos estimulantes de uma pronta estruturação espontânea (motivação didática) conservará a tensão intelectual inicial graças ao prazer que traz a obtenção do resultado positivo.

Essa tensão possibilita - se bem aproveitada pelo professor - um envolvimento profundo do estudante com as propostas do curso, o seu conteúdo e, conseqüentemente, com os seus desafios. Um ambiente onde não há medos nem ameaças é formidável para que o estudante desenvolva a sua auto-confiança, auto-estima e autonomia.

Ao ultrapassar essa fase “nervosa”, impulsionada apenas pela curiosidade, o aluno chega a uma segunda fase na qual o aprendizado é tomado de modo mais matemático por já ter havido uma “acomodação” daquela tensão e uma conseqüente adaptação às propostas do curso. De Greve & Passel (1975), no entanto, advertem para o fenômeno da rotina e das desilusões com um aprendizado ainda tenso e não resolvido.

Por outro lado, é bom não esquecermos que na fase inicial do curso, a maioria dos alunos começa com os mesmos conhecimentos, isto é, da estaca zero. Isso predispõe favoravelmente os alunos atrasados em outras disciplinas ou já desencorajados por causa do fenômeno da rotina: como ainda não sofreram desilusões no novo campo que constitui para eles a língua estrangeira, empreendem o estudo com um entusiasmo ainda não abalado. (DE GREVE & PASSEL, 1975, p. 129).

Permanece o desafio, para os agentes envolvidos no ensino-aprendizagem, aproveitarem a sua motivação didática em favor da alegria e do comprometimento com conteúdos que transformam saberes e estimulam a negociação de conteúdos didáticos, idéias e propostas a partir da reflexão sobre a prática.

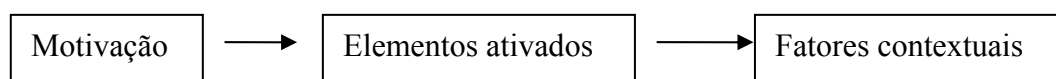
i) **Motivos internos e externos.**

A motivação pode se originar de fatores internos, ou seja, subjetivos do indivíduo, com vistas a uma conquista pessoal para torná-lo mais feliz consigo e com o mundo. Montana & Charnov (2003), dizem que motivação é o processo de estimular um indivíduo para empreender ação que conduza à satisfação de uma necessidade ou à realização de uma meta desejada.

Todos nós desejamos alcançar algo, seja pessoal ou profissionalmente; para satisfazer as nossas necessidades básicas ou para aumentar a nossa auto-estima. Para que isso ocorra é necessário encontrarmos a motivação, sem a qual as metas ficariam apenas no vazio.

O desejo de atingir um objetivo surge quase que alheio à nossa percepção. Numa analogia simples, podemos dizer que esse desejo atua em nós como a energia de um vulcão, incontrolável, ávido para espalhar a sua larva. À medida que o desejo se fortalece, em função dos estímulos externos, buscamos realizá-lo como forma de nos sentirmos, depois, saciados e realizados. Semelhante à sensação que o jogador tem depois de marcar um gol.

A motivação pode também se originar de necessidades externas preponderantes para o indivíduo conseguir sucesso material ou financeiro, justificadas pela competição na vida social e profissional. Dörnyei (2003) diz que motivação é uma construção multifacetada, cuja natureza exata dos elementos que a compõem, ativados numa situação específica, depende grandemente do contexto em que o indivíduo está inserido. Exemplo: nossa luta para existir em oposição às forças da Natureza, a necessidade de nos relacionarmos com os outros, de amarmos e de sentirmo-nos protegidos. Neste último caso, não me refiro à proteção pura e simples como ato seu ou de terceiros, mas àquela que nos faz sentir seguros para superar desafios e medos.



Quadro 1. Motivação X necessidades humanas.

Neste caso, o indivíduo pode até não sentir prazer pelo que faz, mas tem de fazer por imposições maiores de âmbito profissional ou até, pessoal e familiar. Exemplo: um indivíduo extremamente tímido e medroso para falar em público, num certo momento,

levado a uma posição social ou profissional cujo uso da oratória é preponderante, mesmo contra a sua vontade, passa a estudar e treinar técnicas de oratória e pode até tornar-se um bom orador.

Vê-se que sentir prazer ou felicidade não é fundamental para esse tipo de motivação conhecida como *instrumental*. (quando o indivíduo realiza algo pelo desejo de obter reconhecimento social ou vantagens econômicas).

1.2 MOTIVAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.

Pela minha experiência em sala de aula, considero alguns fatores, em conjunto ou isoladamente, os quais podem tornar reais seus objetivos do estudante. São eles: (a) boas condições físicas de estudo (sala de aula, equipamentos eletrônicos, quadro, conforto.); (b) bom relacionamento, (c) oportunidade de crescimento (profissional e pessoal); (d) saber o que está acontecendo na aula, (e) concordar com objetivos do grupo, (f) incentivo do professor, ao dizer quando o aluno realiza boas tarefas, dentre outros.

Observar esses fatores e buscar concretizá-los representa um bom começo para quem quer estimular sua motivação e fazer do seu aprendizado um momento de crescimento intelectual e pessoal; interativo e solidário. Tais fatores nos fazem agir com firmeza e consciência sobre o que buscamos.

Estudar Inglês é um desafio constante que exige motivação para superarmos as barreiras existentes na vida social, profissional e cultural. Por isso, devemos entender que a dedicação, orientação e direcionamento para a meta focalizada - que é obter a aprendizagem mínima na conversação e a escrita dessa língua – é fundamental para nos mantermos motivados.

A divisão didática entre motivação interna e externa é práxis pedagógica necessária apenas para o estudo sistemático da motivação. Pois, muitas vezes, elas funcionam em conjunto e não se sabe, ao certo, quando uma termina e quando a outra começa.

O psicólogo norte-americano Dale Schunk (2002) entende a motivação como um processo e não como um produto do ensino-aprendizagem já que é algo que orienta um indivíduo, em um dado momento, a tomar uma decisão consciente sobre a busca do novo. Sustenta ainda que a motivação requer atividade física que passa pelo esforço e a persistência; e atividade mental, que inclui ações cognitivas como planejamento, ensaio,

organização, monitoramento, tomada de decisões, solução de problemas e avaliação do seu progresso.

Percebe-se, assim, o quanto a motivação é um processo mais profundo do que se imagina. Não se trata apenas de estado de ânimo ou de humor ocasional. Trata-se de um envolvimento do indivíduo com as suas ações, visando a alcançar os seus objetivos e o seu sucesso.

Finally, motivated activity is instigated and sustained. Starting toward a goal is important and often difficult because it involves making a commitment and taking the first step. But motivational processes are critically important to sustain action. (SCHUNK AT AL, 2002, P. 5)³.

Antonio Amaru Maximiano (2004), em seu livro *introdução à administração*, diz que a motivação é um estado psicológico de disposição, interesse ou vontade para que alguém queira realizar uma tarefa. Ele se refere à motivação como um estado interior que pode resultar de uma necessidade.

Linda Davidoff (2001), em *introdução à psicologia*, afirma, de maneira mais pragmática, que a motivação funciona como um ativador, ou despertador, do comportamento humano, geralmente direcionado para a satisfação de alguma necessidade.

Quando alguém está motivado para realizar alguma tarefa significa dizer que essa pessoa apresenta uma disposição positiva. Quando ocorre o contrário, a pessoa, levada pelo conhecimento completo ou parcial da importância e da necessidade da tarefa, rende-se aos motivos externos ou internos para não fazê-la.

Essa disposição para realizar assemelha-se ao que Schunk et al (2002) chama de *teorias provocativas*. Para os autores, essas teorias não são, na essência, comportamentais, nem totalmente cognitivas. Eles dizem que essas teorias demonstram que a motivação depende fortemente dos processos efetivos.

Os processos efetivos estão ligados ao quanto os fatores externos e internos influenciam as nossas escolhas, deixando-nos motivados ou diminuindo a nossa motivação porque, em alguma fase do processo, somos despertados para a utilidade, a necessidade e os efeitos das nossas ações em relação àquela meta.

³ Finalmente, a atividade motivada é instigada e sustentada. Iniciar a busca de um objetivo é importante e freqüentemente difícil porque envolve estabelecer um compromisso e dar o primeiro passo. Mas os processos motivacionais são demasiadamente importantes para sustentar a ação. (Tradução: Gesiel de Albuquerque Silva)

É importante esclarecer que os *motivos internos* estão relacionados com as necessidades, aptidões, interesse e habilidades das pessoas. Eles ainda permitem que o indivíduo motivado realize certas tarefas e não outras, ou mesmo, sinta-se inclinado por certas coisas e rejeite outras. Se alguém deixa de ouvir música erudita e passa a gostar de ouvir música popular, está motivado internamente. Isso não impede que ele volte a ouvir música erudita.

Os *motivos externos* são os que servem de incentivo dentro do ambiente e despertam na pessoa o desejo de alcançar o seu objetivo. Por exemplo: fazer cursinho para passar no vestibular de uma universidade pública bastante concorrida. Este incentivo desperta o interesse ou representa a recompensa desejada.

No exemplo citado, a recompensa é a aprovação no vestibular. Assim, são motivos externos todas as recompensas ou punições oferecidas pelo ambiente, pelo grupo, pelos valores sociais e pelas oportunidades.

ii) Motivação: motivos homeostáticos.

Davidoff (2006) diz que os sistemas motivacionais visam manter certo controle sobre a motivação de um indivíduo dentro de um grupo ou do grupo como um todo. Na motivação homeostática o objetivo é alcançar o equilíbrio dentro do sistema motivacional. Para entendermos isto, basta imaginarmos que, ao tomarmos café, sempre esperamos ou “fazemos” com que ele atinja a temperatura ideal – nem quente demais, nem frio.

Dessa forma, estamos buscando a homeostase da temperatura para que, ao ingerirmos aquele líquido, ele nos pareça agradável e saboroso. No ensino-aprendizagem de língua inglesa, buscar a homeostase é encontrar e manter o equilíbrio entre as forças externas à sala de aula (descrença, pouco incentivo, preconceitos, etc.) e as forças internas (desejo de aprender, professor, colegas, dificuldades de escrita e de pronúncia, ausência de conversação, etc.).

Observemos a seguinte situação: um aluno pobre gosta de inglês e quer ser falante dessa língua. No entanto, não tem recursos para pagar um curso livre e as aulas na escola que frequenta deixam a desejar por causa da inabilidade do professor e da ausência de recursos didáticos e materiais.

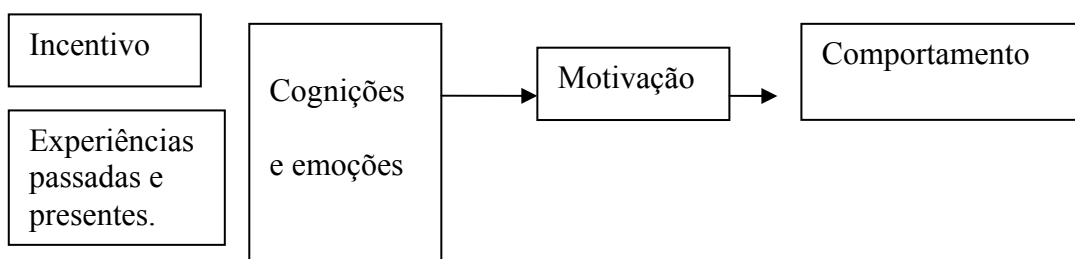
A força interna presente age negativamente sobre este educando, já que ele não pode pagar os seus estudos num curso livre. As forças externas também agem negativamente, pois representam uma escola desaparelhada e um professor inábil.

Buscar a homeostase dessas forças é tentar amenizar ou eliminar as dificuldades apresentadas tanto por uma quanto pela outra, ou simplesmente ignorá-las. Esta última hipótese é mais complicada porque envolve a desconsideração de tais eventos internos e externos como desafios à aprendizagem. É possível tirar das dificuldades o aprendizado e a força para superarmos dificuldades maiores. Encarar as duas forças e tentar equilibrá-las é o passo ideal para a superação. No exemplo acima, o aluno teria outra vertente, que é a de estudar sozinho, acreditando em si e agindo com autonomia.

iii) Motivação: motivos de incentivo.

Na motivação incentivada, o sistema motivacional se preocupa em prover eventos, produtos, objetos que sirvam de estímulo para o indivíduo realizar os seus projetos. Para tanto, estes “estimuladores” devem estar aptos a funcionar como se fossem um gatilho (motivo) que, quando disparado, desperta o desejo.

O modelo de motivação homeostático diz que o corpo humano tem padrões de referência, ou pontos estabelecidos, para cada uma de suas necessidades. Já os de incentivo (DAVIDOFF, 2006, p. 327) são objetos, eventos ou condições que incitam a ação. A motivação aciona o comportamento, o qual pode novamente alterar cognições e emoções, aumentando ou diminuindo o nível de motivação.



Quadro 2. Modelo homeostático e de incentivo. (DAVIDOFF, 2006, p.327).

Davidoff (2006) diz ainda que uma das principais teorias que se baseia nessa noção de referência e incentivo é a do psicólogo americano Abraham Maslow (1908-1970). Para o autor, Maslow concebe motivação como algo que está ligado às

necessidades prementes do indivíduo. E somente quando elas são preenchidas ele pode sentir-se realizado e em sintonia com o seu mundo social.

Para justificar o seu estudo, Maslow elaborou uma pirâmide hierárquica ordenando as necessidades humanas. Em ordem de prioridade, ele estabelece cinco necessidades fundamentais para que o ser humano sintá-se realizado. São elas:

A) necessidades fisiológicas (sexo, comida, abrigo, etc.);

B) necessidade de segurança (proteção contra ameaça ou privação);

C) necessidade social (associação, participação, aceitação por parte dos companheiros, de troca de amizade, de afeto e amor);

D) necessidade de auto-estima (envolvem a auto-apreciação, a autoconfiança, a necessidade de aprovação social e de respeito, de prestígio e consideração, de confiança perante o mundo, independência e autonomia);

E) necessidade de auto-realização (são as necessidades humanas mais elevadas e que estão no topo da hierarquia. São as que permitem a cada pessoa identificar o seu próprio potencial e auto-desenvolver continuamente).



Figura 3. A hierarquia das necessidades. Abraham Maslow.
(internet)

A teoria de Maslow parte de um dado da nossa realidade: todo ser humano é incompleto e, portanto, está em constante busca para preencher essa *incompletude*. (termo eminentemente paulofreireano). Vale salientar, entretanto, que tal teoria, apesar do seu mérito, peca na sua fixidez hierárquica ao estabelecer; primeiro: ordem para as necessidades. Ou seja, alguém só vai se sentir realizado se estiver alimentado, protegido do frio, do calor, das ameaças da Natureza, da competitividade social, se tiver feito sexo e assim por diante. Segundo: estabelecer que somente quando as necessidades inferiores

estão satisfeitas, as mais refinadas (auto-estima e realização) começarão a dominar o comportamento do indivíduo.

Na maioria das vezes, essa hierarquia não consegue ser rígida. Vejamos, por exemplo, a prática do jejum como um ato de purificação e de elevação da alma. Na Índia, há diversas pessoas que acreditam e fazem do jejum, do desapego aos bens materiais e da prática da não agressão às pessoas e à Natureza, uma forma de alcançarem a auto-realização emocional e espiritual. O que subjaz a tal atitude é a motivação de alcançar a plenitude da consciência e do espírito. São pessoas que, apesar da ausência de vários itens materiais necessários ao homem, sentem-se felizes, realizadas e com forte auto-estima.

Isto subverte a hierarquia das necessidades defendida por Maslow já que, apesar do indivíduo não ter preenchidas as suas necessidades fisiológicas e de segurança, consegue sentir-se pleno e integrado a um ser cósmico, garantindo a sua completude e a consolidação da sua identidade.

1.3 MOTIVAÇÃO DIDÁTICA E MOTIVAÇÃO PRÉVIA.

Se a *motivação didática* – curiosidade - não se realizar, é muito provável que a *motivação prévia*, ou seja, aquela tensão nervosa da primeira fase do estudante diminua e se perca através de aulas rotineiras e falhas na negociação do aprendizado, levando ao não preenchimento de todas as necessidades.

No ensino-aprendizagem de língua inglesa, para garantir o preenchimento das cinco necessidades individuais, independentemente da hierarquia, há grandes desafios a serem vencidos para se conseguir – com essa prática - um fazer mais produtivo entre as partes envolvidas: professores, estudantes e escola.

Freire (1996) convoca-nos a vivenciar a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participando de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, pedagógica, estética, em que a beleza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a ética. Num ambiente assim, o clima genuíno para a motivação se expande e continua a direcionar decisões e escolhas, favorecendo aos estudantes autônomos sujeitos da sua prática, agentes, e não mais pacientes do processo. E, conseqüentemente, realizados e com todas as suas necessidades preenchidas.

Quando chegam às aulas de inglês os alunos trazem sua vontade, sua curiosidade, seus valores, suas crenças, seus desejos e suas esperanças. A aula, o

ambiente, o professor, as posturas de ambos, e fundamentalmente, as ações e conquistas pessoais vão dando a esse processo mais combustão (motivação) para continuar a se expandir.

Freire (1996) ainda institui a felicidade e a esperança como requisitos fundamentais para que o processo de ensino-aprendizagem se estabeleça com êxito para todos. Ele diz:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana. (FREIRE, 1996, p. 80)

Em não se valorizando, nem se respeitando tais riquezas pedagógicas (professores e alunos), o combustível acaba e não se renova e, por conseguinte, a esperança morre. As aulas ficam mecânicas, sem vida e sem alegria de ambas as partes. Neste ambiente negativo, sobressaem mais defeitos do que qualidades. Lomônaco (1984) diz que não é muito difícil surgirem conflitos entre colegas de sala e com a matéria. Curiosamente neste ambiente desmotivado e sem energia parece se sobressair mais do que aquele em que a motivação está presente. Isto é, as pessoas parecem se preocupar de verdade com a motivação quando, de fato, ela está ausente.

Para George Snyders (1996), em seu livro *alunos felizes* não devemos ceder ao desânimo, mesmo considerando a prática das aulas no dia a dia, como algo espantoso: professores e alunos vivem em condições realmente lastimáveis, com classes geralmente cheias, locais inadequados, cansaço e angustias. Para o autor, ambas as partes estão essencialmente preocupadas em sobreviver podendo-se, uma vez ou outra, sentir algum prazer, tanto melhor. Mas quantos possuem a força, a audácia de abrir verdadeiras perspectivas à alegria – e aos meios de alcançá-las?

Embasados por uma visão behaviorista e estranhando a maneira como a falta de motivação é valorizada em detrimento do próprio ganho de motivação por parte do estudante, Witter (1984) relata o seu entendimento sobre motivação como aquele sentimento capaz de promover a facilidade no aprendizado e, quando ausente, causar lentidão da produção, ou até, ineficácia da aprendizagem. O autor complementa: “parece que a falta de motivação para a aprendizagem, e não as respostas em que ela aparece positivamente tem merecido mais a atenção de todos”. (WITTER, 1984, p. 40).

O conceito de motivação, segundo Witter, refere-se àquilo que viabiliza uma estrutura analítica do processo através do qual o comportamento pode ser ordenado, classificado e conceitualizado. Pois o termo, segundo ele, refere-se a conceitos e construtos que são postulados a partir de comportamentos observados.

Trata-se, portanto, de uma visão eminentemente empírica de um objeto de estudo, sem a preocupação de adentrar nos meandros da natureza subjetiva de cada indivíduo e suas exteriorizações relativas. Ele conclui a sua conceituação de *motivação* da seguinte forma:

Entre as múltiplas concepções de motivação, possivelmente a que coloca a motivação como aspecto mais central é a que tem sua origem na teoria da evolução. Desde os primórdios desta teoria surgiram variações em termos de comportamento motivado, sempre destacando a utilidade funcional do mesmo em termos de sobrevivência e de desenvolvimento. Nesta concepção, todo comportamento é motivado e serve às necessidades do organismo. Sem motivação não há comportamento. Este é instrumento ou meio pelo qual a necessidade é satisfeita. (WITTER, 1984, p. 37-38)

Em todos os ramos da atividade humana, nenhum indivíduo realiza algo, por livre e espontânea vontade, sem que esteja motivado internamente. Com o aprendizado não é diferente. Com a língua inglesa mais especificamente, a situação se torna *sui generis*, haja vista a diversidade de valores e crenças envolvidas num contexto tão amplo que é – para os alunos - a busca pelo conhecimento de uma língua e de uma cultura diferentes das deles.

Nestes contextos, não deveriam estar presentes crenças que originam e mantêm preconceitos do tipo: a) homens aprendem mais facilmente do que mulheres; b) estudantes brancos aprendem mais rapidamente do que os estudantes negros; c) estudantes de classe A e B aprendem Inglês mais facilmente do que os de outras classes, d) a cultura européia e a americana são melhores do que a brasileira; dentre outras.

A permissividade com essas crenças na sala de aula retira da aprendizagem a sua característica mais valiosa: a integração. Se fizermos o possível para facilitar a alegria e o respeito mútuos dentro da sala de aula, as crenças negativas não encontrarão espaço para atuarem em nossas escolhas e práticas. É para isso que existe a sala de aula: um espaço onde o intelectual e o afetivo se unem contra as crenças negativas e em favor da solidariedade.

Snyders (1996) acredita que existe uma possível unidade do intelectual e do afetivo, apesar de todas as discordâncias evidentes. Para ele, essa é a constatação de que o desejo de compreender e a alegria de conhecer se acham tão profundamente enraizados em nós quanto a necessidade de amar.

Surpresos com as estranhas discrepâncias nas pesquisas sobre as diferenças étnicas e de gênero, (SCHUNK AT AL, 2002) diz que há uma aceitação muito comum de que a motivação reflete as diferenças individuais, de grupo e culturais. Entretanto, vários pesquisadores têm explorado estas diferenças e descoberto, por exemplo, que a motivação pode variar como uma função cultural, status socioeconômico, questões étnicas, gênero e nível de habilidade. Isso não significa que não podemos fazer generalizações sobre motivação, mas sim, que devemos avaliar muito criteriosamente as questões envolvendo as características dos aprendizes com os quais estamos lidando.

As diferenças individuais ajudam a compreender que, significativamente, não existe qualquer conceito fechado ou exato da realidade. O cuidado que devemos ter ao lidarmos com a avaliação e com o julgamento das reações e do desempenho dos estudantes deve levar em consideração a tolerância que precisamos saber exercitar em relação às diversidades e aos conteúdos sócio-culturais, étnicos e de gênero dos quais podemos extrair bons aprendizados.

Diversos estudos indicam que as concepções próprias de habilidade e eficácia estão relacionadas igualmente às conquistas acadêmicas. Entretanto, Samuel Netto (2002), em *psicologia da aprendizagem e do ensino*, diz que a concepção da aprendizagem como processamento humano de informação supera o tradicional conflito entre visão comportamental extremada da aprendizagem e o ponto de vista oposto, depreciativo do comportamento. E esclarece o seguinte:

A imagem do aprendiz que emerge dessa nova maneira de conceber a aprendizagem é sensivelmente distinta da convencional, herdada de posturas associacionistas / behavioristas dominantes na primeira metade do século atual. (NETTO, 2002, p. 112).

Ao longo do tempo, formam-se, na base dessas fundamentações sociais e culturais – conhecidas como valores e crenças - preconceitos capazes de imobilizar o nascimento de qualquer desejo mais profundo do indivíduo de imergir na cultura e no domínio de uma língua.

É importante salientar, entretanto, que a motivação intrínseca (desejo) pode nunca morrer no indivíduo. Mesmo que ele desista de estudar Inglês, por exemplo, ou nunca comece. Se existir desejo intenso por aquela conquista, a sua motivação não se extinguirá. Faltarão, no entanto, a orientação e o direcionamento necessários ao alcance da meta esclarecida por Schunk et al (2002).

No caso da motivação extrínseca, esta pode mudar, aumentar, diminuir ou desaparecer tão logo surjam eventos diferentes e mais atrativos para preencher as necessidades de uma pessoa.

O entendimento pedagógico de Cunha (2002) sobre o significado de estar motivado corrobora com o que foi dito acima e nos orienta - professores e alunos – a pensar melhor sobre a importância dos nossos sentimentos direcionadores das nossas vontades. Gonçalves & Perpétuo (2002) dizem que é pelo desejo que o ser humano é necessidade. O ser humano é necessidade sempre que o desejo surge. A partir do momento em que essa necessidade é satisfeita, o desejo passa a subsistir, numa ordem inversamente proporcional. E complementam o seu raciocínio dizendo que estar de barriga cheia é estar com o coração ansioso; que quando o coração está tranquilo o caminhar é mais inquieto.

Pelo desejo, o ser humano é ansiedade. Acalmada a ânsia, o desejo subsiste. Pelo desejo, o ser humano é rebelde. Afogar o desejo é sufocar o humano. Por isso, “ensinar é seduzir”, acender a fogueira do desejo é atizar a esperança. (GONÇALVES & PERPÉTUO, 2002, p. 12).

O entendimento mais atual demonstra que não é necessário preenchermos as necessidades básicas (fisiológicas, segurança, social) para nos sentirmos auto-realizados. A ansiedade, ou seja, aquela tensão intelectual vai existir mesmo se tivermos preenchido todas as necessidades. Freire (1996) diz que é na incompletude, no inacabado que o ser se realiza.

1.4 MOTIVAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR.

O pesquisador Lev Vigotsky (2004) suscita a educação como algo que acaba significando sempre a modificação do comportamento hereditário e a inoculação de novas formas de reação. Associe-me a este pensamento em parte, devendo acrescentar que, sem motivação, não há aprendizagem, integração e comprometimento. Não somos

reprodutores fiéis do comportamento dos nossos pais. O que somos e fazemos reflete as nossas experiências com eles e o que re-significamos - conscientes ou não - sobre a nossa prática nas relações com o mundo que nos cerca.

Não me refiro ao mecanicismo do sistema educacional que divide, em séries, o aprendizado que o aluno deve receber. Refiro-me à educação refletida por Paulo Freire: a que transforma o ser humano e o motiva; dá-lhe motivos para ser partícipe da sua produtividade, associado ao mundo e receptivo às mudanças. Freire (1996) observa que a raiz mais profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funde na natureza inacabada e da qual se tornou consciente. E complementa dizendo:

Porque se a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas com relação aos modos de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a serem encarnados. [...]. Para que a educação não fosse uma forma política de intervenção no nosso mundo era indispensável que o mundo em que ela se desse não fosse humano. (FREIRE, 1996, p. 125)

Essa discussão sobre motivação e educação, como também esse diálogo assimétrico entre Freire e Vigotsky, leva-nos a perceber o quanto os discursos estão abertos para novas propostas e outros mecanismos viabilizadores de projetos, acima de tudo, reflexivos sobre a nossa prática. Não podemos conceber uma educação cujas práticas não sejam constantemente revisadas, questionadas no seu direcionamento e orientação. Não podemos conceber uma educação cujo foco não seja motivar indivíduos para serem independentes, reflexivos, pragmáticos, autônomos, conscientes do seu papel e daquilo que lhe é oferecido para que o desenrolar das ações, nas experiências reais, seja realmente eficaz.

Lieslie Dickinson (1994), em *learner autonomy*, diz que aprender é um processo que está relacionado a alguns componentes primordiais como: os caminhos com os quais os estudantes se comprometem, o professor, o ensino, o material didático e o ambiente de estudos. Toda forma de contribuição para que o ensino-aprendizagem seja mais eficaz e mais libertário é bem vinda. Todo material humano e didático disponível para o aprendizado tem sua importância e pode ser usado mais intensamente ou não, a depender das necessidades do grupo.

É fundamental também que os estudantes se conscientizem, como alerta Schunk et al (2002), das suas responsabilidades quanto às escolhas e direcionamentos. Para (DÖRNEY, 2003, p. 73), dominar uma segunda língua implica, em algum nível, envolver-se com a identidade e a cultura daquela língua alvo. Penso que se não for assim, a motivação do aprendiz desaparecerá ou, sequer, surgirá.

Para Vigotsky (2004), estar motivado para aprender e, conseqüentemente, reagir ao estímulo interno que lhe faz interagir com o mundo é estar alerta aos estímulos recebidos. Ele diz:

Todo ato nosso é forçosamente antecedido de alguma causa que o suscita em forma quer de fato ou acontecimento externo, quer de um desejo interno, motivação ou pensamento. Todos esses motivos de atos são os estímulos das nossas reações. [...]. A reação é sempre uma reação do organismo a essas ou aquelas mudanças do meio, sendo um mecanismo de adaptação sumamente valioso e psicologicamente útil. (VIGOSTKY, 2004, p. 15).

1.5 ASPECTOS MOTIVACIONAIS DOS GRUPOS INVESTIGADOS

Ao avaliar os aspectos motivacionais dos grupos nos quais coletei os dados para esta pesquisa, percebi neles uma vontade maior de aprender do que a de desistir ante as dificuldades estruturais envolvidas. Apesar de alguns alunos reclamarem da falta de aulas e do desinteresse de alguns professores, especificamente na UNEB, estes estudantes almejam concluir o seu curso, apesar de saberem que a transmissão dos conteúdos está prejudicada.

Numa entrevista para esta pesquisa, sabendo que estavam sendo gravadas, duas alunas do terceiro semestre de Letras da UNEB expuseram suas frustrações em relação à instituição e a alguns professores. Para elas, a UNEB não exige dos professores a assiduidade. Alguns destes mostram-se despreparados para a disciplina que ministram e desinteressados em fazer um bom trabalho. Isso, segundo elas, não as motiva, embora não pensem em desistir.

É o que fica evidenciado nos seguintes depoimentos:

CLEIDINÉIA: tem algumas disciplinas que a gente não tem professor. E. Assim, a se, a gente tem eu sempre falo mesmo que esse terceiro semestre ia ser assim maravilhoso pra mim. Porque todos os professores, de inicialmente, é... mostraram que iam, é... as aulas iam ser em inglês, tal. E a gente ia ter condições de aprender bem mais. Porque, como é que pode ser, o professor faltar! Professor faltando demais!! Mesmo, nesse caso, a gente sabe que é problema de saúde e

tal. Mas os professores faltam às aulas demais. Os nossos alunos, os nossos colegas de sala tão totalmente desinteressados. Ainda, chegam atrasados. A ge, agente que chega cedo fica sem aula.

POLIANA: e o professor também. Tem professor que não sabe nada da disciplina e está, tá ensinando.

CLEIDINÉIA: chegou pra, chegou pra gente e disse: “no próximo semestre eu não quero pegar essa disciplina porque eu, eu não gosto dela, não gosto”. Ela chega na sala de aula ah, é, ah, vai explicar o assunto pra gente... não sabe! Pede pra gente, pede pra gente preparar em casa... a, a apostila toda em Inglês.

Eu: essa... é na aula de Inglês?

CLEIDINÉIA: não é. Não. Não é na aula de inglês. Mas o, os textos são todos, os textos são todos em Inglês. Então a gente tem muito, tá ficando, tem muitos termos técnicos que a gente não conhece. No dicionário que a gente tem não tem as palavras, palavras, os termos técnicos, a gente fica sem entender. Aí pede pra gente dá aula. Quando a gente perguntar, tirar uma dúvida com ela, ela fica perdida, tem ficar procurando, buscando ler na hora! Se o professor tá preparado...

Eu: e essa disciplina é qual?

POLIANA: Análise Contrastiva

Eu: Análise?

POLIANA: contrastiva.

EU: contrastiva?

CLEIDINÉIA: acho que é nova

POLIANA: currículo novo

CLEIDINÉIA: currículo novo. Aí gente fica, pô. Eu vou tirar a dúvida com quem? Se o professor não tá preparado pra aquela disciplina.

POLIANA: e o pior. Se pelo menos se o professor que a gente sabe que não teve discernimento naquela área, mas ele procura o material. Ele procura ler e examinar antes pra ter o discernimento. E a gente percebe que ela não prepara aula, que ela não lê a apostila, a gente: professor, o que é isso? Ela: “tá onde, aonde?” ah chega aqui, tem trabalho”. Ela fica completamente perdida e fala: “eu não tava preparada pra isso. Eu pensei que eu ia dar aula... mas, não tem problema, não...essa parte aqui...”

O comentário final da estudante Poliana reflete a sua capacidade crítica de observar as falhas e não aceitá-las. Às vezes, sentimo-nos impotentes em fazer algo para

mudar a nossa realidade porque tal mudança depende da ação de mais pessoas ou até do próprio sistema que a coordena. Todavia, isso não nos impede de estarmos atentos a todo o processo, verificar suas falhas, refletir sobre elas e apontar onde e como podem surgir mudanças.

Quando Poliana diz “a gente percebe que ela não prepara aula, que ela não lê a apostila” e relata que certos professores não se preparam suficientemente para trabalharem na disciplina, demonstra estar plenamente consciente dos problemas, não aceitando ser iludida. Sua colega Cleidinéia complementa dizendo: “Eu vou tirar a dúvida com quem se o professor não tá preparado pra aquela disciplina?”

Quando não há comprometimento por parte do professor, quando não há disciplina nos procedimentos pedagógicos e quando o respeito profissional e pessoal entre alunos e professores é ameaçado, o clima da aula tende a ser muito desagradável, por não haver satisfação de ambas as partes. Prevalece então a situação em que o professor finge que ensina e os alunos fingem que estudam.

Para Netto (2002) afirma que a concretização da aprendizagem e do ensino escolar depende diretamente da efetividade do professor, isto é, da sua habilidade em fazer com que os alunos atinjam plenamente os alvos especificados para a sua educação. Essa efetividade deve ser entendida em termos do que os alunos são capazes de fazer após o ensino.

Pela experiência em sala de aula, podemos perceber a não realização da aprendizagem quando a efetividade do professor não resulta em exercício consistente para os alunos. Como consequência, a *não motivação* passa a imperar, fazendo desse ambiente um lugar inócuo e pouco convidativo.

1.6 MOTIVAÇÃO: SATISFAÇÃO E INSATISFAÇÃO.

Frederick Herzberg⁴ (apud MAXIMIANO, 2004, p. 275-276) entende que a satisfação e a insatisfação não são lados extremos de uma régua. Como se “0” de insatisfação fosse igual a “10” de satisfação. Os dois estados – satisfação e insatisfação – são processos diferentes influenciados por diferentes fatores. O estudante poderia, por exemplo, estar satisfeito com o curso e insatisfeito com as condições da escola, ou vice-versa.

⁴ Psicólogo norte-americano (1923-2000). Foi o autor da "Teoria dos Dois Fatores" que aborda a situação de motivação e satisfação das pessoas.

A conclusão de Herzberg (2004) é que o contrário de *satisfação* não é *insatisfação*, e sim, *não* satisfação. Pois satisfação e insatisfação são processos diferentes que não significam, necessariamente, opostos, ou negativos e positivos. São apenas estados diferentes subordinados a ocorrências externas e internas também diferenciadas.

Presença de fatores motivacionais	Ausência de fatores motivacionais
Satisfação	Não - satisfação
Insatisfação	Não - insatisfação

Quadro 3. Teoria dos dois fatores, de Friederick Herzberg.

De acordo com Stoner & Freeman (1994), o trabalho de Herzberg presume que as pessoas podem e irão relatar com precisão suas experiências satisfatórias e insatisfatórias. Os autores entendem que Herzberg não leva em conta as diferenças individuais. Ou seja, um fator que ocorre insatisfação em uma pessoa pode trazer satisfação em outra e vice-versa. Exemplo: quando alguém ouve um som em altíssimos decibéis, por certo, haverá algum vizinho que vai estar insatisfeito com aquele som e volume. Mas, o controlador daquele som deve sentir muita satisfação em ouvi-lo em altíssimos decibéis. Seja por estar meio surdo ou por querer demonstrar poder e vaidade. Algum motivo faz com que ele aumente bastante o volume do som.

Para entendermos essa teoria, pensemos no seguinte exemplo: um estudante chega satisfeito na escola buscando aprender e se envolver com os colegas, com as aulas e com os professores. Dessa forma, poderá fazer amigos e construir sua rede de relacionamentos e de amizades sólidas para toda a vida. No entanto, as condições externas à aula, isto é, a sala, a estrutura escolar e os livros não favorecem a concretização deste ambiente, desenvolvendo no aluno insatisfação. Ele pode estar motivado, porém insatisfeito. O oposto também é verdadeiro. E isso é uma condição individual, desconsiderada por Herzberg.

Segundo as estudantes Cleidinéia e Poliana da UNEB, a ausência de condições ideais para a realização das tarefas e a omissão de alguns professores, provoca-lhes insatisfação. Isso não permite que a sua motivação aumente, podendo, até, eliminá-la. Neste caso, a insatisfação leva à diminuição total ou parcial do desejo de continuar a estudar.

A impressão que tive é que a motivação do grupo vem diminuindo. A isso eu chamo de *vazamento motivacional* porque, como num vazamento real, o fluxo vai diminuindo aos poucos até não haver mais substância dentro do recipiente. Neste aspecto a motivação também não desaparece de uma hora para outra; vai diminuindo. O bom é sabermos que esse “vazamento” pode ser estancado e a motivação pode retornar, dependendo dos agentes envolvidos.

Este “vazamento” tem ocorrido por um longo período e nada se tem feito para conter essa perda. O que tem se refletido em todos os alunos do curso, como fica constatado pelas palavras de Cleidinéia quando diz: “Os nossos colegas de sala tão totalmente desinteressados”. Essa declaração, cheia de insatisfação, sinaliza que a motivação já está chegando ao fim; não com relação à aula de Inglês, e sim, com outras aulas e com a instituição.

Por isso, é possível que a motivação prévia, identificada no grupo pesquisado, pode ainda existir pois, se trata de um curso universitário, no qual diversos desafios, além da disciplina Língua Inglesa, serão vencidos. Para (VIGOTSKY, 2004, p. 240), é preciso dizer que, se na vida da nossa velha escola os alunos aprendiam a pensar, isto acontecia sempre a despeito da escola, porque as dificuldades que ela apresentava não despertavam o pensamento no sentido exigido pelo andamneto do processo pedagógico.

Entre os alunos entrevistados na UNEB, ficou evidente a busca para relevar tais condições e manterem viva a curiosidade e o desejo de alcançarem sua meta maior, no caso, a conclusão do curso de Letras. A meta, a meu ver, foi ajustada. Isto é, reajustada. Muitos entraram no curso buscando dominar a oralidade da língua inglesa. Entretanto, diante das ocorrências que lhes causaram insatisfação e diminuíram a sua motivação, resolveram mudar o foco para, primordialmente, obterem o diploma. Ou seja, o que antes era uma consequência, uma conquista natural, passou a ser o alvo principal da busca dos estudantes porque percebem que não vão aprender inglês a contento.

O estudo de Benno Sander (1984), em *consenso e conflito*, pode servir para analisarmos, sob uma ótica mais ampla, a aceitação geral do grupo da UNEB pela cointinuidade desse *status quo* e reforçar o entendimento sobre a reação do grupo às adversidades encontradas no curso e a manutenção da motivação instrumental, visando a obtenção da graduação em um curso superior.

O conflito, dessa forma, é superado pelo consenso. É o que fica evidenciado nas palavras de Sander (1984):

Na realidade, a sociologia do conflito se apresenta como antítese da sociologia do consenso que demonstrara ser incapaz de analisar e explicar os fenômenos da contradição e da mudança, por causa da excessiva ênfase que conferia à ordem, à harmonia e à integração. Diante desse fato, a preocupação central da sociologia do conflito é a explicação dos fenômenos do poder, da mudança social e das contradições que caracterizam a formação e a ação dos grupos sociais, das organizações humanas e da sociedade como um todo. (SANDER, 1984, p. 29).

A língua inglesa, nesse contexto de conflito e consenso, passa a ter menos importância do que tinha. A motivação intrínseca para o estudo de inglês, não estimulada no início do semestre, é transferida para a recompensa maior que é obtenção de um diploma de graduação. E o estudo dessa língua inglesa torna-se um “obstáculo” a ser vencido apenas pela formalidade exigida e menos pelo entusiasmo de aprender uma língua estrangeira. Apesar de os estudantes mostrarem-se *não satisfeitos* com o andamento dos trabalhos daquela matéria especificamente, sua motivação não se perderá enquanto o objetivo a ser atingido for a conclusão do curso.

Para Sander (1984), o exercício da competência humana, na consolidação da identidade, é pressuposto necessário à prática reflexiva sobre o homem e a sociedade, resultando na autonomia. Essa prática se fortalece pela capacidade de lidar com situações diferentes, através dos conhecimentos construídos e redirecioná-los para a resolução dos conflitos. Conflito e consenso são avaliados e resolvidos através de estratégias voltadas para as decisões pessoais e intransferíveis do dia a dia, como também, para as questões que afligem as comunidades e a humanidade.

1.5 EFEITOS DA NÃO - MOTIVAÇÃO E ATIVIDADES LÚDICAS.

i) Frustração – Resignação – Agressão

Estudantes motivados se empenham mais, se envolvem mais. Isso é fato. A motivação é o ponto de partida para se construir um ambiente propício ao aprendizado. Para que o ambiente seja favorável a assunção de posturas, condições e ações que atinjam o objetivo pré-determinado é mais importante do que se pensar em práticas pouco eficazes. Um exemplo claro disso é a aplicação de atividades lúdicas em sala. Tais dinâmicas são produzidas mais para promover uma *relaxing class*, o que não significa que os alunos estejam motivados na disciplina.

O ambiente psicológico da sala de aula (DÖRNEY, 2001, p. 41) é constituído por um número de componentes diferentes. Um destes é a forma como o professor lida com os alunos. Quando há segurança e apoio aos estudantes, a regra da tolerância prevalece, fazendo com que os estudantes sintam-se confortáveis e assumam riscos porque sabem que não serão ridicularizados ou criticados ao errarem.

Algumas vezes, a prática de atividades lúdicas podem causar constrangimento ao estudante e fazê-lo desistir completamente da aula, retraindo-se ou afastando-se totalmente do curso. Quando estudava Espanhol, testemunhei situação parecida. O professor, tentando gerar um clima “alegre” na aula pediu a uma aluna, em tom de brincadeira, para dizer o significado de *saco*, que em Espanhol significa *paletó*. Ela não entendeu a brincadeira. Resultado: chateou-se com o professor e afastou-se da turma.

Não se pode dizer, no entanto, que as atividades lúdicas não são úteis para melhorar o nível de humor na aula. Mas é preciso entender que elas não passam de técnicas e como tais devem ser executadas com certa dose de parcimônia. As estratégias, portanto, são algo a mais. Já o dissemos. Trata-se de algo diferente em cada indivíduo. Cada indivíduo tem motivações diferentes para criá-las ou executá-las, pois suas realidades são também diferentes.

A heterogeneidade e a relatividade das atitudes fazem-nos ter a nítida idéia de que estamos sempre nos renovando em favor da nossa auto-realização. Só que não podemos pensar numa auto-realização estática, limitada. A todo momento sentimos a necessidade de nos realizarmos. Quando não conseguimos atingir o objetivo estabelecido anteriormente, então ocorre a *frustração*, isto é, quando as necessidades não são atendidas. Como consequência, agimos através da fuga ou da compensação como resposta ao aumento da ansiedade.

Maximiano (2004), conforme demonstrado no quadro da página 37, diz que quando a motivação não atinge o resultado esperado, ocorre, além da *frustração*, a *resignação* ou a *agressão*. Na *resignação* o grupo ou a pessoa se deixa abater pela frustração e se entrega a um estado de desânimo ou de fatalidade. A partir daí, o indivíduo desiste de lutar pelos seus desejos porque entende que uma força maior do que a dele assim o quer. Ex: vontade de Deus, ordem dos pais ou dos chefes, etc.

Para Lieury & Fenouillet (1996), o processo de resignação na criança é atribuído à não-aprendizagem devido a uma inadequação pessoal. Isso não é diferente do que acontece com adolescentes e adultos. Se o aluno desiste de estudar Matemática por

sentir-se incapaz de aprender essa disciplina, resigna-se e acomoda-se na sua suposta incapacidade.

As crianças resignadas [...] não esperam mais ter sucesso. Além do mais, começam a ter sentimentos negativos. O principal é uma aversão pela tarefa, declaram-na enfadonha e revelam-se ansiosas, mesmo que, pouco antes, tenham achado agradáveis tanto a tarefa como a situação. (LIEURY & FENOUILLET, 1996, p. 98).

De acordo com (MAXIMIANO, 2004, p. 273) a agressão representa uma forma de ataque físico ou verbal, associado ao sentimento de ira e hostilidade. Pode ser um palavrão, um chute na parede ou uma ofensa direta ao professor. Exemplo: palavrão, quebrar objetos, bater em alguém, etc.

As reações relacionadas à não - motivação variam de um indivíduo para o outro. Essas reações são o resultado, muitas vezes, de um processo de desmontamento das expectativas que perdura por muito tempo. Por isso, faz-se importante observar todos os momentos do ensino-aprendizagem, avaliando as falhas e as qualidades para combater os pontos fracos de forma a normalizar os ganho e perdas dos sujeitos envolvidos no processo.

Frustração	Busca de atividade ou recompensa alternativa, busca pela compensação.
Resignação	Conformidade, apatia, desistência.
Agressão	Ira e hostilidade e ataque verbal ou físico.

Quadro 4. Adaptado de Maximiano, (2004, p. 273).

O desempenho do aluno com a participação dos seus colegas e professores é fundamental para que o resultado satisfatório advenha. Não alcançar o resultado positivo não significa que o processo de ensino-aprendizagem está condenado a dar errado. Pelo contrário, em alguns sistemas as operações são feitas de modo a esperar um resultado não tão significativo, contudo, adequado à situação do grupo ou da pessoa.

Em se tratando de motivação, os resultados negativos não podem ser descartados como se fossem dados irrelevantes. Se surgem mais resultados negativos do que positivos estes podem ser usados para uma avaliação mais criteriosa sobre o porquê de não se haver obtido resultados mais satisfatórios. Devem servir também como

motivação para a continuidade do processo ou o seu recomeço. Isto vai depender de todos os envolvidos nas tarefas: alunos e professores.

Um exemplo disso é a reprovação no vestibular. Muitos estudantes perdem dias e noites estudando para conseguirem aprovação em cursos altamente concorridos como Medicina, Direito, Odontologia, dentre outros. Quando não conseguem, sua motivação é frustrada naquele momento. Mas, ao invés de se desestimularem, os “derrotados” no certame, costumam voltar a praticar as mesmas tarefas e a se empenharem, em alguns casos, muito mais para a futura prova. A combinação do esforço com o desempenho e o resultado continua a valer, só que sempre tentado reverter o valor do resultado obtido anteriormente.

Se não fosse a motivação intrínseca, os estudantes não se estimulariam a desenvolver novas tarefas para o mesmo objetivo. Se apenas estivesse presente a motivação extrínseca, aquilo que lhes interessava exteriormente não mais teria o mesmo significado depois do resultado negativo. Em sendo assim, não estariam estimulados a recomeçar. De acordo com Lieury & Fenouillet (1996), quando os indivíduos estão intrinsecamente motivados, tendem a atribuir a si mesmos a causa de sua atividade (“isso me interessa”), sentem-se auto-determinados. Ao contrário, se estão extrinsecamente motivados, a causa de sua atividade parece-lhes externa (escola obrigatória) e, conseqüentemente, sentem-se menos determinados.

Um entendimento amplo sobre motivação é muito útil para as avaliações comportamentais dos grupos a fim de podermos aferir o quanto tal grupo conseguiu manter e/ou aumentar o seu entusiasmo. Os conceitos ajudam-nos a formar um arcabouço teórico sobre aquilo com o qual lidamos no dia a dia. Entretanto, o espaço de estudo da motivação é amplo e maleável em relação às novas idéias e outros saberes.

Witter (1984) afirma o seguinte:

O construto utilizado no caso de motivação deve ser consistente com o restante dos conceitos, das regras e dos princípios que compõem a teoria. O fato de usarem o mesmo vocábulo não quer dizer que vários autores estejam se referindo a um mesmo fenômeno, a um conjunto idêntico de variáveis. (WITTER, 1984, p. 38).

Estar motivado significa criar expectativas e, principalmente, mantê-las. Essa relação consciente, mas conflituosa, entre criar e manter desejos e projetos faz parte de todo um processo de “ganhos e perdas” entre as partes. Estas perdas e ganhos estão

relacionadas às experiências onde há trocas de informações, colaboração de métodos e metodologias capazes de viabilizar tarefas para se atingir um determinado resultado.

O resultado, por sua vez, é inteiramente dependente dos dois processos que o antecedem e que os chamo de *desejo e ação*. Mas não é demais dizer que sem ação que compreenda esforço e desempenho não haverá resultado satisfatório.

É pouco provável alguém sentir-se feliz quando não faz a sua lição de casa antes de partir para outras empreitadas. O dever de casa é a criação e a manutenção do seu projeto pessoal de vida. O indivíduo tem de se questionar porque está no mundo, se ele pode ser útil para si e para os outros e se o seu desejo é crescer intelectual, cultural e economicamente.

Se a motivação interior é muito forte e focada no alvo, sua existência será duradoura e, provavelmente, alcançará o resultado positivo. As forças da natureza, como em qualquer processo dual de interferência, estarão sempre agindo de forma a provocar, instigar, opor-se ao que a pessoa busca. Cabe a essa motivação interna, iniciada pelos questionamentos existenciais, estabelecer um propósito forte contra todas as adversidades.

No caso do ensino de língua inglesa como língua estrangeira, a situação é muito semelhante. Observemos que as condições adversas ao estudante, quase sempre, são maiores do que as favoráveis. Se não houver, por parte desse aluno, um forte propósito direcionado para tal conquista, por certo, haverá a frustração, ocasionando a resignação ou a agressão. Neste caso, cabe a avaliação contínua do processo, tanto do aluno quanto do professor.

Para Piaget (2006), a avaliação do trabalho contínuo do aluno não está relacionada apenas ao professor. Num ambiente de métodos ativos, o aluno pode dar seu pleno rendimento, enquanto em qualquer outra situação própria dos métodos receptivos o perigo é superestimar os fortes, sem perceber as qualidades daqueles que não têm chance de se manifestar.

1.7 MOTIVAÇÃO: ESTÉTICA DA SENSIBILIDADE.

i) Política de igualdade.

A motivação está ligada à estética. Não falo daquela estética estruturada e formalizada pelos institutos do estado político para terem como referência um padrão

“superior” de beleza e envolvimento. Refiro-me à *estética da sensibilidade*. Esta estética significa mudança, descoberta de outros valores e re-significação de pessoas e ambientes. Trata-se do reconhecimento e valorização da diversidade presente nas salas de aula de Inglês onde há expressões genuínas das realidades próprias dos gêneros, das etnias e das diversas regiões e grupos sociais do nosso país.

Associado a essa estética sensitiva, humana, despida de preconceitos, está a política da igualdade. (PCNs, 1999, p. 75-76). É através dessa política que podemos expressar as nossas condutas de participação, solidariedade, respeito e senso de responsabilidade, pelo outro. O seu fundamento, então, não poderia deixar de ser outro senão a estética da sensibilidade para que, através dela, possamos quebrar estereótipos, vencer preconceitos e promover tratamento diferenciado, visando a promover igualdade entre desiguais.

Numa escola inspirada na estética da sensibilidade, o espaço e o tempo são planejados para acolher e expressar a diversidade dos alunos e oportunizar trocas de significados. Nesta escola, a descontinuidade, a dispersão caótica, a padronização, o ruído cederão lugar à continuidade, à diversidade expressiva, ao ordenamento e à permanente estimulação pelas palavras, imagens, sons, gestos e expressões de pessoas que buscam incansavelmente superar a fragmentação dos significados e o isolamento que ela provoca. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999, p. 76).

Pessoas motivadas conseguem mais facilmente mudar a sua realidade pessoal. A motivação é condição *sine qua non* para que passem a existir indivíduos capazes de tomar decisões e estabelecerem metas. Isto é, pessoas autônomas. Se a estética da sensibilidade e a política de igualdade são exercidas plenamente, está formado o lugar ideal para que a motivação se desenvolva e resulte na autonomia.

A motivação é um desejo orientador e direcionador, enquanto a autonomia é uma condição do indivíduo em relação ao ambiente em que vive. Para ser autônoma a pessoa tem de vencer obstáculos sociais e culturais opressores, prontos para manterem a ordem das coisas, sem questionamento e com discurso de poder.

Sem essa motivação instigadora, que provoca inquietude, que valoriza a igualdade, que busca aprimoramento permanente pelo prazer de fazer bem feito, e à insatisfação com o apenas razoável, quando é possível realizar o bom, a tarefa de transformar fica muito mais árdua.

Os PCNs (1999) dizem que essa visão implica num esforço para superar a antiga contradição entre a realidade da grande estrutura de poder e o ideal da comunidade perdida que ocorrerá pela incorporação do protagonismo ao ideal de respeito ao bem comum. A apreensão de determinado fenômeno depende dos instrumentos sógnicos de que se dispõe. Esses instrumentos vão moldar as ações internas e externas do indivíduo e vão, portanto, influenciar as relações entre pessoas.

Motivação tem a ver com o *devoir*, - palavra que qualifica a mudança constante, a futuridade de algo ou alguém; motivação tem a ver, também, com afirmação, com a imagem que fazemos do outro e projetamos de nós mesmos. Enfim, motivação tem a ver com metas que se delineiam em imagens.

Diante do que até agora foi exposto, é possível então resumir a idéia da motivação impulsionadora desta pesquisa. Vale a pena trabalhar com a motivação do universo cultural do aluno de inglês; com a motivação estética, com a imagem do sucesso, com a elegância, com o refinamento e a competência profissional.

Motivação é o que leva a pessoa a agir com independência das opiniões alheias. Não significa que deva desprezá-las, mas não se deixar dominar por elas na construção da sua caminhada. Aprender inglês é uma trajetória que pode representar alegria e envolvimento, desde que o estudante faça o mapa do seu aprendizado e focalize o objetivo a ser alcançado.

Pode ser também pouco prazeroso se o contato com essa língua frustrar suas expectativas e o fizer desistir. Em todo o processo, a motivação é o seu combustível; depende, em grande parte, de ele próprio manter a motivação.

CAPÍTULO 2: A AUTONOMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM.

2.1 ESTUDANTES E PROFESSORES AUTÔNOMOS

Durante as entrevistas no IAENE e na UNEB, ao perguntar o que os estudantes entendiam sobre autonomia, obtive respostas que variavam de isolamento até egoísmo. Agora faço essa pergunta para mim. O que eu entendo por autonomia? Penso que é a capacidade de o indivíduo agir consciente de que as suas decisões foram projetadas e assumidas por ele. Autonomia é a condição que a pessoa exerce sabendo que está a instituir a sua capacidade de assumir riscos tomar decisões para alcançar os seus objetivos.

Ruth Rocha (1996) define autonomia como a faculdade de dirigir-se livremente, de acordo com sua própria vontade e independência de qualquer ordem. O indivíduo autônomo é o que se rege por leis próprias, independentes. Para tanto, ele precisa ter consciência delas e saber como utilizá-las nas atividades que lhes exigem determinação e prudência, sem se sentir oprimido.

Autonomia deve ser entendida como uma condição do indivíduo relativa ao meio em que se encontra e com o qual ele se sinta capaz de interagir. Indico a liberdade como condição principal para o exercício da autonomia. O amadurecimento intelectual e emocional é uma característica própria daqueles que se inquietam com as arbitrariedades. Para agir dessa forma, a conscientização da liberdade é fundamental para levar o indivíduo a tomar iniciativas.

Não existe a autonomia pura, como se fosse uma capacidade absoluta de um sujeito isolado. Por isso, só é possível realizá-la como processo coletivo e que implica relações de poder não autoritárias. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS , 1998, p. 35)

De acordo com Freire (1996), na sala de aula, o estudante deve encontrar meios que propiciem a sua autonomia para que ele se torne também um colaborador e um associado dos projetos montados para a aula. A tendência, então, do educador – educando (FREIRE, 2004, p. 72) como dos educados – educadores é estabelecerem uma forma autêntica de pensar e atuar. Pensar-se a si mesmos e ao mundo, simultaneamente,

sem dicotomizar este pensar da ação. E levar o aluno a fazer parte deste pensar a fim de contribuir mais com enriquecimento dos seus estudos.

A pesquisadora Diane Houghton (1991) diz que o estudante autônomo, autodirecionado, no aprendizado da língua, como disciplina acadêmica, pode ser considerado um modelo de autonomia. Ser um estudante autônomo também significa não permitir ser oprimido por quem quer que seja o opressor. As palavras mansas dissimuladas e as atitudes centralizadoras podem indicar quando se quer oprimir ou alguém está prestes a ser oprimido.

Uma reflexão mais apurada de Freire (2004) chama a atenção para o fato de que a condição de ser oprimido ou opressor denota a nossa inabilidade de lidarmos com o medo da liberdade, de que se fazem objeto os oprimidos. O perigo está em, consciente ou inconscientemente, pretendermos ser opressores ou mantermos os que no cercam presos à condição de oprimidos.

No aprendizado de língua inglesa, a prática interativa, construtiva e o poder de escolha são posturas muito úteis para o surgimento da autonomia. Portanto, essa é a condição básica para conviver com os riscos, as incertezas e os conflitos. Sem ela, assumir posturas construtivas torna-se difícil porque a pessoa perde a confiança em si. Dessa forma, a autonomia tornou-se condição de sobrevivência para todos.

Dickinson (1994) vê autonomia como um processo no qual a atitude em relação ao aprendizado é mais marcante do que a própria metodologia envolvida. Segundo a autora, muitos pesquisadores se arvoram em definir autonomia, mas isso não vai possibilitar um entendimento maior. O importante é fazer dessa condição um instrumento para favorecer novas propostas e entendimentos no desenrolar do processo em sala de aula.

Para Dickinson (1994) a autonomia não é uma licença para que o estudante se comporte sem qualquer limitação. No entendimento da autora, é importante mostrar que sua autonomia não lhe dá o direito de fazer na ou da aula o que bem entender. Pois, no cotidiano somos levados a conhecer os nossos limites e deveres. Por isso, temos regras sociais de convívio que regulam estes limites.

Fiori (2004) diz que o exercício das qualidades inerentes ao ser humano, não é adaptação: o homem não se naturaliza, e sim, humaniza o mundo. A hominização não é processo biológico, mas é um processo histórico-social.

Quando estes comportamentos destoam dos que são esperados para um bom convívio, fica caracterizado o desrespeito às individualidades, ao *etho* (costume) e ao espaço do outro.

Todo o envolvimento do indivíduo com quaisquer ações na sociedade, no seio da família, na empresa onde trabalha, no clube que frequenta, na igreja onde exercita sua fé, é baseado em valores éticos e comportamentais característicos do homem social, distante da selvageria.

Na sociedade moderna, as relações hierárquicas mostram-se mais fortes à medida que o homem se percebe mais vinculado aos propósitos de manutenção da sua espécie e da sua subsistência.

Ao entender o poder como possibilidade de atuação, de interferência e determinação de rumos na sociedade, verifica-se que, para haver uma sociedade democrática, o exercício do poder deve se dar numa perspectiva de pluralidade. (PCNs, ensino fundamental, 1998, p. 55)

A perspectiva da pluralidade representa a ação do indivíduo querendo sobreviver não pela força bruta, mas pela habilidade de negociar espaços, idéias e costumes para uma convivência salutar. A sala de aula, como representação desse mundo social maior, é o espaço onde podemos aprender a exercer os nossos princípios com o intuito de valorizarmos as diferenças entre hábitos, experiências e outras realidades e, dessa forma, interagindo com mais consciência em relação aos nossos direitos e deveres

Durante a fase de observações e de entrevistas, ficou evidenciado que a maior parte dos estudantes não tinha uma noção exata do que significa ser autônomo. Para estes, o principal entendimento sobre autonomia era o que faz o aluno “esquecer que o professor existe” e cuidar do seu próprio aprendizado. O professor funcionaria apenas como um “posto” de recebimento dos trabalhos e pesquisas, bem como para dar as notas finais da disciplina.

Freire (1996) pergunta: como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?

Vê-se que, apesar de já se ter escrito muito sobre autonomia e haver debates sobre o tema, o entendimento de como a autonomia pode ser exercida é ainda

distorcido. Talvez, por isso, ainda seja difícil encontrar salas de aula e estudantes verdadeiramente autônomos.

No Instituto Adventista de Ensino do Nordeste - IAENE, o mecanismo em todo o processo de ensino-aprendizagem é mantido por uma rígida estrutura didático-pedagógica, representando a hierárquica das instituições mais tradicionais. Não existem arbitrariedades declaradas. Entretanto, as hierarquias são muito bem montadas e fortes. Como fica retratado nas seguintes palavras:

Grande parte da identidade pedagógica de uma Unidade ou Rede Escolar repousa sobre as características metodológicas do trabalho docente nela realizado. Seus princípios devem estar em harmonia com sua filosofia. [...] os princípios e as orientações didático-metodológicas são apresentados para orientar e respaldar o planejamento do educador e caracterizar o caminho que deve seguir o seu trabalho. (PEDAGOGIA ADVENTISTA, 2004, p. 9)

A autonomia exercida pelos estudantes daquela unidade de ensino atende somente à questão funcional, pois, segundo Penna (2001, p. 63), ela se sustenta apenas na persistência em determinada conduta, mesmo quando a motivação intrínseca que a justificava já não existe mais. No caso em questão, o desejo de estudar inglês, de passar no vestibular, entre outros.

Outra questão fundamental (PCNs, 1998, p. 36) para o contexto escolar é a da relação entre autonomia e autoridade: permitir que valores e normas sejam discutidos, avaliados e reformulados não significa abolir, negar ou qualificar negativamente a autoridade dos educadores. Pelo contrário, reconhecê-la é fundamental uma vez que é nela que se apóia a garantia de direitos e deveres no contexto escolar.

Ter o conhecimento dos limites entre autoridade e autoritarismo significa saber monitorar a nossa prática até o ponto em que ela não agrida a liberdade e escolha do outro. É sabermos recuar quando percebemos que estamos a invadir os territórios de outras identidades. Isto é, não permitindo a ação arbitrária e individualista. Sobre esse aspecto, Freire (1996) diz o seguinte:

É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o meu dever. Não resolvemos bem ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade – liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade. (FREIRE, 1996, p. 68)

2.2 ATITUDES PERANTE O APRENDIZADO.

A atitude em relação ao aprendizado é a maneira pela qual o estudante reage perante os desafios e dificuldades que lhe são apresentadas. Ser autônomo é enfrentar as adversidades, assumir decisões e escolhas não necessariamente positivas.

Saber escolher não é simplesmente escolher o melhor. Aparecerão, neste jogo, resultados também negativos; e a autonomia surge quando sabemos lidar com estes resultados; serão descartados? De que maneira eles podem ser aproveitados em prol do indivíduo e do grupo? Esta é uma decisão que não pode ser tomada isoladamente.

Pessoas autônomas conseguem lidar com diferenças e conflitos, aproveitando delas todas as lições para melhorarem. É o que Riley (1991), no seu estudo sobre autonomia etnográfica, diz quando se dá conta de que o estudante autônomo e reflexivo busca sacrificar seu desempenho bem sucedido a fim de evitar erros, preferindo transformar sua experiência pela reflexão sobre a sua prática.

O lingüista norte-americano Dimitrios Thanasoulas (2002) dá um entendimento prático para o que significa autonomia na vida de um estudante e qual é a diferença entre agir com autonomia e agir simplesmente sem observar algumas condições importantes para que esta se estabeleça.

At this juncture, it should be reiterated that autonomy is not an article of faith, a product ready made for use or merely a personal quality or trait. Rather, it should be clarified that autonomous learning is achieved when certain conditions obtain: cognitive and metacognitive strategies on the part of the learner, motivation, attitudes, and knowledge about language learning, i.e., a kind of metalanguage. To acknowledge, however, that learners have to follow certain *paths* to attain autonomy is tantamount to asserting that there has to be a teacher on whom it will be incumbent to show the way⁵.

⁵ Podemos reiterar que autonomia não é um artigo relacionado a fé, um produto feito para o uso ou simplesmente um tratamento ou qualidade pessoal. É mais do que isso. Podemos dizer que a condição de estudante autônomo é alcançada quando certas condições são praticadas: estratégias metacognitivas e cognitivas por parte do aprendiz, motivação, atitudes e conhecimentos sobre o aprendizado da língua, um tipo de metalinguagem. Reconhecer, contudo, que os aprendizes têm que seguir alguns caminhos para alcançarem autonomia é o mesmo que dizer que tem de haver um professor sobre o qual recairá a incumbência de mostrar o caminho ao aluno. Em outras palavras, o aprendizado autônomo não significa,

De acordo com Freire (2004) esse tipo de situação é o trágico dilema dos oprimidos que a sua pedagogia tem de enfrentar. Segundo Freire, a libertação, por isto, é um parto. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da condição da contradição opressores/oprimidos, que é a libertação de todos.

Quando Freire postula que não existe ensino sem segurança, competência profissional e generosidade, ele enfoca a necessidade prévia de que haja um clima favorável a que estas condições se estabeleçam e permitam o exercício da autonomia.

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. [...] Outra qualidade indispensável à autoridade em suas relações com as liberdades é a generosidade. Não há nada mais que inferiorize mais a tarefa formadora da autoridade do que a mesquinhez com que se comporte. [...] A autoridade coerentemente democrática, fundando-se na certeza da importância, quer dela mesma, quer da liberdade dos educandos para a construção de um clima de real disciplina, jamais minimiza a liberdade. (FREIRE, 1996, p.102-103).

Dickinson (1994) refere-se ao cenário físico do aprendizado para demonstrar o que *não é* autonomia. Para Dickinson, autonomia é essencialmente uma questão de atitude de aprender, mais do que o aparato físico disponibilizado para o aprendizado. Ela não descarta a importância de todo material disponível ao aprendizado, mas é categórica ao dizer que todo esse aparato, em si, não produz estudantes autônomos. É preciso mais. Ou seja, é preciso atitude.

Podemos notar esta realidade nas palavras dos estudantes do IAENE e da UNEB. Perguntei o que entendiam sobre autonomia e eles disseram o seguinte:

GALDINO (IAENE): a palavra autonomia, na verdade, ela talvez se enquadre aí em diversos contextos. Ele pode ser autônomo por se sustentar, por ele mesmo providenciar os devidos recursos pra financiar o curso, ele pode ser autônomo aí, nesse lado estudantil, por de repente, estar auto motivado a adquirir esse conhecimento que estamos, que a, o colégio, a instituição tá oferecendo. Então, depende do âmbito no qual a palavra é enquadrada. Eu sou, eu mis... é, é entendo dessa forma. O estudante autônomo é aquele que, no lado financeiro, batalha pra que possa financiar o... os seus estudos. e na, na questão acadêmica, ele tem auto motivação pra ir em busca o conhecimento que, fora daqui, ele não poderia ter.

BÁRBARA (UNEB): bom, autonomia, para mim, é você tá buscando exatamente fora da faculdade, você aprender, você estudar, você procurar outros recursos. Então, isso é uma autonomia que você tem. É um direito seu de você procurar ou não, um outro, um outro método pra aprender, já que a gente encontra essas dificuldades. Né, você tá estudando em casa, independente de, dos fatores é... que ocorrem em nossas vidas. Mas, são um, uma, uma dificuldade que a gente encontra. Eu, de qualquer forma sou autônoma, por conta da, de você que trabalhar, ter que estudar, cuidar da sua vida pessoal e da sua vida acadêmica que complica um pouco.

Os PCNs (1999) explicitam a ação autônoma e refletida sobre a realidade como aquela que exige clareza quanto aos processos sociais históricos, evitando o imobilismo cético e inseguro diante das novas situações. Tomando como ensinamento este postulado, observo que todas as transformações sempre nascem das diferenças sejam históricas, sociais ou individuais. Agir com autonomia é projetar ações que viabilizem aprendizados e soluções e não acomodar-se às imposições do sistema. Isto é, sermos independentes.

A independência nos assegura a flexibilidade de pensar e agir como bem queremos, em detrimento do que o outro espera ou exige de nós. Invocamos a independência nas nossas ações quando buscamos estabelecer caminhos mais seguros e, talvez, mais rápidos para o nosso desenvolvimento. Penso que, de fato, todos nós somos interdependentes, no tocante ao nosso livre arbítrio. O que costuma ocorrer, na maior parte das vezes, é não sabermos como exercer essa independência.

Isolamento não significa independência. Egoísmo, tampouco. Ação e respeito à alteridade, sem autoritarismo é um sinal claro de autonomia. No entanto, essa condição tem de ser exercida completamente. A independência não pode e nem deve ser apenas estrutural e material. Ela deve ser uma conquista espiritual e mental. Indivíduos livres são independentes.

A autonomia reflete a independência que sentimos. Quase sempre, somos convocados a recolher a nossa capacidade de sermos independentes, pois indivíduos independentes representam ameaça ao sistema ideológico estabelecido num local específico. Em todos os lugares podemos sentir a força desse sistema: na família, na igreja, na escola, na universidade, etc. Ser independente não significa fundar outro sistema, e sim, conviver com o que já está estabelecido, porém sem se dobrar às suas imposições desumanas.

De acordo com os PCNs – 5ª a 8ª série, (1998), os ideais de uma sociedade mais igualitária com liberdade de expressão, e as evidências do insucesso no aproveitamento

escolar tiveram fortes repercussões no meio educacional. Os valores culturais e sociais vigentes, que orientavam a escolha e o tratamento dos conteúdos, foram questionados. O papel do professor e do aluno passou a ser revisto. O respeito às necessidades individuais e o trabalho cooperativo passaram a ser o grande lema. O ideário político-pedagógico trouxe expressamente para a escola um basta ao autoritarismo existente.

Graças a esse basta às arbitrariedades, a escola tem se tornado, aos poucos, um ambiente menos cartorial e militar, e mais plural e igualitário. Isso provoca no estudante grande motivação de exercer a sua autonomia porque sabe que não irá ser oprimido pelos que pensam ou fazem o contrário. Não somos inocentes em achar que tudo acontece assim, como num passe de mágica, sem tensão e sem conflito.

Também não somos ingênuos em achar que a nossa escola já vivencia um clima de respeito e solidariedade acentuado. A mudança total vai levar ainda muito tempo. Porque não vamos mudar apenas a escola que está edificada e estruturada a partir do pensamento de um grupo de “privilegiados”. Vamos mudar a escola que está nas mentes, nos sentimentos e nas emoções dos seus agentes. Mudando-se essa, a outra será bem mais fácil. É na administração dessa contradição que se pode mediar tais contextos: autoridade, autoritarismo e autonomia.

Sander (1984), referindo-se à administração do consenso e do conflito, relata como essa administração se projeta diante das forças sociais:

A administração do consenso é uma derivação natural do modelo de sistema social aplicado à organização educacional na linha positivista e funcionalista da pedagogia do consenso. A administração do conflito se assenta no valor da contradição e de sua superação na linha crítica e dialética da pedagogia do conflito. Em ambos os casos, a administração desempenha um papel de mediação mútua e múltipla entre pessoas, grupos, classes sociais, dimensões, fenômenos e organizações no contexto mais amplo da sociedade. (SANDER, 1984, p. 97).

Dickinson (1991) alerta para não sermos ingênuos em acreditar que a autonomia resolve todos os problemas do ensino-aprendizagem de inglês. Estudantes autônomos fazem também escolhas impróprias. Isso não diminui a importância da condição de ser autônomo só pelo fato de se desperdiçar energia em fatos pouco importantes.

Freire (1996) pergunta: como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou

parte? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento?

Como professores, devemos ter especial cuidado com tal ocorrência para não visualizarmos apenas o insucesso, mas sim, atentarmos para o quanto e como podemos contribuir a fim de que os nossos estudantes, mesmo errando, mesmo apegados a atitudes e situações pouco produtivas, não se percam e desanimem-se por não se acharem capazes de exercer a sua escolha. Sobre isso, Brookes & Grundy dizem o seguinte:

Sometimes learners with considerable proficiency in one domain perform surprisingly poorly in another. Sometimes a student with insufficient English for many every day purposes surprises us with a striking skill in some particular area. The effects of our work as teachers are reflected very differently in our various learners.⁶. (BROOKES & GRUNDY, 1991, p. 3).

Como podemos perceber, criar o ambiente para que os nossos estudantes interajam e construam o seu aprendizado, não isoladamente, mas livre da aura do professor dono do conhecimento e das respostas, é um instrumento estimulador de atitudes que permite entender que não basta ter estrutura e material. O principal é a atitude desse estudante em relação ao que ele quer aprender e qual será o tipo do aprendizado em questão e qual nível de envolvimento ele terá com esse aprendizado.

Dickinson (1994) entende que a atitude do professor em relação aos estudantes autônomos ajuda-os a exercerem a sua autonomia sem ameaçar, de maneira alguma, o seu trabalho, tampouco a sua autoridade. Percebo que quando o professor não sente a sua autoridade ameaçada, ele consegue aceitar as posturas inovadoras dos estudantes e colaborar para que elas se integrem no cotidiano das aulas e das relações pessoais.

Freire (2004) é categórico ao dizer que a educação autêntica não é feita de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo. Paulo Freire

⁶ Algumas vezes, estudantes reconhecidamente capazes em um determinado conteúdo, agem surpreendentemente de maneira fraca em outra situação. Outras vezes, um estudante de Inglês, insipiente para muitas atividades diárias, surpreende-nos com grande habilidade em algumas áreas específicas. [...] os efeitos do nosso trabalho como professores refletem-se de maneira muito diferente em nossos estudantes. (BROOKES & GRUNDY, 1991, p. 3). Tradução: Gesiel de Albuquerque Silva.

refere-se ao mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Para o autor, estas visões vêm impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação.

Estar diante de alunos motivados e autônomos é um privilégio de poucos professores. Aproveitar esta oportunidade de fazer do ambiente de ensino um lugar de transformação de idéias e produção de conhecimentos significa demonstrar coragem para lidar com situações diferentes, sem temer a “concorrência”, tampouco a perda do controle sobre o grupo.

Professores preocupados em perder a sua “posição de comando” em sala demonstram insegurança quanto ao surgimento de outras realidades e saberes no processo dinâmico de ensinar e aprender uma língua estrangeira. É preciso dizer que estimular a autonomia dos estudantes e permitir-lhes, sem medo, sua atuação como sujeitos do processo, não caracteriza omissão ou indolência do profissional de educação. Representa, de fato, mais envolvimento e comprometimento com o que será feito em sala.

Isso fica evidenciado nos depoimentos dos estudantes do IAENE e da UNEB quanto relatam a maneira como sua professora de inglês lida com a disciplina e com eles:

SÉRGIO (UNEB): é...“especi”, especificamente a professora de Inglês que en, tá no caso aqui, ela faz, ela corresponde a todos esses quesitos. Ela é uma professora bem assídua. Bem, é... ela costuma preparar bem as sua aulas, tirar nossas dúvidas. É uma interação mesmo aluno / professor. Um, um lugar muito confortável mesmo de tá aprendendo, onde o aprendizado realmente acontece. Porque ela usa dos recursos pra que torne facilitado o aprendizado. É um negócio muito bom, mesmo.

GALDINO (IAENE): isso é muito particular. pra mim, sim. O professor, de fato, tem esclarecido bem os assuntos e, quem está assistindo a aula, pelo, nota que ele tem preparado com cuidado o que ele tá expondo em sala. E, geralmente, o aluno que não consegue assimilar bem o conteúdo que tá sendo exposto é porque, de fato, tem uma dificuldade de atenção ou não está estudando, dando uma continuidade. Ou seja, fora do contexto da sala de aula.

Segundo Arthur Brookes & Peter Grundy (1991), partindo de valores e conceituações envolvidas no primeiro contato em sala, enxergamos os alunos como seres humanos representantes de uma cultura. Com o tempo, os vemos como se fossem mais um móvel escolar e tendemos a nos acomodar.

Partindo desse pressuposto, analisar a autonomia do estudante é investigar as suas necessidades e dependências no tocante aos seus objetivos mais difíceis de serem atingidos, para não correremos o risco de os vermos apenas como números, notas ou objetos, aos quais não damos tanta atenção.

Se um estudante de inglês não consegue assimilar facilmente o conteúdo dado em sala, se ele não se sente apto a questionar, a esclarecer as suas dúvidas, dificilmente irá sair da condição de espectador para a de ator, intervindo, acionando processos cognitivos e meta-cognitivos.

Quando o professor não se comove com os problemas do seu aluno, por enxergá-lo apenas como mais um em sala, sua responsabilidade de educador estará afetada perigosamente, porque isto indica estar mais preocupado com os conteúdos programáticos do que com as carências cognitivas do seu educando.

Indica, também, um distanciamento entre eles, às vezes, o que, fatalmente, ocasiona desinteresse, perda de auto-estima, e desistência do seu aluno. Tais problemas surgem e não são temporizados, nem resolvidos por nenhuma das partes: professor e aluno.

Quando a parte mais interessada, no caso, o aluno, não se mobiliza para resolver as suas questões, constituem-se, então, as necessidades em aberto. Isto é, o aluno tem carências de explicação, de envolvimento, de participação, de entrosamento, de decisão, de escolha, dentre outras, mas não busca, não sabe ou não consegue preenchê-las.

O professor tem o dever moral e ético de se predispor a ajudar o seu aluno. Quando não o faz, reflete a sua incapacidade de estabelecer caminhos e propostas facilitadoras. Isso pode ocasionar traumas irreversíveis na vida emocional e acadêmica do estudante. Tratam-se de necessidades em aberto que precisam ser preenchidas. O professor é, nesse contexto, o orientador das tomadas de decisões.

Philip Riley (1991) esclarece que o termo *necessidade* é psicológico o qual tem sido erradamente compreendido e aplicado no ensino de língua. Riley conta que numa pesquisa realizada com estudantes de Francês, pedindo para que identificassem as suas principais necessidades de uma lista de sugestões, eles enfatizaram que estavam estudando Francês porque a consideravam uma língua bonita.

Pode-se perceber que os estudantes não tinham noção clara sobre quais necessidades eles queriam realçar como forma de ajudar-lhes no seu desenvolvimento pessoal e lingüístico. Escolheram aquela língua que lhes pareceu a mais fácil de provocar motivação pela sua beleza lingüística.

Rilley (1991, p. 29) diz que há uma boa razão para acreditarmos, portanto, que estamos nos colocando contra uma diferença cultural entrecruzada ao representar a variável mais importante no processo de ensino: a necessidade.

Dickinson (1994, pp. 4-5) trata a autonomia como o mais importante aspecto intrínseco ao ser humano já que estão implícitas a independência, a ação e a atitude do estudante como instrumentos capazes de preencherem as necessidades biológicas, afetivas, emocionais e sociais. Estas necessidades não são hierarquizadas e não estão em lista de prioridades.

Uma forma significativa dessa maneira de proceder (PCNs – Ensino Médio, 1999, p. 231) traduz-se em habilidades relacionadas à investigação. Como ponto de partida, trata-se de identificar questões e problemas a serem resolvidos, estimular a observação, classificação e organização dos fatos e fenômenos à nossa volta segundo os aspectos físicos e funcionais.

Para exemplificar esses argumentos, cito as experiências dos jovens Arthur, de 16 anos - líder comunitário em Recife – e Sérgio Lopes, músico, entrevistados pela Rede Globo de Televisão, no programa Jornal Hoje. Em suas atitudes estão implícitas a independência, a autonomia, a motivação e estratégias para ajudar a sua comunidade.

O jovem líder comunitário comanda uma equipe de voluntários. Arthur também sai em campo atrás de roupas e alimentos para os moradores mais necessitados. “Eu gosto de fazer isso. Não é por obrigação, não é pra ser famoso, não é pra me amostrar. É por ter alegria no coração”, garantiu o garoto. Sérgio Lopes usa a música pra ajudar. Estudante de bateria, ele tem alunos especiais. São crianças que lutam contra o câncer e doenças do coração. Submetidas a longos tratamentos, elas encontram nas aulas de música, alegria e incentivo pra seguir a rotina do hospital. “Quando começou a bateria, pronto. Eu quero direto estar aqui”, disse um aluno. Sérgio teve leucemia, câncer no sangue. Durante 6 anos de tratamento aprendeu a tocar. Todas as semanas ele volta ao hospital para retribuir o que recebeu. “Só dando o exemplo você vai conquistar pessoas que venham se doar um pouco pra essa causa que é nobre, que é uma causa que beneficia muitas crianças que estão precisando da ajuda de todos”, afirmou o músico. (JORNAL HOJE, 2007, site da rede globo de televisão.)

A reportagem ainda diz que o envolvimento dos jovens em projetos sociais acontece de forma espontânea e numa proporção cada vez maior. Os entrevistadores constatam que, sozinhos ou em grupos, os jovens desempenham atividades importantes

para as suas comunidades e seus municípios. Um trabalho solidário onde, cada um procura exercer o papel de cidadão. É o que reflete o estudante Caio Falcão:

Estes jovens formaram um grupo de preservação ambiental. São os defensores do mangue, um ecossistema importante para a multiplicação de várias espécies. Eles dão palestras, falam para outros adolescentes sobre a importância de proteger um patrimônio que é de todos. “A gente tem essa força de conscientizar outros jovens, porque um adulto falando com o jovem não é a mesma coisa de um jovem falando pra outro jovem”, disse o estudante Caio Falcão. “Que sensação isso dá? A melhor possível. É saber que a gente está contribuindo pelo menos um pouquinho pela melhora do planeta”, completou. (JORNAL HOJE, 2007 – site da rede globo de televisão.)

Assumir um papel participativo e desenvolver projetos que beneficiem a comunidade esteja ela dentro ou fora da sala de aula significa exercer, com grande consciência, o poder da autonomia. Significa também colocar em prática a motivação para transformar, para reforçar e ratificar conquistas coletivas e pessoais. Para tanto, temos de estar abertos ao novo, ao progresso.

Os jovens entrevistados pela rede globo demonstram grande motivação interior para assumirem os seus projetos e sentem muito prazer em realizá-los. Sua autonomia lhes permite fazer sem esperar que os outros dêem o primeiro passo. No entanto, não desprezam as participações, que representam contribuições valiosas para o grupo e a comunidade.

2.2 AUTONOMIA E INDIVIDUALIZAÇÃO.

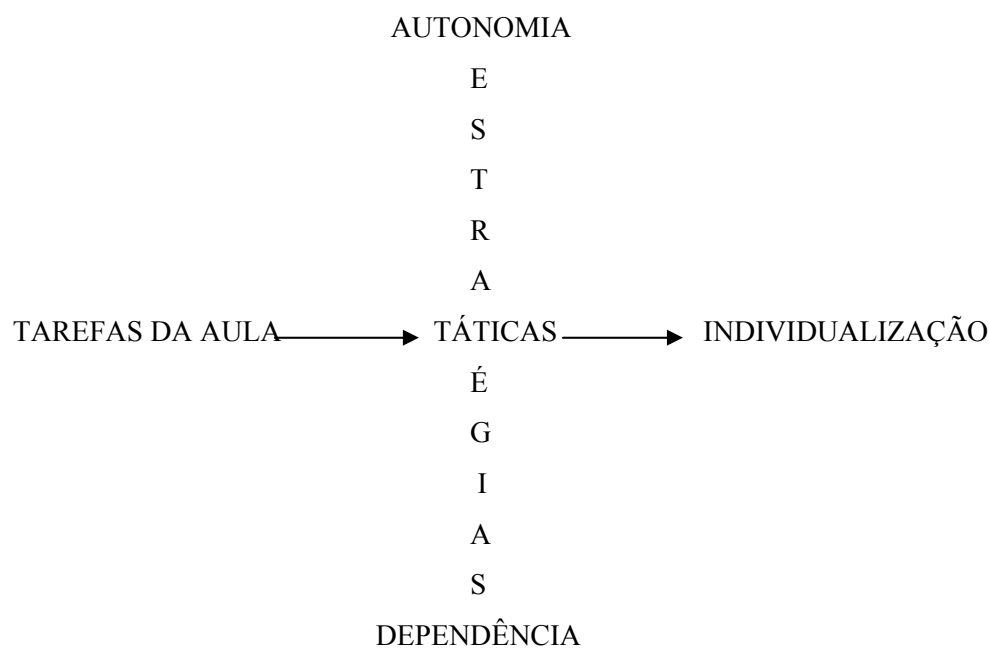
i) Os postulados de Dick Allwright sobre autonomia.

Dick Allwright (1991) explicita autonomia e individualização como habilidades amplamente conhecidas e praticadas na aula de língua estrangeira. O autor relata que, não faz muito tempo, autonomia e individualização eram termos normalmente vistos como algo pertencente à classe dos conteúdos utópicos ou lunáticos.

Allwright (1991, pp. 36-38) defende três pontos fortes para fazermos da aula de língua estrangeira um ambiente autônomo e individualizado. O primeiro é a maneira específica como se desenvolvem os trabalhos de ensino-aprendizagem; o segundo é a natureza de colaboração às lições aplicadas em sala; o terceiro é a aplicação imediata dos conteúdos.

Quanto ao primeiro item, faz-se necessário destacar a importância da valorização das diferenças na aula. Com vinte ou quarenta estudantes em sala significa dizer que há vinte ou quarenta universos diferentes, compostos por valores culturais, sociais e intelectuais heterogêneos. É importante também frisar que o professor não vai conseguir se preocupar com cada um especificamente, pois seria humanamente impossível dar igual atenção às necessidades de cada um. Não é esse o ponto a que quero chegar.

Não se pode pensar que o professor deva agir como *baby sitter* dos educandos. Os estudantes devem produzir estratégias de aprendizado que lhes sirvam de instrumentos através dos quais as dificuldades possam ser resolvidas. Não é demais dizer que, num ambiente autônomo, as pessoas tornam-se iguais, as hierarquias perdem a sua força, no que tange a estabelecer quem sabe mais ou menos; ou quem deve ensinar e quem deve aprender.



Quadro 5. Houghton at al, (1991, p. 76).

A figura acima ilustra a realidade da sala de aula no tocante ao ensino, à aplicação das estratégias e à individualização. Numa analogia, podemos perceber que as estratégias subjazem às condições de autonomia e individualização como se fossem a estrada que estas devem percorrer. O meio de transporte seriam as tarefas da aula. Isto é, as tarefas são conduzidas à autonomia e à individualização; ao passo que as estratégias são o pavimento por onde as tarefas irão passar.

Portanto, refiro-me ao respeito que o professor pode oferecer para que o seu aluno produza. A mesma questão, o mesmo exercício apresentará variáveis de entendimento e de adaptação diferenciados. Negociar com esses valores, estimular outras formas de entendimento e provocar no aluno a busca pela satisfação da sua necessidade pedagógica representa a prática mais acertada para a construção de um ambiente autônomo, onde as individualidades se destaquem.

Freire (2004) dá um exemplo apropriado para a questão:

Admitamos que um dos membros do grupo diz: “Gostaria de discutir sobre nacionalismo”. Muito bem (diria o educador, após registrar a sugestão e acrescentaria): que significa nacionalismo? Por que pode interessar-nos a discussão sobre o nacionalismo? É provável que, com a problematização da sugestão ao grupo novos temas surjam. Assim, na medida em que todos vão se manifestando o educador vai problematizando, uma a uma, as sugestões que nascem do grupo. (FREIRE, 2004, p. 119).

Uma situação para ilustrar: três estudantes apresentam erros na conjugação e tradução dos verbos *to be* e *to have*. Suponhamos que a maior dificuldade seja a da modificação na terceira pessoa do singular, onde a maioria dos verbos é acrescida de *s*. Todavia, com *to be* e *to have* ocorre a transformação, no presente simples, para a forma *is* e *has* para *to have*.

Presente simples.

We use the simple present tense to talk about things in general. We are not thinking only about the present. We use it to say that something happens all the time or repeatedly, or that something is true in general. It is not important whether the action is happening at the time of speaking⁷.

- _ the earth **goes** around the sun.
- _ nurses look after patients in hospitals.
- _ water **boils** at 100 degree centigrade.

Remember that we say he/she/it **-s**. don't forget **s**:

- _ I work in a bank. Barry **works** in a shop.
-

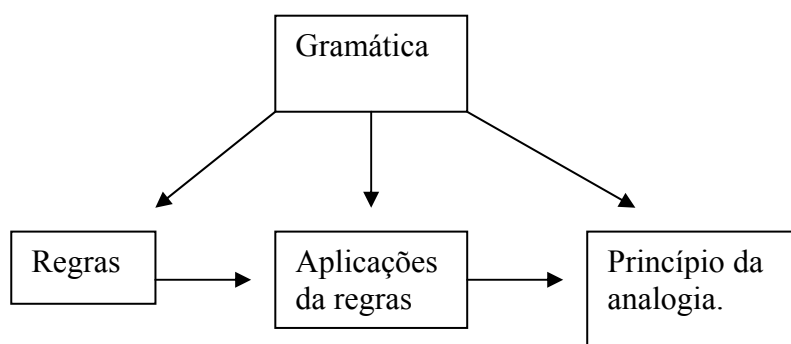
Quadro 6. Uso da desinência na terceira pessoa do singular, no presente simples afirmativo. Fonte: (MURPHY, 1985, p. 4-5).

⁷ Usamos o presente simples para falar de coisas em geral sem pensarmos apenas no presente. Usamos este tempo para dizermos que algo acontece a todo momento, ou repetidamente, ou que é verdade universal. Não importa se a ação acontece no mesmo instante do seu relato. Tradução: Gesiel de Albuquerque Silva.

Se a maioria dos alunos conseguiu desempenhar com êxito esse aprendizado cognitivo significa dizer que não tiveram necessidades em aberto para o desempenho metacognitivo. Pode-se depreender que eles já realizaram outras tarefas semelhantes de forma bem sucedida.

Acontece que os três alunos apresentaram desvios quanto ao restante do grupo; não conseguindo decifrar, no plano cognitivo a razão do acréscimo de *s*, tampouco o uso de *is* e *has* para *to be* e *to have*. Neste caso, o princípio da analogia⁸ justifica o aprendizado cognitivo.

Os alunos marcariam os verbos *be* e *have* com a desinência, partindo do pressuposto de que se para o verbo *like*, por exemplo, eles dizem *likes* na terceira pessoa do singular do presente simples, por que não fazê-lo com *to be* ou *to have*.



Quadro 7. A aplicação das regras pelo princípio da analogia.

Além das regras instituídas para normatizar o uso de uma determinada língua, existem as regras inatas, internalizadas pelo falante, cuja aplicabilidade não obedece aos parâmetros exteriores, e sim, aos exemplos das experiências e interseções lingüísticas. Como consequência, a possibilidade de este falante aplicar a comparação entre os conteúdos lingüísticos internos e os modelos pré-estabelecidos é muito maior do que se possa imaginar.

⁸ O princípio que rege essas transformações da língua é o da analogia. Em um primeiro momento, as formas analógicas são vistas como errôneas, sobretudo pelas pessoas instruídas, mas, graças à repetição constante por parte dos menos instruídos (que constituem sempre a maioria dos falantes), vão-se generalizando até que, pelo enfraquecimento natural da memória, acabam por prevalecer. Isso é o que explica, por exemplo, a atual conjugação dos verbos impedir, expedir, despedir, cujos modos indicativo e subjuntivo eram regulares (impido, impida; expido, expida; despido, despida). Tais verbos nada têm que ver com "pedir", pelo qual são conjugados hoje (peço, impeço etc.)". Autora: Thaís Nicolete de Carvalho. Fonte: internet – (ver referências).

O mesmo se aplica à comparação entre regras de uma língua e de outra, ou itens gramaticais específicos cuja funcionalidade não apresenta razões plausíveis. É o caso *to be* e *to have*, em inglês; e do verbo *haver*, em português. Não existe explicação para o fato de o verbo *haver* não ser conjugado; apenas uma determinação. Alguns autores dizem que ele é um verbo impessoal. Isso só na regra, porque, apesar de não ser permitido dizer *houveram aulas*, por exemplo, muitos falantes usam exatamente essa estrutura sem qualquer receio. Mais uma vez, o *princípio da analogia* prevalece.

É possível, no entanto, que quem se vierem a produzir outra conjugação similar, cometam os mesmos erros. Por que? Pelo simples fato de que, no plano meta-cognitivo isso não tenha ficado bem resolvido. Outro motivo pode ser o de não haverem executado tarefas semelhantes com êxito.

O professor, nesta hora, tem a oportunidade de esclarecer, através de estratégias, as dificuldades daqueles estudantes, permitindo-lhes criar situações que facilitem a assimilação das estruturas verbais em questão. Penso que cabe ao professor, como coordenador, e não como dono do saber, estimular os estudantes, usando exemplos, frases, repetições orais e explicações gramaticais e a sua experiência pessoal com aquele tópico, facilitando o convencimento desses estudantes quanto ao porquê da formação *is* ou *has*, e não *bees* ou *haves*.⁹

Freire (2004) alerta:

Não é possível à liderança tomar os oprimidos como meros fazedores ou executores de suas determinações; como meros ativistas a quem negue a reflexão sobre o seu próprio fazer. Os oprimidos, tendo a ilusão de que atuam, na atuação da liderança, continuam manipulados exatamente por quem, por sua própria natureza, não pode fazê-lo. Por isto, na medida em que a liderança nega a práxis verdadeira aos oprimidos se esvazia, conseqüentemente, na sua. (FREIRE, 2004, p. 122).

O professor, querendo estimular o surgimento do debate e da interação, pode pedir aos estudantes que construam exemplos para a comparação entre as estruturas verbais mencionadas, a fim de que os eles se sintam seguros, quanto à aplicação da desinência na conjugação de verbos comuns, modais e / ou auxiliares. Dessa forma, o uso de *be* e *have*, na terceira pessoa do singular, no presente simples, pode ser mais facilmente assimilado.

⁹ O professor Luciano Rodrigues Lima (UFBA) diz que a metodologia mais apropriada, neste caso, é a afirmativa. Isto é, a que introduz a regra e a exceção através de exemplos. Ele adverte: “nunca apresente uma regra gramatical antes do exemplo”. Fonte: correções feitas no copião dessa dissertação, 2008.

O segundo item defendido por Allwright (1991) refere-se à natureza cooperativa na aula. Como temos visto ao longo desse capítulo, não podemos imaginar seres autônomos sem motivação para colaborar. Haja vista a motivação ser o combustível principal de estudantes autônomos, eles agem com independência direcionada e, conseqüentemente, são pessoas não submissas a nenhum tipo de opressão ou de opressor.

Diante dos desafios, devemos nos colocar na condição de pessoas autônomas e abertas para o novo, preparadas para dialogar, negociar, sugerir, ensinar e aprender, sabendo que não somos donos de nenhuma verdade, tampouco, escravos de soluções absolutas. Somente a autonomia liberta a pessoa do medo de agir, de promover mudanças; somente indivíduos autônomos conseguem sair da condição de submissão e enfrentar desafios e propostas diferenciadas. Neste campo, estamos todos juntos: professores e estudantes.

Pensemos, por exemplo, numa classe onde professores e estudantes dividem saberes, projetam estratégias e estabelecem metas a serem atingidas. O aprendizado, por certo, fica mais interessante porque os agentes envolvidos cuidam para que haja uma convergência de saberes e fazeres com vistas a beneficiar a todos.

Isso fica evidenciado pelos seguintes depoimentos dos estudantes do IAENE e da UNEB:

MÁRCIA (UNEB): eu acho bastante eficiente porque é engraçado que o professor já vem pra sala de aula preparado a estimular o aluno pra ter motivação a realizar os próprios trabalhos. Então, ele, eles deixam muito aberto a opinião do aluno. Eles passam o conteúdo que eles têm de passar, mas, levando em conta que a opinião do aluno está contando naquele momento e eles sempre estão buscando, assim, estimular, nós alunos a...realizar os nossos próprios trabalhos. Ou seja, realmente, eles “est”, estão nos estimulando pra sermos os, os futuros profissionais, os futuros professores. Então eu acho muito interessante essa parte do professor.

FRANCISCO (IAENE): particularmente, pra mim, sim. É...o inglês, pra mim, não é, não é muito fácil. E, se não fosse o método utilizado pelo meu professor, talvez eu não sairia daqui com o nível de inglês que eu tenho hoje. Às vezes, até me, me surpreende quando eu to vendo alguma televisão, alguma coisa que eu vejo inglês, ouço inglês. E, antigamente eu não conseguia, e hoje eu consigo até discernir. E eu acredito que foi o método usado pelo meu professor que conseguiu fazer o Inglês chegar até mim.

O estudante é concebido (NETTO, 2002, p. 112) agora como um ser inteligente e indagador, que comanda em si mesmo um sistema aberto dinâmico e complexo de transformações, que realiza atividades coordenações e integradas, para atingir certos alvos ou objetivos de unir fragmentos e de dialogar com os outros.

De que competência está se falando? (PCNs – Ensino Médio, 1999, p. 24) Da capacidade de abstração, do desenvolvimento do pensamento, sistêmico, ao contrário da compreensão parcial e fragmentada dos fenômenos, da criatividade, da curiosidade, da capacidade de pensar múltiplas alternativas para a solução de um problema, ou seja, do desenvolvimento do pensamento divergente, da capacidade de trabalhar em equipe, da disposição para procurar e aceitar críticas, da disposição para o risco, do desenvolvimento do pensamento crítico, do saber comunicar-se, da capacidade de buscar conhecimento.

Pensemos que a turma decide estudar um texto sobre adolescência: com o objetivo de fazer desse estudo um ato realmente profícuo, o grupo tem de elaborar estratégias que possibilitem explorar sub-temas como: violência, gravidez na adolescência, questionamentos, incertezas, etc. Depois de traduzir o texto (competência cognitiva) e entender o seu conteúdo, o tema e discuti-lo (competência meta cognitiva), os alunos terão subsídios suficientes para um entendimento maior sobre as suas realidades.

Surgem temas periféricos, incluindo as dúvidas textuais, além da execução de exercícios gramaticais e de tradução. Neste processo, o professor influencia à “distância”, intervindo nos desvios mais acentuados de conhecimento de gramática ou ajudando a ampliar a discussão temática. Dessa forma, todos cooperam, todos participam, pois estão motivados, exercendo a sua autonomia.

No terceiro item, Allwright (1991) fala da aplicação imediata dos conteúdos. E isso parece um pouco óbvio, partindo do pressuposto de que todo ambiente autônomo é dinâmico, não monótono, avesso aos ditames de livros e senhores do saber. No entanto, na maioria das vezes, não ocorre dessa forma, em se falando do ensino-aprendizagem.

Apresento um exemplo atual: há bem pouco tempo, Plutão era considerado oficialmente um planeta do Sistema Solar. Essa evidência perdurou por muito anos, até que, recentemente, através de um estudo mais apurado sobre o conceito do que pode ser considerado planeta retirou-se de plutão o status de planeta grande, passando ser considerado um planeta anão.

Suponhamos que algum estudante se arvorasse a dizer o que se descobriu recentemente sobre plutão, a reação seria negativa. Seria difícil esperar, do professor ou cientista, qualquer atitude mais condizente com uma postura autônoma, do tipo: onde você pesquisou isso? Por que e como você deixou-se levar por tal assunto? Podemos pesquisar juntos? Vamos descobrir se isso tem realmente algum fundamento científico?

Entendo que a problematização – partindo do “dono do saber” – tornaria a aplicação dos conteúdos mais dinâmica e faria com que estudante e professor se envolvessem, com maior interesse, nas questões da aula, não as tratando como superficiais ou artificiais, mas dando-lhes o status de assunto merecedor de atenção de todos.

Isso significa valorizar positivamente (PCNs – 5ª a 8ª série, 1998, p. 36) a capacidade de questionar e propor mudanças buscando o aprendizado de modo a utilizá-lo de forma conseqüente, responsável e eficaz.

Entendo, também, que o medo do indivíduo em expor o conteúdo, as suas dúvidas e exercer o seu poder de investigar temas e propostas, muitas vezes apresentadas sem consistência, apaga a criatividade e inibe a sua capacidade crítico-reflexiva sobre a sua prática. A aplicação imediata dos conteúdos caracteriza-se, antes de tudo, como um processo de aceitação das discussões inerentes aos temas levantados em sala, sem juízos de valores pré-estabelecidos, sem preconceitos temáticos, sem rejeições intelectuais.

Netto (2002) prestigia a dinâmica do processo de enviar e receber informação porque nessa rapidez as estruturas de aplicação dos conteúdos se mostram mais hábeis para lidar com as necessidades dos agentes envolvidos. Ele diz que o fácil, rápido, livre e universal acesso a informações objetivas, confiáveis e bem fundamentadas, constitui um dos principais divisores de água entre as sociedades abertas e as fechadas, entre os regimes totalitários e os regimes não totalitários.

Para corroborar a visão de importância e rapidez da informação, Netto (2002) diz que a resistência a planos, projetos e iniciativas de democratização da informação decorre, muitas vezes, do temor tanto da perda de poder como de redução ou extinção de certas vantagens pessoais.

Numa crítica ao padrão tradicional de ensino, Piaget (2006) apresenta visão semelhante ao terceiro postulado de Allwright (1991), reforçado por Netto (2002) e Freire (1996). Ele diz que, do ponto de vista dos métodos gerais da educação, subsiste realmente uma espécie de dualidade de princípios ou de conflito dialético, de acordo

com o qual se insiste sobre o papel criador da vida social adulta, levando a que se ponha a tônica sobre as transmissões do mestre para o aluno.

Piaget (2006) complementa o seu raciocínio da seguinte forma:

De fato, o conflito latente que acreditamos discernir possui uma dualidade de inspiração ideológica perfeitamente coerente no que diz respeito ao espírito adulto, mas cuja síntese cria um problema no terreno da educação. [...], ou sobre o papel não menos construtivo da ação, o que leva a conceder-se uma parte essencial às próprias atividades do escolar. (PIAGET, 2006, p. 72-73).

Piaget (2006) critica a visão do ensino-aprendizagem de cima para baixo, tomando como exemplo a idéia de que a criança só pode aprender com o adulto. O adulto pode aprender também com a criança, não importa com que rapidez essa informação será assimilada, o aprendizado se processa de maneira direta e sem fronteiras político-ideológicas. Basta que haja um pouco de atenção para percebermos o quanto podemos aprender com os nossos alunos.

ii) O discurso da autonomia.

Imaginar como necessário um sistema educacional onde as práticas de ensino rendem-se à mesquinhez do verticalismo puro e seco das atitudes é render-se à fraqueza maior da alma: o receio de promover transformação. Infelizmente, não estamos, nem estaremos livres dessa sistemática tão cedo. Isso porque as pessoas precisam estar motivadas para sair da funcionalidade da autonomia e rever valores e crenças introjetados por um poder dominante que não permitia refletir.

O discurso da autonomia não pode ser via de uma mão única. Deve ser o caminho onde haja, principalmente, diálogo e negociação de saberes e atitudes. O anti-diálogo representa, para esse contexto, o freio à libertação de conceitos e crenças amedrontadas pela possível perda de poder e de comando.

Freire (2004), ao criticar a adesão de muitos profissionais a uma ação antidialógica, sentencia:

Crianças deformadas num ambiente de desamor, opressivo, frustradas na sua potência, como diria Fromm, se não conseguem, na juventude,

endereçar-se no sentido da rebelião autêntica, ou se acomodam numa demissão total do seu querer, alienados à autoridade e aos mitos de que lança mão esta autoridade para formá-las, ou poderão vir a assumir formas de ação destrutiva. (FREIRE, 2004, p. 152-153)

Para Freire, esta influência do lar se prolonga na experiência escolar. Através dela, os estudantes percebem no início que, como em casa, para conquistar alguma satisfação, têm de adaptar-se aos preceitos verticalmente estabelecidos. E um destes preceitos é de não pensar.

Freire (2004, pp. 152-153), diz que quando os estudantes introjetam a autoridade paterna através de um tipo rígido de relações que a escola enfatiza, sua tendência, quando se fazem profissionais, pelo medo da liberdade que neles se instala, é seguir os padrões rígidos em que se deformaram.

A prática pedagógica bem sucedida é aquela que viabiliza a imersão das emoções, do respeito e do entendimento entre todos na sala de aula. A liberdade é o ingrediente fundamental para que as personalidades se consolidem, construam a sua autonomia e estejam sempre motivadas a mudar, a intervir e re-elaborar.

Penso que a autonomia favorece, com maior vigor, a este último item: a re-elaboração. Não se trata de quebrar regras e atitudes por si, mas de repensá-las, re-significá-las, dar a elas outros valores e estabelecer outras dimensões. Autonomia se constrói naquela via de mão dupla mencionada, porque tem como princípio fundamental o diálogo, a participação efetiva de todos em prol de todos. Não mais de *A para, nem sobre B*. Mas, de A com B, juntos, dando de si, o seu melhor.

CAPÍTULO 3: ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM.

3.1 O QUE PODEMOS DEFINIR POR ESTRATÉGIAS?

O que é estratégia? O termo estratégia vem do grego *strategia* e significa gerenciamento ou a arte de guerrear. Estratégias são técnicas, métodos e táticas aplicadas com um objetivo principal. Estratégias de aprendizagem são construções cognitivas e metacognitivas do indivíduo que se sente inquieto com as suas insuficiências e deseja superá-las.

Quando há estratégias, há especificidade do agir. Não há espaço para ações pulverizadas em estudantes que reconhecem o problema a resolver e identificam suas causas, que podem ser crenças equivocadas, percepções imaturas, respostas psicológicas exageradas ou deficientes, sentimentos confusos e comportamento inadequado.

Peter Stojakovic (1999), no artigo em que diferencia *estratégias de aprendizagem de estilos cognitivos*, apresenta o seguinte argumento:

Estratégias de aprendizagem podem ser vistas como ferramentas úteis para o desempenho de uma tarefa específica. Isto se aproxima do conceito estratégico de aprendizagem. Significa que os indivíduos vão pensar que há situações para as quais o seu estilo cognitivo não se aplica. (STOJAKOVIC, 1999, p. 330)

A execução de qualquer projeto sem uma estratégia definida, sem um plano minimamente organizado para focalizar e corrigir as falhas significa que o indivíduo não se preocupa em analisar globalmente a situação, concentrando-se nas etapas não realizadas ou mal construídas. Basicamente, e de maneira bem simples, essa é a mentalidade de uma estratégia de guerra.

Como exemplo, imaginemos que um estudante de inglês, de nível intermediário, não consegue expressar-se fluentemente na língua e apresenta dificuldade para usar vocabulário, além de deslizar nas aplicações gramaticais.

Para tentar resolver tal problema, o estudante pode agir de duas maneiras: o primeiro passo é estar consciente dessas dificuldades e querer saná-las. Pois, para um estudante de nível intermediário, não se expressar com alguma fluência na língua é indicativo de deficiência no aprendizado.

O segundo passo é investigar quais são as causas dessas deficiências e onde elas se encontram, isto é, quem as causou: ele ou a escola, ou a ambos. A partir daí pode-se ir direto ao ponto, buscando refazer ou desfazer procedimentos cujos resultados foram insatisfatórios.

Se a causa é exterior, por exemplo, o curso de inglês, a estratégia a ser executada é cobrar mudanças no método deste curso, exigir eficiência dos seus profissionais; e se não forem atendidas, sair da instituição. Se a causa é interior, o estudante deve investigar em quais fases do processo ele cometeu falhas e questionar o porquê de haver sido negligente ou insipiente naqueles pontos específicos do seu aprendizado.

As estratégias aplicadas ao exemplo acima são um conjunto de atitudes que só podem ser assumidas por indivíduos conscientes das suas fraquezas e desejosos de saná-las. Muitas vezes, identificamos os problemas que nos causam insucesso, mas não nos sentimos estimulados a resolvê-los. Essa resignação pode ser gerada por diversas razões: frustrações, medos, interesses mesquinhos, revolta, etc.

As pesquisas do NLRC¹⁰ (2007) demonstram que as estratégias de ensino fazem os estudantes se sintirem mais confiantes na sua capacidade de aprender e de modificar situações cujos resultados obtidos não tenham sido suficientes.

Strategies instruction shows students that their success or lack of it in the language classroom is due to the way they go about learning rather than to forces beyond their control. Most students can learn how to use strategies more effectively; when they do so, they become more self reliant and better able to learn independently. They begin to take more responsibility for their own learning, and their motivation increases because they have increased confidence in their learning ability and specific techniques for successful language learning¹¹. (NCLRC, 2007 - internet).

¹⁰ National Capital Language Resource Center – NCLRC é um projeto das Universidades de Georgetown, George Washington e o Centro de Linguística Aplicada. Está sediado em Washington, DC e é um dos quinze centros de estudos linguísticos, sem fins lucrativos, fundados pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos da América. Site oficial: <<http://www.nclrc.org/>>

¹¹ A aplicação de estratégias demonstra aos estudantes que o seu sucesso ou a falta dele na aula de língua está relacionado à maneira como eles procedem em relação ao seu aprendizado mais do que às forças que não controlam. A maioria dos estudantes pode aprender como usar estratégias mais efetivamente. Quando isso acontece, eles se tornam mais autoconfiantes e mais capazes de aprenderem de forma independente. Eles começam a assumir mais responsabilidade pelo seu próprio aprendizado e a sua motivação aumenta

3.2 A IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS PARA O APRENDIZADO.

Apesar de termos uma base única como parâmetro para o ensino no nosso país, as diferenças regionais: cultura, etnia, religiosidade, economia, língua, sociedade, etc., tornam mais necessárias as buscas por um ensino mais eficiente - em termos humano e psicológico - e mais solidário no que tange ao respeito e à preservação das alteridades e das questões sócio-culturais.

As metas a serem atingidas são a eficiência da escola com os seus projetos pedagógicos, seus acertos e o que deve ser feito para melhorá-la; o sucesso do aluno, cujas experiências e conhecimentos prévios devem ser valorizados; o professor, como mediador entre o conhecimento formal, os valores instituídos da sociedade e a sua própria realidade em contato com a realidade do estudante.

Ao focalizarmos esses alvos podemos visualizar os principais problemas, entender a sua dinâmica e buscar a solução mais viável para aquele contexto. Neste ambiente de “guerra” as estratégias devem ser delineadas de forma a facilitar o entendimento, a motivação, as atitudes e posturas. Não é uma tarefa fácil, mas não é impossível de ser incrementada. Basta haver motivação para que os primeiros passos sejam dados. É preciso haver desejo de mudança para que se criem estratégias voltadas para o enfrentamento dos desafios.

Paul Clarke & Jenny Wales (2004), abordando a cidadania como tema principal no desenvolvimento de estratégias que levam os estudantes a pensar, a agir e a refletir sobre a sua prática, diz o seguinte:

Na preparação dos estudantes para a cidadania, as experiências escolares devem ajudar a dar forma à sua ação futura e ajudá-los a dar sentido a novas idéias. Isso pode ser alcançado através de uma aprendizagem ativa que ajuda os estudantes a delinear as suas experiências prévias para entender e avaliar as novas idéias. Isso envolve tornar as novas idéias acessíveis. (CLARKE & WALES, 2004, p. 6).

porque sua confiança na capacidade de aprender no uso de técnicas específicas de aprendizado de língua também aumenta. Tradução: Gesiel de Albuquerque Silva.

Rebecca Oxford (1990) diz que as estratégias de aprendizagem são importantes porque representam os passos dados pelos estudantes com o objetivo de enriquecerem-se no seu aprendizado. Através de ações específicas, os estudantes podem fazer do seu aprendizado um processo mais fácil, mas rápido, mais agradável, melhor autodirecionado, mais afetivo e mais facilmente aplicável a outras situações.

Ensinar, em si, envolve estratégias. O professor, na maioria das vezes, tem a possibilidade de transformar as posturas e ações do seu grupo de trabalho. Ensinar exige envolvimento e comprometimento com as tarefas a serem elaboradas. Não se pode pretender ser professor, no sentido lato da palavra, aquele que, apenas o faz sem consciência da importância do seu trabalho e do poder de transformar.

Aprender exige estratégias, sem dúvida. Trata-se de uma ação direta e indireta que envolve fatores sociais, étnicos, psicológicos, culturais, mentais e de afetividade. Para lidarmos bem com esses aspectos é preciso haver o desenvolvimento de técnicas e métodos capazes de atenderem às nossas necessidades individuais e contribuirmos positivamente para as necessidades coletivas. Todos esses aspectos trabalham em conjunto, em maior ou menor intensidade, levando o indivíduo a absorver determinado conteúdo para um aprendizado efetivo.

A pesquisadora norte-americana Judith Gray (2001) conclui, de maneira muito apropriada, o que representa ensinar aceitando o novo e abrindo-se para novas perspectivas e outros saberes.

The art of developing and sustaining a responsible and self-managed classroom is a valued and common goal among educators. Indeed, it is seen by many in the profession as an essential component of effective teaching and learning. Notwithstanding, teachers' models of classroom management and control are most often derived from their own prior schooling experiences. Hence a frequent sense of frustration and confusion when it becomes obvious that these older models no longer work in today's classrooms. Effective classroom management practices are based on intuitive experience, research and word of mouth 'tried and true' strategies. (GRAY, 2001 – internet)¹².

¹² A arte de desenvolver e manter uma sala de aula responsável e auto-gerenciada é um objetivo comum e válido entre os educadores. De fato, isto é visto por muitos na profissão como um componente essencial do ensino-aprendizagem efetivo. Ainda assim, os modelos de gerenciamento e controle da sala de aula dos professores são mais freqüentemente derivados das suas primeiras experiências escolares. Isso gera um sentimento freqüente de frustração e confusão quando fica evidente que os velhos modelos não mais funcionam nas salas de aula atuais. As práticas efetivas de gerenciamento da sala de aula estão baseadas na experiência intuitiva, na pesquisa e na constatação “estratégias testadas e aprovadas”. Tradução: Gesiel de Albuquerque Silva.

Ensinar e aprender exigem estratégias capazes de dar sentido e orientação às práticas dos estudantes e professores. A aprendizagem e o ensino não podem ser um tema perdido no amontoado de definições, quase sempre distantes da realidade que tentam, mas não conseguem significar. É preciso mais! É preciso refletir sobre a prática: a nossa e a dos outros. Dessa forma, a análise das situações-problema no campo do ensino-aprendizagem se mostra mais precisa, porque visualizamos os problemas surgidos a partir da prática. E, assim, podemos criar ou recriar estratégias voltadas para a sua solução.

Pode-se verificar essa reflexão através das palavras dos estudantes do IAENE e da UNEB:

HARLEY (IAENE): estratégias de ensino talvez sejam um, um método, um plano, um planejamento é... como se fazer pra chegar no objetivo. No caso do ensino, talvez seja é... as maneiras como aplicar aquilo que vai ser ensinado pro, pro o aluno. Então, estratégia, pra mim, seria o plano de ação seria pra determinado objetivo.

CLEIDINÉIA (UNEB): sim. Porque as estratégias elas vão fazer com que o aluno é... tenha motivação pra poder estudar. Sem essas estratégias não há motivação. A gente não, não vai encontrar nunca uma, o desejo, né, de estudar. Então o professor tem que mostrar, pra aluno, a importância né, de se aprender o Inglês, no nosso caso. Então tem que buscar formas, é, estratégias de, de diversas formas pra poder fazer com que esse aluno se sinta motivado a estudar.

3.3 ESTRATÉGIAS E MOTIVAÇÃO.

Observa-se que estes estudantes demonstram estar conscientes da necessidade do uso de estratégias para o seu aprendizado, como também a influência que essas estratégias têm sobre a motivação. Esse é um bom sinal de que o ambiente, quando não arbitrário, permite aos agentes envolvidos exercerem as suas habilidades crítico-reflexivas, na busca por soluções.

O respeito às necessidades individuais (PCNs – introdução, 5ª a 8ª série, 1998, p. 37) e o trabalho cooperativo passaram a ser o grande tema. O ideário político pedagógico trouxe expressamente para a escola um basta ao autoritarismo existente.

Sem que os estudantes estejam motivados, dificilmente haverá interesse para mudar ou criar projetos. Portanto, motivação e o uso de estratégias estão intrinsecamente ligados justamente porque uma, sem a outra, pode não existir. Se o estudante não se sente motivado para mudar o desenvolvimento do seu aprendizado,

porque criaria ou adotaria estratégias? Quanto a isso, as pessoas que se dizem realizadas sempre demonstram grande motivação pelo que fazem. É possível que, sem essa motivação, não alcançassem o sucesso.

Myron Dembo (2000) afirma que estudantes bem sucedidos não são simplesmente os que sabem mais dos que outros, mas sim, os que têm melhores estratégias para acessar e aplicar o seu conhecimento. São indivíduos que podem motivar-se e monitorar as mudanças nos seus comportamentos quando o aprendizado não ocorre.

Para explicar a diferença entre aprendizes de sucesso e os de menos sucesso, Dembo (2000) pergunta: “quem é um aprendiz de sucesso?” Ele chama a atenção para o fato de que muitos de nós conhecemos ou já observamos especialistas de sucesso em alguma área ou profissão. Ex: encanador, músico, atleta, professor, artista, etc. Estes indivíduos têm conhecimentos diferenciados e habilidades maiores em alguma área.

Imaginemos a seguinte situação na aula de língua inglesa: o estudante João¹³ é desmotivado, alheio à importância e à necessidade do exercício do seu papel de sujeito do seu saber, da sua prática e dos seus objetivos. Este estudante obtém notas baixas, não se envolve com o conteúdo e não faz algo para sair da estagnação.

Nesta mesma aula, o estudante Roberto¹⁴ dedicado, motivado e atento às suas falhas, preocupado em encontrar os meios capazes de saná-las, consegue notas muito boas e se aplica muito na resolução das tarefas com os colegas e com o professor.

Estes são exemplos que demonstram comportamentos opostos. A questão principal é: o estudante Roberto apresenta melhores resultados simplesmente porque tem melhores notas? Penso que não. Alcançar melhores notas é a consequência da realidade vivenciada por ele. E boas notas nem sempre refletem bons alunos. Além disso, ele se mostra mais disposto a enfrentar as suas dificuldades de aprendizagem e motivado para focalizar as suas carências, utilizando estratégias assimiladas de fora, ou construídas por ele próprio para consolidar o seu sucesso.

Dembo (2000) ilustra a hipótese levantada acima, apontando aspectos importantes na resolução de problemas relacionados à baixa produtividade de estudantes desmotivados. Para o autor, encontrar soluções que levem o estudante ao sucesso não significa, apenas, identificar o problema e os sintomas, mas, fazer o diagnóstico e direcionar soluções.

¹³ Nome fictício.

¹⁴ Nome fictício.

3.4 OS ESTUDANTES E AS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM.

As estratégias, antes de serem atividades de humor ou de relaxamento, são práticas que viabilizam transformações e assimilação proveitosa do que é vivenciado dentro e fora de sala de aula. Mesmo que o professor elabore atividades lúdicas e até consiga arrancar boas gargalhadas do seu grupo, seu trabalho não estará completo se não estiver disposto a sair do seu pedestal e ter o seu grupo como parceiro na elaboração de conhecimentos e práticas humanizadas de aprendizagem.

Quando o estudante não aceita as mudanças por achar que estas só podem vir do professor, por certo, não irá se dedicar e crescer não só intelectualmente, mas humanamente, entendendo o seu mundo, às pessoas e situações à sua volta. Seres críticos fazem do mundo um ambiente reflexivo. Por conseguinte, buscam fazer da sua ação um ato consciente em prol da mudança, da melhoria nas relações inter-pessoais e no esforço para estabelecer o respeito, sem arbitrariedades.

Um aspecto importante, que deve ser levado em conta, é a necessidade da tomada de iniciativa, sem esperar obrigatoriamente que as outras pessoas se envolvam ou apresentem soluções. Estas soluções devem ser pretendidas por quem está incomodado pela situação na qual se encontra. Em qualquer circunstância, se o agente se preocupa em identificar os problemas e a sua causa, querendo resolvê-las, ficam caracterizadas a motivação e a presença de estratégias. A solução é facilitada porque outras propostas surgem como forma de contribuição para o crescimento e a realização.

Schunk et al (2002) diz que a credibilidade pode afetar a motivação dos observadores. Pessoas que agem de acordo com o que dizem são avaliadas pelos observadores positivamente porque validam as suas cobranças através da sua prática condizente. Em contrapartida, quando as pessoas agem de maneira diferente do que cobram, só fazem convencer aos observadores de que aquela prática é boa para quem ouve, e não para quem fala. É aquele velho ditado popular que diz: “faça o que eu falo, mas não o que eu faço.

Transportando esse aspecto para o contexto da sala de aula, podemos perceber que, quando os alunos notam o professor é coerente com o seu discurso e a sua prática, passam a confiar nele porque percebem um discurso baseado na prática, e não em palavras vazias que não saem do papel. Infelizmente, a confiança do estudante na escola

está abalada porque é muito comum encontrar professores e instituições cujas práticas são autoritárias, enquanto os seus discursos são libertários.

É preciso haver, por parte do professor, um envolvimento verdadeiro com a questão das estratégias, do ensino e da aprendizagem, pois, em não havendo isso, a sua postura diante das mudanças será de displicência ou de falsidade de propósitos. Isso é muito sério, tendo em vista que um projeto de mudança de atitudes envolve aspectos emocionais, intelectuais e profissionais nas vidas de todos. Portanto, não se pode fingir que se está fazendo algo. É melhor não fazer.

Os PCNs – Ensino Médio (1999) dizem que toda escola e sua comunidade, não só o professor e o sistema escolar, precisam se mobilizar e se envolver para produzir novas condições de trabalho, de modo a promover a transformação educacional pretendida; mas alertam para a seguinte situação:

O aprendizado dos alunos e dos professores e seu contínuo aperfeiçoamento devem ser construção coletiva, num espaço de diálogo propiciado pela escola, promovido pelo sistema escolar e com a participação da comunidade. (PARÂMENTROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999, p. 208).

Como vemos, estabelecer condutas que possibilitem a realização de projetos individuais ou coletivos exige que os agentes responsáveis por promoverem tais mudanças com espírito de colaboração, respeitando as diferenças de opinião e o consenso da maioria. Não deixa de ser uma estratégia respeitar as decisões e normas estabelecidas para o bem de todos.

3.5 ESTRATÉGIAS NA SALA DE AULA.

A sala de aula deve ser o mundo temporário, onde vão se produzirem cidadãos críticos capazes de direcionarem o seu próprio destino. Ela é a micro-sociedade com a qual boa parte dos indivíduos tem mais contato do que com os seus familiares. Vê-se o quanto se pode fazer nesse ambiente na busca pelas realizações pessoais. Numa analogia, a sala de aula seria um laboratório de testes e aplicações de “fórmulas” a fim de se produzir os compostos químicos mais apropriados para combatermos algum mal. O nosso composto químico seria o cidadão / estudante autônomo para o ensino, a aprendizagem, a vida e com relação a si.

Por isso há necessidade de se desenvolver estratégias capazes de facilitar esse processo de transformação alquímica. Assim como no laboratório convencional, as

estratégias, os procedimentos, as técnicas mostram-se muito eficazes. Obviamente, não se pode querer resultados máximos só porque as usamos. Devemos ter a consciência de que elas ajudam, mas o restante é incumbência nossa.

Para Rebecca Oxford (1990), as estratégias ajudam o estudante a alcançar a competência comunicativa e tornarem-se mais auto-direcionados através de ações específicas aplicadas conscientemente e influenciadas por fatores sociais, culturais, econômicos, étnicos, etc.

Dembo (2000) destaca um fato importante sobre a utilização das estratégias. Ele diz que num dado momento pensava-se que a inteligência era a causa principal do sucesso dos estudantes. Com o tempo, descobriu-se que eles podem ter sucesso pelo uso apropriado de estratégias que direcionam a motivação, comportamento e o seu aprendizado.

A inteligência não é mesmo o motivo do sucesso de todos. Na atualidade, o conceito de inteligência está ampliado e não funciona isoladamente para explicar o sucesso de um estudante. Este sucesso está relacionado a fatores emocionais, intelectuais, esforço, dedicação, motivação, inteligência. Apenas elenquei alguns itens, mas há outros cuja interferência nos resultados é igual ou maior do que os que, aqui, expus.

O sucesso do aprendizado de um estudante está também relacionado à maneira como ele lida com as suas conquistas e fracassos. Com as ações diante das dificuldades, com a disposição para superar limites e desfazer crenças negativas de si. Penso que o um estudante bem sucedido também é aquele que nunca desiste e nunca se acha incapaz de vencer.

Zotan Dörnyei (2001) desmistifica a crença que muito professores assumem de que a motivação está diretamente ligada ao sucesso ou insucesso do estudante. (DÖRNEY, 2001, p. 5). Isto reflete a nossa crença intuitiva de que, durante o processo longo de ensinar a um aluno uma segunda língua o entusiasmo, o comprometimento e a persistência do aluno são a chave determinante do sucesso ou do fracasso. Apesar da sua atitude em relação à língua ou a outras características cognitivas, sem a motivação suficiente, mesmo o estudante mais capaz não consegue persistir por muito tempo no aprendizado de uma língua.

Observa-se que a base de todo o processo é a estratégia de aprendizagem, e não a inteligência. Problematizar essa questão é fundamental para se chegar a uma noção sobre quais aspectos negativos estão presentes num determinado contexto de

aprendizagem e como eles podem ser removidos ou minimizados. Essa problematização liga a realidade da sala de aula à realidade social e cultural do aluno.

Freire (2004) diz que esse processo de educação problematizadora não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Ele entende que essa problematização é a condição do homem e à sua historicidade, pois ela identifica os seres mais além de si, os que caminham para frente, os que se incomodam com o imobilismo e os que devem olhar o passado como um modo de conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro.

i) O uso correto das estratégias.

E os professores, o que (não) devem fazer? Não precisamos nos preocupar com a possível perda de autoridade e de “comando” sobre a turma. Numa sala de aula bem orientada, com a execução de estratégias corretas de ensino e aprendizagem, não há espaço para perda de autoridade, tampouco de ganho de autosuficiência dos estudantes. Nunca é demais lembrar que as estratégias devem ser construídas pelos dois lados envolvidos: professores e alunos.

Não são os alunos que conduzem o processo o tempo todo, nem o professor deve enquadrá-los nas suas estratégias. A elaboração de métodos, técnicas tem um objetivo comum aos dois lados: os professores querem ensinar melhor, querem envolvimento e comprometimento; os alunos buscam suprir as suas falhas pessoais no desenrolar do processo. E todos saem ganhando, mesmo que o resultado não seja o esperado.

Michael Grenfell & Vee Harris (1999, p. 85), no seu estudo de caso sobre as estratégias de aprendizagem, informam aos professores que ao se tornarem conscientes, solidários e críticos a respeito da sua prática de ensino desenvolvem mais poder sobre suas atividades profissionais e são mais capazes de criarem salas de aula e escolas que sejam receptivas à visão que eles e nós temos para o futuro dos nossos filhos.

A sala de aula tem de ser o espaço onde idéias novas apareçam para mudar ou ampliar uma visão sobre determinado conteúdo. O uso de estratégias neste contexto facilita a negociação entre professores e alunos sobre temas que podem e necessitam ser abordados com maior ênfase e a maneira como estes conteúdos serão estudados. Portanto, não há donos da verdade; nem professor, tampouco os estudantes. Todos podem e devem construir, juntos, estratégias que melhor cabem àquele contexto e aula.

Devemos perceber a intenção do estudante de combater os pontos que o levam a sentir-se desmotivado na sua prática. Ele ainda apresenta outras questões relacionadas ao seu plano pessoal. Não cabe aqui um aprofundamento nesta questão, pois ela está exposta apenas para dar uma idéia ao leitor de como podemos criar as nossas próprias estratégias.

Na parte de discussão dos resultados, colocarei dados e algumas experiências reais, obtidas através de reportagens televisivas, do nosso cotidiano.

É importante lembrar que as estratégias não são uma *varinha de condão*, cujo toque transforma eventos negativos em positivos rapidamente. O nosso instrumento de transformação deve ser a ação, movida pelo desejo, mantida pela autonomia e reforçada pelas estratégias. Se apenas deixarmos que as transformações ou que as ações venham de fora ou partam de outras pessoas, estaremos sendo cúmplices do descaso e da falta de reflexão.

Os depoimentos das alunas Cleidinéia e Poliana refletem bem o que estamos expondo:

CLEIDINÉIA (UNEB): tem algumas disciplinas que a gente não tem professor. E... assim, a se, a gente tem eu sempre falô mesmo que esse terceiro semestre ia ser assim maravilhoso pra mim. Porque todos os professores, de inicialmente, é... mostraram que iam, é... as aulas iam ser em Inglês, tal. E a gente ia ter condições de aprender bem mais. Porque, como é que pode ser, o professor faltar!!!! Professor faltando demais!! Mesmo, nesse caso, a gente sabe que é problema de saúde e tal. Mas os professores faltam às aulas demais. Os nossos alunos, os nossos colegas de sala tão totalmente desinteressados. Ainda, chegam atrasados. A ge, agente que chega cedo fica sem aula.

POLIANA (UNEB) o professor também. Tem professor que não sabe nada da disciplina e está, tá ensinando.

CLEIDINÉIA (UNEB): chegou pra, chegou pra gente e disse: “no próximo semestre eu não quero pegar essa disciplina porque eu, eu não gosto dela, não gosto”. Ela chega na sala de aula ah, é, ah, vai explicar o assunto pra gente... não sabe! Pede pra gente, pede pra gente preparar em casa... a, a apostila toda em Inglês.

POLIANA (UNEB): e o pior. Se pelo menos se o professor que a gente sabe que não teve discernimento naquela área, mas ele procura o material. Ele procura ler e examinar antes pra ter o discernimento. E a gente percebe que ela não prepara aula, que ela não lê a apostila, a gente: professor, o que é isso? Ela: “tá onde, aonde?” “ah chega aqui, tem trabalho”. Ela fica completamente perdida e fala: “eu não tava preparada pra isso. Eu pensei que eu ia dar aula... mas não tem problema, não... essa parte aqui.”

As tentativas de se buscarem meios que viabilizem um ensino e uma aprendizagem mais produtiva, menos hierarquizada e mais solidária devem ser constantes. Cada um de nós constrói as histórias e projetos. Sem perceber, na maior parte das vezes, usamos estratégias que nos levam a conquistar o objetivo maior das nossas vidas. Conscientes desse processo, podemos fazer mais por nós e pelos que nos rodeiam, não importa se o nosso papel oficial é ensinar ou aprender.

Nenhum aluno é inocente para não perceber quando o seu professor está dedicado a realizar um bom trabalho ou não. Nenhum estudante é incapaz de perceber quando é vítima de arbitrariedade ou de descaso. Afinal, a sua posição em sala é, também, a de um observador. Quando não querem a mudança, isto é, quando comungam com as atitudes do seu professor, o ambiente escolar se torna improdutivo. Todavia, quando se incomodam com o que observam e desejam sair da condição de observadores expectadores para a de observadores participantes, a inadimplência do professor para com o seu compromisso será questionada.

Como neste cenário alunos e professores são atores; a cobrança, a avaliação e a mudança têm de partir de ambos os lados. Ela tem de ser ampla, geral e completa; tem de ser também humanitária, estratégica, respeitosa e duradoura; tem de ser consistente dentro de cada estudante e professor. Do contrário, cairá por terra, perde-se-á no vazio das palavras vãs.

CAPÍTULO 4: A PESQUISA DE CAMPO: DISCUSSÃO DOS DADOS.

4.1 A COLETA DE DADOS NAS INSTITUIÇÕES ESCOLHIDAS.

Os estudos sobre motivação, autonomia e estratégias de ensino-aprendizagem, para a fundamentação teórica desse trabalho de pesquisa, levaram-me à escolha de dois grupos de estudantes de língua inglesa de duas universidades diferentes. Uma particular: Instituto Adventista de Ensino do Nordeste – IAENE. A outra, pública: Universidade do Estado da Bahia - UNEB, sendo 14 informantes na primeira e 11 na segunda.

O IAENE é uma instituição confessional mantida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e está sediada no município de Cachoeira, Bahia. Nela, a disciplina língua inglesa é ministrada no curso de Teologia, na modalidade instrumental. Ou seja, Inglês direcionado para fins específicos de leitura e tradução. O curso de Teologia dessa instituição é autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura e já está em processo de reconhecimento.

O campus da UNEB visitado nesta pesquisa localiza-se na cidade de Santo Antonio de Jesus - Bahia e oferece o curso de Letras com Inglês. É mantida pelo governo estadual e possui diversos *campi* em cidades do interior e da capital. O curso de Letras dessa universidade já é reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura e tem o objetivo de formar professores de inglês.

Realidades distintas e objetivos opostos são as características principais das instituições de ensino referidas aqui quanto ao ensino de língua inglesa. O IAENE oferece língua inglesa como disciplina complementar aos estudos teológicos, que servirá como ferramenta para os futuros pastores utilizarem nas suas leituras de textos bíblicos e correlatos em inglês. O inglês instrumental só oferecido por duas vezes, ao longo de todo o curso.

A UNEB é estruturada para formar professores de língua inglesa. E para tanto, mantém em sua grade curricular entre seis e sete níveis de componentes curriculares, sendo um por semestre. Dessa forma, o estudante e futuro professor pode estudar o uso gramatical e fonético do inglês como também as suas respectivas literaturas.

As duas instituições possuem salas e equipamentos suficientes para possibilitar ao estudante condições de aprendizado satisfatórias. Entretanto, foi verificada a reclamação, por parte de alguns informantes da UNEB, quanto à ausência de professores nas disciplinas. Segundo estes informantes, a existência de disciplinas sem professor é um dos fatores que mais interfere na qualidade do seu aprendizado.

É o que podemos constatar pelo depoimento:

CLEIDINÉIA (UNEB): tem algumas disciplinas que a gente não tem professor. E... assim, a, se, a gente tem eu sempre falo mesmo que esse terceiro semestre ia ser assim maravilhoso pra mim. Porque todos os professores, de inicialmente, é... mostraram que iam, é... as aulas iam ser em Inglês, tal. E a gente ia ter condições de aprender bem mais. Porque, como é que pode ser, o professor faltar!!

Outro fator que, segundo os informantes da UNEB, incomoda bastante é a pouca atenção e interesse de alguns professores pela produção científica dos estudantes. Eles dizem que, por causa desse desinteresse, têm de ser “autodidatas” nos estudos e buscarem “sozinhos” os conhecimentos de que precisam. (SÉRGIO, 2007.) “Porque muitos professores deixam a gente, assim, à toa. Você tem que ser autodidata, né. Aí se a gente não correr atrás do conhecimento, a gente fica prejudicado”.

No IAENE, não foi verificada reclamação em relação ao sistema de ensino, ao professor ou à disciplina. No entanto, pude perceber que a produção científica deles é inexistente, mas não reclamam dessa ausência de projetos que os estimulariam a produzir conhecimento. Penso que, por não serem esclarecidos a respeito da importância de se realizar pesquisas científicas, estes estudantes não se sentem estimulados a exigirem da instituição e dos professores qualquer iniciativa nessa área.

Nas entrevistas gravadas, houve uma leve argumentação quanto à obrigatoriedade de se estudar inglês no curso de Teologia. Esse foi o nível mais forte de crítica que foi constatado nas entrevistas. Segundo o estudante Valbert, ser obrigado a estudar inglês deixa-o menos motivado e mais preocupado em cumprir as exigências da matéria, do professor e da instituição, e pronto. (VALBERT, 2007). “Eu me sinto obrigado a estudar inglês. Motivado, ainda não”.

VALBERT (IAENE): então, a gente, é meio que obrigado a aprender esse Inglês aí. Agora, quando... eu sei que eu vou chegar mais rápido, no meu objetivo, através do Inglês aí, aí eu me sinto mo, motivado a estudar Inglês. Mas hoje eu não me sinto motivado a ainda pra estudar Inglês não.

i) Condições da aplicação dos questionários e da realização das entrevistas.

Era preciso fazer um levantamento sobre as características dos grupos que me serviriam de base para a pesquisa. Foi elaborado, então, um questionário (vide anexo, p. 139) para coletar as principais informações que me possibilitassem retratar a situação sócio-educacional dos entrevistados e, a partir delas, comparar o que dizem nas entrevistas com o contexto social, econômico e cultural a que pertencem e as suas relações com o ensino-aprendizagem ao qual estão submetidos.

A seleção dos informantes deu-se ao acaso, com a anuência do professor da disciplina, tendo como exigência antecipada o preenchimento de um questionário sócio-educacional, contendo alguns itens que podiam ser escolhidos de acordo com a resposta que mais se adequava à realidade de quem o preenchia.

O objetivo do questionário era fazer uma análise estatística dos informantes para se ter uma visão ampla da situação dos mesmos e comparar os dados, de maneira geral, à realidade, por eles vivida na faculdade e no contexto social.

Antes de se submeterem à pesquisa, os estudantes foram informados sobre o tema da pesquisa e as perguntas que responderiam; através do questionário de múltipla escolha e da entrevista, que seria gravada.

Após identificarem-se, escrevendo seus nomes e idades, eles respondiam as perguntas sobre o estado civil, renda, classe social, forma de ingresso naquela instituição e se estudaram mais na escola pública ou particular; ou só em uma, ou outra, o seu grau de escolaridade e idade.

Todos os itens foram marcados sem dificuldade. Nenhum estudante se negou a responder as perguntas, que lhes foram mostradas previamente para que, se tivessem alguma dúvida, esta fosse esclarecida antes.

Apliquei os questionários logo no primeiro dia de aula das observações em ambos os grupos. Informei-lhes antecipadamente sobre o que se tratava a pesquisa e

deixei claro que a participação deles seria voluntária. Disse-lhes também que não havia qualquer vínculo do meu trabalho com a direção das instituições. Fiz isso para tranquilizá-los - quanto às respostas que quisessem dar.

Deixei claro, também, que a identificação pessoal era opcional. Entretanto, percebi que todos se identificaram e não obtive qualquer objeção quanto à divulgação dos dados colocados no questionário, mas fiz questão de frisar, através de uma observação na folha que as informações colocadas ali seriam mantidas no mais absoluto sigilo.

Durante o preenchimento do questionário, na UNEB, a professora ausentou-se da sala. Permaneci lá para estar a postos para qualquer dúvida que surgisse. O que não ocorreu. Entretanto, no IAENE, o professor perguntou-me se haveria algum problema ele permanecer na sala. Eu lhe disse que não e dei-lhe um questionário para a sua análise.

Nas entrevistas gravadas, as quais foram realizadas em duas etapas, em dias diferentes, apresentei-lhes quatro perguntas básicas e, em alguns momentos interfeiri complementando ou fazendo outras perguntas para obter respostas mais claras e facilitar o meu entendimento. Minha intenção foi, através das perguntas básicas, provocá-los a dar, de maneira espontânea e sem limitações de tempo, o seu entendimento sobre autonomia, motivação, estratégias e como se relacionavam com esses temas.

As perguntas básicas apresentaram o seguinte conteúdo: a) o que você entende por motivação (do estudante); b) você se sente motivado para estudar Inglês? c) o que você entende por autonomia (do estudante); d) o que lhe faz sentir-se autônomo; e) o que você entende por estratégias de ensino-aprendizagem, e) quais estratégias você usa no seu aprendizado? Elenquei, para tanto, algumas estratégias para servir-lhes de referência e, com isso, poderem identificar, dentre aquelas, quais eles mais utilizavam ou falar de outras não mencionadas na pergunta.

O intuito era provocá-los a sair do campo teórico e refletir sobre a sua prática identificando-se como sujeitos motivados ou não, autônomos ou não, utilizadores de estratégias ou não. E assim, perceberem o quanto, como e onde precisam e desejam mudar posturas, atitudes, opiniões, escolhas, etc. para alcançarem a eficiência no seu aprendizado.

4.2 A TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.

i) Transcrição literal das falas.

Procurei transcrever as gravações de maneira literal, obedecendo aos desvios lingüísticos, às pausas longas, às interjeições, às repetições de fonemas, palavras e frases, desvios de concordâncias, pausas longas e risos dos informantes. Minha intenção é passar ao leitor toda a veracidade das emoções, dúvidas, desejos e reclamações dos informantes através da sua espontaneidade ao responderem. Por isso precisei transcrever fielmente o que eles falavam.

Na naturalidade do discurso e na liberdade de responder como quiser, o entrevistado deixar fluir as suas verdades, as suas incertezas e esperança nas mudanças. Assim, torna-se possível reproduzir um quadro fiel do que foram as conversas e a realidade desses estudantes de inglês, cujos sistemas de ensino são bem distintos: público e particular.

Com isso, a possibilidade de se comparar as respostas com as suas realidades torna-se maior e mais incisiva quando analisados os aspectos motivacionais, de autonomia e das estratégias que podem ser construídas para, se não resolver, ao menos minimizar as diferenças metodológicas e sócio-culturais existentes na sala de aula.

Não foi objetivo, deste trabalho, investigar qualidades e defeitos dos sistemas de ensino; tampouco, avaliar desempenho dos professores das turmas observadas. O objetivo foi o de constatar como se processa a autonomia nos contextos mencionados, qual o nível de motivação que eles possuem em relação aos desafios das aulas e em relação à estrutura disponível. A partir daí, investigar quais estratégias os informantes utilizam, seja por escolha do professor, da instituição, ou deles próprios e de que forma elas ajudam no seu aprendizado.

4.3 ESTUDANTES ENTREVISTADOS: IAENE E UNEB.

Ensinar inglês num ambiente desmotivado, sem perspectivas de mudanças que satisfaçam a ambos os lados: alunos e professores - é um desafio difícil de ser superado e seus resultados raramente são satisfatórios. Pesquisar os efeitos da motivação no ensino de língua inglesa e as conseqüentes estratégias para criá-la, mantê-la ou aumentá-la exige a verificação de alguns aspectos internos e externos diretamente relacionados.

Para a escolha dos grupos pesquisados, resolvi selecionar as instituições observando os seguintes aspectos como fatores de corte: a) a escola pública de ensino médio não me pareceu consistente, pois eu buscava uma realidade onde os alunos tivessem uma integração maior com a disciplina e com o curso, o que não ocorre no ensino médio; b) o grau de politização e de esclarecimento a respeito dos temas da pesquisa não é satisfatório nesses estudantes; c) a língua inglesa no ensino médio tende a ser mais gramatical. E isso não corresponde ao conteúdo lingüístico de inglês, o que impede os estudantes de terem uma noção mais aprofundada sobre a sua importância. Neste contexto, inglês é somente mais uma disciplina nessa fase dos estudos. Dessa forma, seria difícil fazer um acompanhamento desses grupos por quase dez meses.

Pensei, então, em pesquisar algumas turmas dos cursos livres (CCAA¹⁵, FISK,¹⁶ CNA¹⁷). Mas me pareceu também inconsistente porque estes grupos de estudantes estão subordinados às metodologias rígidas.

Meu orientador, o prof. Luciano Rodrigues Lima, sugeriu-me pesquisar grupos de estudantes universitários; um da escola pública e outro de instituição particular. Dessa forma, eu poderia avaliar como a motivação se processa no aprendizado de língua

¹⁵ Centro de Cultura Anglo-Americana – CCAA.

¹⁶ Sobrenome do seu fundador, Richard Hugh Fisk.

¹⁷ Cultural Norte-Americano - CNA.

inglesa desses estudantes , os quais possuem uma consciência político-educacional amadurecida sobre as suas dificuldades e o direcionamento dos seus objetivos.

4.4 DADOS COLETADOS.

i) Instituto Adventista de Ensino do Nordeste – IAENE.

Dados coletados no IAENE.				
Faixa etária	Faixa de Renda (em Reais: R\$)	Estado Civil	Classe Social	Estudos
18 - 35	380 -2000	Casados: 6	Baixa: 9	Mais em escola pública: 7
		Solteiros: 8	Média: 3	Mais em escola particular: 3
			Alta: 1	
			Média Baixa: 1	Metade em escola pública e metade em escola particular: 4

Quadro 8. Informações sócio-educacionais sobre os estudantes do IAENE.

i.i) Comentários:

Um dado que merece ser salientado aqui, embora não tenha se constituído como item no questionário sócio-educacional, é que, na turma de Teologia, todos os informantes são do sexo masculino, enquanto na turma de Letras, somente um informante é do sexo masculino.

Para efeito de análise específica dos dados dessa turma, o item “sem renda” foi descartado da tabela, mesmo tendo sido marcado por um dos informantes no questionário sócio-educacional. Ocorre que a admissão de viver sem renda não coaduna com o fato de o informante estar cursando Teologia numa instituição particular de ensino, a qual exige gastos.

Mesmo que este informante tenha sido contemplado com uma bolsa integral da instituição, não deixa de haver gastos e despesas que exigem, da pessoa, algum recurso financeiro. Dessa forma, este resultado fica descartado, levando-se em conta que o informante pode ter se equivocado quanto ao fato de ele não ter uma renda formal, e aí imaginar-se “sem renda”.

O fato de a maioria dos estudantes ter realizado os seus estudos fundamental e médio em escola pública, como indicado na tabela e, agora, estarem cursando numa instituição particular é um indicativo de que conhecem razoavelmente a situação de ambas, concernente ao ensino/aprendizagem de língua inglesa e podem, através dessas experiências, refletir melhor sobre a sua prática..

A diferença de idades na turma é algo que chama a atenção, pois as experiências sociais e culturais tendem a ser bastante heterogêneas. O estudante mais jovem tem 18 anos e o mais velho tem 35. Essa disparidade, de acordo com o que percebi, gera um afastamento entre eles e uma formação de grupos que se identificam através de duas características principais: a idade e o estado civil. Os casados se entrosavam mais com os casados; os mais novos se entrosavam mais com os mais novos.

A classe social não me pareceu circunstância determinante no relacionamento do grupo. Neste aspecto, a transversalidade cultural e de interesses, como também, o propósito de cada um em se tornar pastor daquela instituição, pareceram-me pontos fundamentais para criar uma atmosfera de identificação de interesses.

Gabriela Cabral (2008), da equipe Brasil Escola, diz que classe social é um termo utilizado para classificar pessoas segundo o seu poder aquisitivo. Considerando esta definição e por se tratar de um referencial importante para a análise dos dados, o item “classe social” foi incluído no questionário com o intuito de avaliar o quanto os informantes associavam esse dado à faixa de renda sugerida no questionário.

O IBGE / PNAD¹⁸, para definir classe social, utiliza as informações sobre as características gerais como população, migração, educação, trabalho, famílias e domicílios, conta própria e indicadores retrospectivos de rendimento relativos ao período para o conjunto do país e grandes regiões.

¹⁸ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD. São apresentadas algumas estatísticas destacadas destes temas para as unidades da federação. Inclui, ainda, comentários sobre composição e mobilidade populacional, educação, situação do mercado de trabalho, sindicalização, cobertura previdenciária, situação dos rendimentos, condições de habitação e posse de bens duráveis. Fonte: (IBGE – internet.)

Nove estudantes dizem pertencer à classe social baixa. Isso enfatiza um perfil de estudantes cujos estudos são custeados por si, através do trabalho, da cooperação técnica com a instituição¹⁹, ou pela colportagem²⁰

O item divisão de classes parece estar esquecido como demarcador de posturas e valores representativos de cada extrato social. Quando me refiro a classes, falo sobre todos os aspectos envolvidos na sua caracterização. Por exemplo: nível de escolaridade, casa própria, bens móveis e imóveis, opção por escolas particulares da educação básica, etc. Na atualidade, a divisão parece estar apoiada mais no aspecto financeiro.

Muitos informantes me pediram esclarecimentos quanto ao item “classe social” pois, não sabiam dizer a que classe realmente pertenciam. Isso indica uma perda da importância e do valor dado a este “divisor social”, outrora muito executado para demarcar os territórios dos que tinham muito dinheiro, dos que não tinham tanto e dos que nada tinham.

Não se pode negar que esse fator ainda pesa nas relações sociais e culturais. Morar em bairro considerado nobre, ter bens materiais e freqüentar as melhores escolas sinaliza que este indivíduo faz parte de uma realidade experimentada por poucos. No caso específico do grupo entrevistado, não percebi esse demarcador social entre eles.

As diferenças, neste caso, ao invés de afetarem, ajudam a criar um clima de identificação cultural e social entre eles, o que pode aumentar a sua motivação e criar um ambiente de fácil aprendizagem e troca de informações que lhes servirão muito na construção de suas estratégias.

As aulas eram sempre ministradas em inglês²¹. Este fato gerou certo constrangimento inicial, nos estudantes, pois, apesar de estarem no segundo semestre do

¹⁹ O estudante presta serviços à instituição, que lhe paga através da gratuidade dos estudos.

²⁰ A palavra “colportagem” vem da palavra “Colportor” que deriva do francês e significa “levar no pescoço”. Esse nome originou-se do costume que tinham os colportores valdenses de levar os escritos sagrados debaixo da roupa, ou numa bolsa que pendia do pescoço. Colportor é um termo empregado pelas Igrejas Evangélicas (tradicionalistas e/ou renovadas), vendem literatura religiosa, via de regra, de porta em porta, ao tempo em que realiza pregação. Fonte: internet – ver referências.

²¹ Professor Luciano Rodrigues Lima (UFBa) pergunta: “se era inglês instrumental para ler textos, como você afirmou, por que as aulas eram em inglês?” Eu respondo: Não sei. Também me perguntei a mesma coisa. Como eu não estava lá para observar o desempenho do professor, esse aspecto, apesar de eu ter notado, não me pareceu relevante. Talvez, se eu perguntasse ao professor da turma, poderia gerar um desconforto, pois haveria a possibilidade de ele pensar que eu queria determinar o que tinha de ser feito na sua aula. Para não gerar constrangimento, preferi não me pronunciar. Fonte: correções no copião dessa dissertação, 2008.

curso, aquela era a primeira vez que estudavam inglês. Muitos não têm o domínio do idioma e passaram a ter dificuldade na assimilação do que o professor explicava.

O professor elabora tarefas e atividades que compreendem textos, músicas e explicações gramaticais distribuída entre os estudantes no início da aula. Estas atividades são trazidas para a aula sem prévio conhecimento do educando. Não percebi, no entanto, qualquer inquietação entre eles com o intuito de trazer ou propor alguma atividade diferente para a aula.

ii) Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Dados coletados na UNEB				
Faixa etária	Faixa de Renda (em Reais)	Estado Civil	Classe Social	Estudos
18 - 29	200 -1200	Casados: 1	Baixa: 3	Mais em escola pública: 9
		Solteiros: 10	Média: 6	Mais em escola particular: 0
			Alta: 1	
			Média Baixa: 1	Metade em escola pública e metade em escola particular: 2

Quadro 9. Informações sócio-educacionais sobre os estudantes da UNEB.

ii.i) Comentários:

A faixa etária do grupo pesquisado na UNEB é significativamente menor em relação ao índice apontado no grupo pesquisado no IAENE. Essa menor diferença etária pode facilitar o entrosamento entre os educandos porque os gostos e afinidades relacionados aos estudos, à música, à leitura, ao entretenimento, etc. tendem a ser semelhantes.

Um dado curioso é que nenhum dos estudantes da faculdade pública, durante os estudos básicos, estudou inteiramente em escola particular. Isso representa uma situação inversa ao período de estudos básicos dos educandos do IAENE. Penso que o fato de os estudantes da UNEB terem estudado mais na escola pública evidencia um grau de envolvimento maior com os desafios educacionais, típicos do ensino público gratuito, exigindo destes, grande motivação intrínseca.

A motivação desse grupo me pareceu muito forte. Nas duas semanas em que observei as aulas, ficou evidenciado um entrosamento sadio entre os eles. E ficou, também, evidenciada a ausência de qualquer aspecto, social ou cultural, que pudesse servir como demarcador de territórios ou de exclusão.

Ao contrario, há uma solidariedade entre eles no tocante à realização das tarefas e na ajuda aos colegas com dificuldade. Um desses estudantes, de prenome Sérgio, aparentava ter maior domínio da língua. Sempre que os colegas tinham uma dúvida maior, procuravam-no e ele correspondia bem aos questionamentos. Durante a entrevista gravada, este aluno disse já ser “formado” em inglês e já lecionava.

Não percebi demarcação de territórios, dentro do grupo, referente à classe social, cultural ou faixa etária. Notei um envolvimento solidário entre todos quando a professora pedia a realização de alguma atividade na aula. Todos faziam, em equipe, sem haver separação que denotasse qualquer exclusão de cunho cultural ou social.

Um dado constatado na UNEB, que se opõe ao encontrado no IAENE, é o que se refere à classe social. Na UNEB seis estudantes dizem pertencer à classe média; e somente três à classe baixa. Ao passo que, no IAENE, nove dizem pertencer à classe baixa e três, à classe média.

É interessante notar como esta realidade se pronuncia de maneira oposta nos dois ambientes. Na escola particular, os estudantes se dizem de classe baixa; ao passo que os da escola pública, se dizem de classe média. Levando-se em consideração o objetivo do ensino público e gratuito, direcionado aos que não podem custear o ensino privado, deveríamos ter, na universidade pública, mais estudantes de baixa renda.

Na UNEB, A maioria do grupo é composta por mulheres. Outra realidade oposta em relação ao grupo do IAENE. Os motivos para isso são o sistema de cada instituição. Como a Igreja Adventista não permite “pastoras” em seu quadro, o curso de Teologia tende a ser freqüentado, na sua maioria, por homens. Vale salientar, entretanto, que as mulheres são aceitas no curso de Teologia. Só não podem assumir a função de “pastoras”²².

²² O professor Eliab Barboza que, além de professor é adventista há mais de trinta anos, foi questionado sobre o fato de a mulher não poder exercer a função de pastor.

ELIAB (IAENE): bom, para contemplar a... formanda em Teologia, assim, para que não a deixe sem uma ocupação dentro da igreja, uma vez que ela optou em fazer um curso é, é... da igreja. A igreja a aproveita na área de educação. Especialmente ela vai ser professora de bíblia ou professora de educação religiosa em nossos colégios...é...ensinando no ensino fundamental, ensino médio. E também é... em cursos superiores como capelã de faculdades onde temos um trabalho é... evangelístico com jovens.

As estudantes entrevistadas sempre demonstraram bastante interesse pela aula que, primeiramente, foi ministrada em inglês e depois passou a ser ministrada em português e inglês, simultaneamente. Esse foi um aspecto impertinente notado, porque quando a aula não é ministrada inteiramente, ou em pelo menos, boa parte dela na língua estrangeira, há uma perda considerável de aprendizagem, principalmente nos itens conversação e vocabulário.

O nível de conhecimento do grupo quanto ao uso e domínio das estruturas da língua inglesa é bom, considerando que todos os entrevistados já vêm de uma experiência com a língua inglesa anterior à faculdade de Letras. Entre os estudantes, há professores de inglês do ensino básico, de escolas particulares e públicas. Alguns com longa experiência no ensino da língua; outras, sequer começaram a trabalhar na área.

É possível dizer que a pouca diferença de idades entre eles, a identificação social e educacional, a faixa de renda, como também uma origem comum na escola pública de ensino fundamental e médio constituam-se em estímulos capazes de impedir iniciativas que venham a causar isolamento de indivíduos e grupos dentro da sala de aula. Isso representa um importante ganho na busca de um ambiente onde a auto-estima seja elevada, contribuindo também para a formação de sujeitos críticos, opinativos e conscientes do seu papel de construtores do seu sucesso.

A faixa de renda do grupo é também oposta à faixa constatada entre os alunos do IAENE. É interessante também perceber que, embora a faixa de renda entre os alunos da UNEB seja menor do que a dos alunos do IAENE, a maioria dos estudantes da UNEB se considera da classe média. No IAENE, cujo valor mais alto de renda chega a Dois Mil Reais, a maioria dos estudantes se consideram de baixa renda.

Os dados mostram haver um conflito entre o que os entrevistados ganham e a classe social a que pertencem. O que comprova que eles não sabem determinar, com clareza, os aspectos que os fazem pertencer a uma classe social.

EU: Por que isso? ELIAB (IAENE): porque a igreja, ela ainda não reconhece a formada em Teologia como um, uma igual é... o pastor é reconhecido como pastor. Haja vista a igreja mundial não ter ainda, a, assim, aceito o, o papel da mulher como pastor, né, como pastor, no caso.

4.5 SOBRE AS OBSERVAÇÕES DAS AULAS.

i) IAENE.

Minhas observações duraram quinze dias em cada turma. Todas ocorrem no mês de agosto de 2007. No IAENE, as aulas eram às terças, de uma às três da tarde; e na quinta, das duas às três. Na UNEB, eram as terças, das oito às nove e trinta; e na quarta, das oito às dez. Antes de iniciar a frequência às aulas, conversei com os professores das disciplinas com o intuito de esclarecer sobre a minha presença, que serviria apenas para observar o nível de envolvimento dos estudantes com o conteúdo e com a disciplina e não para avaliar o seu desempenho.

Não pude frequentar a mais aulas por duas razões: a) moro distante dos lugares pesquisados; b) Nos dias das aulas eu tinha de ir para Salvador para fazer Tirocínio Docente, observando e depois assumindo as aulas da disciplina *História da Língua Inglesa*. Outra coisa que não classifico como primordial, mas que, de alguma forma, teve alguma influência, é que a presença de alguém estranho na aula causa certo desconforto, quando se sabe que aquela pessoa está ali para observar. Senti, em algum nível, certa retração de alguns alunos durante as aulas. Isso podia estar ligado à minha presença em sala.

A primeira instituição em que fiz as observações foi o IAENE. No primeiro dia, o professor explicou à turma como seria o andamento dos trabalhos e colocou-se à disposição para esclarecer dúvidas. Os estudantes perguntaram-lhe como seria o andamento da disciplina e às formas de avaliação e ao material didático. Neste dia, a aula ficou nisso, apenas dúvidas. Havia quatorze estudantes.

Na segunda aula, foi apresentada uma apostila contendo hinos em inglês para os alunos traduzirem e cantarem ao final. Percebi algum sentimento de insegurança neles, que não sabiam exatamente o que o professor estava propondo, em inglês, naquele início de aula. No entanto, nenhum deles se dispôs a questionar ou propor algo diferente daquele material apresentado.

Um dos alunos pediu para o professor explicar o uso do artigo definido. A partir daí, a aula foi direcionada então para o esclarecimento dessa dúvida gramatical que acabou gerando outras dúvidas. Isso tirou o foco do que havia sido proposto inicialmente e fez com que a aula se encerrasse em meio a outras dúvidas gramaticais e sobre temas gerais, ficando o texto com as músicas para a aula seguinte.

Até esse ponto, dentro do grupo, o fato de o professor ter saído do foco principal da aula, para o qual havia se pré-disposto e por outra circunstância, não cumpriu, levou os estudantes a exporem suas preocupações em relação à disciplina e ao curso. Apesar disso, todos demonstraram vontade de continuar e de colaborar mais com a aula e com o seu aprendizado.

Na semana seguinte, a turma já estava maior, pois os alunos ausentes nas duas primeiras aulas haviam chegado e o professor voltou a explicar como seria o andamento dos trabalhos, gastando considerável tempo que deveria ser dedicado à explicação do conteúdo daquela tarde. Neste mesmo dia realizei as entrevistas gravadas.

Apesar da segurança e da tranquilidade para explicar os tópicos e a parte gramatical, o professor fazia exposições livres, não demonstrando estar deliberadamente usando estratégias voltadas à aplicação dos conteúdos. Notei que os moldes das aulas tradicionais - professor fala e os alunos ouvem - eram aplicados. Não que ele demonstrasse autoritarismo para com o grupo, mas falava mais do que ouvia. Isso me pareceu o uso do velho jeito de ensinar, no qual o professor é sempre o centro das atenções, o detentor do saber.

Quando a aula se concentra no saber do professor, ou seja, ele passa a ser o centro da questão na sala de aula, a resolução das dificuldades, a possibilidade de que os alunos se sintam intimidados em manifestarem suas propostas e autonomia na condução dos seus estudos é maior e pode ainda levar a uma desmotivação acentuada. Porque chega um instante em que o aluno não se sente útil à disciplina e ao conteúdo, a não ser como dado estatístico para a nota ao final do semestre letivo.

Alguns depoimentos dos estudantes da IAENE caracterizam o que representa uma sala de aula autônoma. Eles dizem:

MANOEL (IAENE): uma sala participativa, onde os alunos tivessem liberdade de dar as suas opiniões, participasse, junto com o professor, na escolha do conteúdo, e... num, nos métodos de aprendizado.

HÉLIO (IAENE): ah... hum... é, a partir do momento em que... o professor mostra como é que se faz, né, mostra o caminho para o aluno, acho que ... ele pode se seguir... de acordo com a sua vontade, de acordo, com, com o interesse que ele tem de aprender.

GALDINO (IAENE): uma sala de aula autônoma, uma sala composta por alunos dispostos e motivados a avançarem em níveis de conhecimento. Coisa que eles não poderiam alcançar se, de repente, não tivessem essa auto motivação. Então, quando a pessoa está disposta, a pessoa entende a necessidade que temos em adquirir conhecimento elas, é ... começa a ter esse interesse de aprender mais e mais. E, dessa forma, ela tá aí, declarando que é uma pessoa auto motivada, é uma pessoa autônoma em relação ao conhecimento.

Num ambiente assim, apesar de qualquer dificuldade, o aprendizado tende a ser proveitoso porque os agentes envolvidos se doam e interagem de maneira mais aberta, menos formal e mais solidária. Nessa atmosfera de entendimento as atitudes positivas e a auto-estima encontram força para se solidificarem nos relacionamentos dos educandos com a disciplina e com o professor.

Na quarta aula, o professor trabalhou com um texto sobre situações do cotidiano e pediu aos alunos que traduzissem e, ao final da aula, corrigiu a tradução e discutiu com os eles sobre frases e palavras e como elas poderiam ser interpretadas. Alertou aos alunos que a tradução de inglês para português não pode ser literal o tempo todo. Deve-se procurar o melhor sentido das palavras e expressões.

Achei que, nesse dia, a aula foi mais rica porque o professor usou de uma estratégia simples, porém, muito eficaz, que se constituiu em levar os alunos a trabalharem em grupo, a discutirem, primeiramente, entre si sobre o conteúdo da tarefa e negociar com eles a melhor tradução, fazendo referências positivas aos erros como algo que deve acontecer para que aprendamos mais e melhor.

Para que haja vontade de criar estratégias que motivem e a autonomia no processo de ensino-aprendizagem, é preciso que os sujeitos envolvidos compreendam, nitidamente, o seu papel, refletindo sobre a sua prática na construção de paradigmas voltados às inter-relações, à interdisciplinaridade e ao comportamento que cada indivíduo deve assumir enquanto realizador do seu projeto.

ii) UNEB.

Para observar as aulas do grupo da UNEB tive de esperar um tempo considerável devido à greve dos professores, a qual durou quase três meses. Assim que as aulas retornaram consegui acertar com o Departamento daquela instituição a minha presença na aula da professora de língua inglesa, do terceiro semestre.

No primeiro dia, a professora compareceu à aula, mas me cedeu o tempo para eu explicar sobre o tema era da minha pesquisa e como eu desenvolveria as observações e entrevistas. Disse à professora que, naquele dia, não iria precisar de tempo maior, no entanto, ela se justificou dizendo que iria para uma reunião do Departamento.

Conversei com o grupo, em inglês e expliquei como faria o meu trabalho. Todos se mostraram dispostos a participar da pesquisa e a me ajudar no que fosse preciso. Pedi, então que eles preenchessem o questionário sócio-educacional, avisando-lhes que somente os estudantes que respondessem ao questionário iriam participar da entrevista gravada. Tudo transcorreu bem e nenhum deles se negou a responder as perguntas.

Na única aula que pude assistir por inteira, em virtude dos seminários, palestras e reuniões que suspendiam as aulas da instituição, a professora usou boa parte do tempo para a resolução dos exercícios os quais havia pedido ao grupo para fazer e que seriam corrigidos na primeira aula. As tarefas eram compostas de textos e exercícios. A professora repetia com o grupo, eles traduziam e corrigiam os exercícios escritos e os diálogos. Percebi que todos os estudantes participavam da aula, questionando, dando sugestões em relação à tradução de alguma palavra ou expressão e sobre algumas dúvidas gramaticais.

Achei a aula bem interativa, com nível agradável de participação e de entrosamento. Os estudantes demonstraram afinco nas tarefas e mantiveram diálogos francos com a professora sobre as dúvidas que iam surgindo durante a apresentação. Os alunos que tinham alguma dúvida mais acentuada perguntavam à professora que, prontamente, esclarecia e perguntava se todos haviam compreendido aquele tópico.

A forma como essa profissional trabalha os conteúdos gramaticais é muito positiva. Alguns alunos falam inglês fluentemente e ajudam-na, num clima descontraído, a fazer a correção das tarefas. A turma se dividiu em grupos, preenche os exercícios e perguntam muitas dúvidas à professora, que se mostra muito solícita para responder.

Outro aspecto que achei importante na aula foi a forma como a professora trata os questionamentos dos estudantes. Senti que ela não despreza as dúvidas mais simples,

e às vezes, extemporâneas. Num determinado momento da explicação de um tópico gramatical, um dos alunos perguntou-lhe se ela sabia o que significava uma frase que ele havia lido em algum lugar e trouxe para sala. Achei que ela não iria responder, ou dizer que, fora da aula, ajudaria aquele estudante. No entanto, respondeu, prontamente.

Às quartas-feiras, eles têm aula das 8h às 12h com a mesma professora. Isso porque são dois componentes curriculares: *Laboratório de Língua e Tópicos Gramaticais*. Durante todo o período da aula, percebi um bom entrosamento, um bom envolvimento e uma participação animada e efetiva dos estudantes. Além disso, o foco do que havia sido proposto não foi perdido. Essa seria a sala de aula autônoma, na qual os envolvidos são autônomos, mais solidários.

Percebi um grau considerável de autonomia no grupo, favorecido pela estratégia usada pela professora ao não determinar um significado único literal para as palavras ou frases, nem estabelecer a primazia das regras gramaticais, mas sim, estabelecer uma negociação de sentido e de significados nas traduções e interpretações mais reflexivas sobre as regras.

Nas aulas do IAENE, o clima formal, distanciado, mesmo sem haver uma imposição direta ou autoritarismo decorre do sistema educacional da instituição, cujo lastro é religioso e tradicionalista²³. Por mais que se tente mudar essa aura de formalidade dentro da sala de aula, o contexto exterior lembra sempre a formalidade dos atos, dos estudos e obediência às regras da Igreja e da faculdade.

Nas aulas da UNEB, a professora desenvolveu estratégias que permitiram o envolvimento maior do grupo com as tarefas pedidas. O ensino não é centrado no professor. E isso se refletiu diretamente na motivação e na autonomia dos estudantes ao realizarem outras tarefas, utilizando outros modelos.

Notei que a conversação em inglês fluía mais facilmente no grupo da UNEB do que naquele do IAENE, apesar de não ser uma exigência tácita neste último, visto que inglês instrumental dispensa conversação e enfatiza leitura e tradução. É possível afirmar, de acordo com o que senti em relação ao desempenho e ao envolvimento da turma, que a motivação intrínseca estava mais presente do que a motivação extrínseca.

No IAENE, entretanto, com toda a preparação intelectual e profissional do professor, a posição dele em sala me pareceu mais a de um dono do conhecimento do que a de um facilitador e mediador das tarefas e atividades.

²³ Comentário desprovido de qualquer juízo de valor. Trata-se, apenas, uma análise baseada nas observações feitas durante as aulas e na análise estrutural da instituição.

O estudante Pedro, respondendo sobre autonomia explica o porquê de ele se sentir autônomo para estudar Inglês:

PEDRO (IAENE): eu me sinto um estudante autônomo porque no momento em que eu sinto a vontade de, de, de colocar a minha opinião, de dar minha opinião, dar sugestão, sugestões e, quem sabe, fazer argumentações ou questionamento, é... eu não vejo impedimento, da parte de, tanto do professor, quanto como de, dos colegas. Então, eu me sinto uma pessoa autônoma, nesse sentido, porque, da maneira que eu compreendo autonomia dentro de sala de aula, eu acredito que eu me sinto uma pessoa autônoma.

Se este educando encontrasse um clima diferente na aula de Inglês, ou seja, se ele entendesse que poderia elaborar estratégias para construir a sua aprendizagem e depender menos do professor, agiria de forma contrária ao que ele pensa até o momento. Mas, faço questão de enfatizar, que não notei qualquer reação de autoritarismo vinda do professor. O clima de “autoridade” é fomentado pela instituição.

Por mais que o profissional seja capaz e disposto a produzir um ambiente autônomo dentro da sua aula e com isso, criar estratégias para facilitar a assimilação dos conhecimentos, expostos de maneira mais participativa, a instituição como “dona do regime” exerce influência sobre uma parte dos resultados. Se a instituição pensa de um jeito e o profissional pensa de outro é possível que nesse conflito o estudante saia perdendo.

A motivação é a condição prévia para que o indivíduo dê o primeiro passo, busque a sua independência. Para se construírem estratégias de ensino/aprendizagem é preciso que haja motivação de ambos os lados: alunos e professores. O professor deve ficar neste inter-espço como um agente que permite a mudança, a inovação.

À instituição, cabe o papel de dar suporte às transformações do processo educacional. Sem esse suporte, é difícil promover mudanças consistentes com vistas a uma aprendizagem mais humanizada, menos mecanizada. Agindo assim, a possibilidade de se formarem indivíduos críticos, reflexivos, independentes e solidários é muito maior do que nas instituições cuja tradição não lhes permite mudanças.

Na UNEB, a estrutura didático-pedagógica permite um ambiente mais participativo nos aspectos político e educacional dos seus agentes. Vê-se que, apesar da reclamação dos informantes quanto à ausência de professores para algumas disciplinas e de outras dificuldades estruturais, a participação deles nas aulas demonstra uma forte motivação intrínseca capaz de desconsiderar as dificuldades e aproveitar, da aula, aquilo que ela tem de melhor: envolvimento, conteúdo e o enfretamento sadio.

É o que fica demonstrado nos seguintes depoimentos:

BÁRBARA (UNEB): pra mim, motivação é você tá sempre buscando é... buscando novidades, buscando atividades, principalmente voltado pra área que a gente tá, né que é o Inglês. Sempre também buscando também novas, novas, novas... novos conteúdos, uma forma nova pra você aprender a... essa língua que, pra gente, hoje é um pouco complicado, por conta de algumas dificuldades que nós encontramos. Mas é você tentar sempre, tá buscando o novo e buscando o melhor.

VILMA (UNEB): autonomia é, é você ter coragem, vontade e coragem de fazer algo. Nem sempre é fácil você ser autônomo né. Porque, muitas vezes, você tem vontade, você quer, você tenta, mas existem muitas barreiras que lhe impedem. “Ce” quer fazer um trabalho diferenciado, mas você não pode pó, por ou por outro motivo. Então, ser autônomo, “vo”, é você tentar fazer, você querer fazer, você trazer coisas novas, coisas diferentes. Você ousar, muitas vezes. E autonomia é difícil. Assim, dá...

MÁRCIA (UNEB): com certeza. Eu acho que, a partir da hora, que a gente é... traz, principalmente pra uma sala de aula, a gente traz uma estratégia, ou seja, a gente traz uma coisa que a gente sabe que vai motivar o aluno a, a seguir em frente, a não desanimar, essas suas estratégias se tornam, assim, um ponto forte, um ponto alto para que possa desenvolver outros projetos futuros e uma organização, pelo menos no projeto da gente, que é a língua estrangeira: o Inglês.

Ao passo que, no IAENE, a formalidade sistemática impede de maneira mais direta a existência de instrumentos ou estratégias que facilitem não apenas o aprendizado, mas a transformação do estudante em um ser crítico, político, reflexivo e agente da sua mudança, dono das suas escolhas, dos seus métodos e técnicas de aprender e passa a esperar mais do professor do que dele próprio. Quando pensa em estratégias, a sua reação é achar que isso deve ser uma iniciativa maior do professor, e não de si.

É o que também fica evidenciado nos seguintes depoimentos:

PEDRO (IAENE): estratégias de ensino-aprendizagem. Eu acredito que estratégias de ensino-aprendizagem é algo que já, é o momento onde o professor cria métodos, né... que facilite ainda mais a compreensão de determinado assunto, né... eu acredito que estratégias de aprendizagem.

FRANCISCO (IAENE): estratégias de ensino. Bom, ao meu ver, seria uma forma... e... eu não acredito que ela haja hoje. Mas a meu ver, seria uma forma de tentar... ajudar o aluno a aprender determinada disciplina num tempo... mais assim, vamos dizer... economizando tempo. E nessa economia de tempo, aumentando o aprendizado dele.

GALDINO (IAENE): ah... os métodos utilizados pelo professor pra que o aluno possa absorver o conteúdo transmitido. E, dessa forma, ele possa sair da sala satisfeito e... “el”, ele possa ter alcançado o que... a meta que ele veio pra cá pra poder alcançar.

Os informantes da UNEB posicionam-se de maneira mais crítico-reflexiva em relação ao uso de estratégias de ensino-aprendizagem. Pelas respostas que deram, eles demonstram ter consciência de que, no processo de ensinar e aprender, todos têm o mesmo dever e compromisso de criarem estratégias facilitadoras para a transmissão e recepção dos conhecimentos.

Neste contexto, a colaboração, a troca de informações, sugestões e críticas servem de elementos estimuladores da sua prática. Com isso, eles podem, de maneira autônoma, buscar aquilo que pode ajudá-los a construir um ambiente agradável, no qual as barreiras para o aprendizado são demolidas mais facilmente.

Podemos identificar isso nas seguintes respostas:

MÁRCIA (UNEB): com certeza. Eu acho que, a partir da hora, que a gente é... traz, principalmente pra uma sala de aula, a gente traz uma estratégia, ou seja, a gente traz uma coisa que a gente sabe que vai motivar o aluno a, a seguir em frente, a não desanimar, essas suas estratégias se tornam, assim, um ponto forte, um ponto alto para que possa desenvolver outros projetos futuros e uma organização, pelo menos no projeto da gente, que é a língua estrangeira: o inglês.

BÁRBARA (UNEB): com certeza, estratégia de ensino é muito importante. Como eu havia dito, né, uma questão anterior, é exatamente isso. Com o, o componente importante, certo, no caso: fonética e fonologia, você tendo estratégia de “ensindo”, de ensino correndo é...fluentemente todos os componentes você vai ter uma, um bom resultado em outros componentes. Então, isso também é uma estratégia de ensino que o professor tem as, as interações entre os professores e que facilitam a nossa vida de estudante. Então, é muito importante, principalmente também dentro da própria matéria, que a gente tem o laboratório de Inglês, ter estratégias de ensino, ter a, a ter o “traba”, o material bom pra, pra se aprender, isso causa um bom impacto pra gente, tanto na nossa vida profissional, na área, como também, é... fora da vida profissional, o lado pessoal também, você acaba tendo uma motivação maior.

4.6 AUTONOMIA, MOTIVAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM.

i) O que significa estar motivado?

Estar motivado para realizar projetos exige dois elementos principais que servem de impulso: trata-se do desejo e da inquietação. Não se consegue estar motivado sem estar-se inquieto e desejoso para que tal evento ou projeto se realize, tome forma, saia da holografia imaginária e se materialize na dimensão sensorial.

Uma dos meios para conseguirmos fazer com que o nosso desejo se materialize, é procurar criar situações e condições que possam favorecer o surgimento das oportunidades, dos encontros, dos projetos e o ambiente em que pretendemos estar. Outro meio é utilizamos estratégias e instrumentos capazes de darem consistência ao nosso plano de ação que, consciente ou inconscientemente, é executado com o objetivo exclusivo de materializar a nossa vontade.

É assim nos estudos, na vida social e cultural. É assim nas escolhas e rumos que damos às nossas existências e no domínio da vida. Freire (1996) diz que a autonomia, simbolizando a independência, jamais o isolamento, é o estado de ação em que podemos nos encontrar sempre que nos dispomos a buscar coisas novas, a inovar as nossas existências, a romper com a ética pré-estabelecida.

Para avaliar os aspectos motivacionais e de autonomia nos estudantes das instituições pesquisadas, as quatro perguntas principais serviram-me para uma constatação mais incisiva sobre dois pontos fundamentais da pesquisa: o primeiro é o nível de conscientização de cada entrevistado sobre motivação, autonomia e estratégias.

O segundo objetivo era o de perceber até que ponto o entrevistado sentia-se motivado e autônomo e o que fazia para que estes fatores estivessem presentes em suas vidas. Por isso, elaborei perguntas abertas, sem restrição de tempo para respostas, mostrando-lhes, antes do início da gravação, o seu conteúdo para construírem as suas respostas sem pressão psicológica ou elementos-surpresa.

Era necessário perceber o grau de entendimento dos entrevistados sobre aspectos tão influentes em suas vidas e, a partir daí, poder verificar suas atitudes, posturas e valores em sala, entre si e com o professor. Só então eu poderia fazer algumas inferências sobre os efeitos de estratégias na motivação e, conseqüentemente, na autonomia.

ii) A estratégias de motivação e seus efeitos nos informantes do IAENE e da UNEB.

Os entrevistados demonstraram estar motivados para estudar inglês. Suas respostas denotam muito interesse pelo conteúdo da disciplina porque esta vai servir

como um instrumento de ajuda nas suas leituras e pesquisas e na melhor qualificação profissional no mercado de trabalho.

A auto-estima é um fator muito presente nesse contexto motivacional e influencia estes educandos a darem continuidade aos seus projetos. Sem auto-estima alta fica difícil enfrentar desafios pessoais e exteriores, assim como superar medos e preconceitos sociais e culturais.

Estudar inglês exige uma boa dose de auto-estima, haja vista os diversos obstáculos os quais os alunos interessados têm de enfrentar. Exemplo: pouco prestígio social, professores pouco preparados, salas cheias, material didático incipiente, etc. Perguntados se estavam motivados para estudar inglês e o porquê disso, eles deram as seguintes respostas:

ELAINE (UNEB): me sinto. [...]. Ah, porque eu gosto muito e a minha mãe sempre viu assim Inglês como a que, que tinha que ter uma prioridade nas nossas vidas né. “Tem que aprender Inglês porque o mercado de trabalho exige isso”. (risos) posso usar gíria?

MANOEL (IAENE): sim, sim. Muito Motivado. [...]. Primeiro pela necessidade. O curso teológico exige que o, o, o formando ele tenha um conhecimento, pelo menos, básico na língua inglesa. Os materiais teológicos são na língua inglesa. Então, a motivação vem dessa necessidade de aprender a nova língua e poder usar todos os recursos para melhor é... aprimorar o meu curso e a minha apresentação.

De acordo com os dados da tabela da página 101, na UNEB, uma instituição pública de ensino, existem educandos *menos motivados* do que no IAENE. A quantidade de estudantes *pouco motivados* é a mesma nas duas instituições, ao passo que, no IAENE há mais informantes *não motivados* do que na UNEB.

Os informantes *não motivados*, nas duas instituições, alegaram os seguintes fatores responsáveis pela sua *não motivação* dentro do curso; IAENE: a obrigatoriedade de estudar a língua; UNEB: dificuldades extra-classe, problemas estruturais e pedagógicos.

Pode-se verificar isso através dos seus depoimentos:

VÁLBERT (IAENE): eu me sinto obrigado (risos) a, a, a estudar Inglês. Motivado, ainda não. Porque tem muita literatura em Inglês que a gente tem que ler, né. Algumas matérias que eu aprendi de informática, por exemplo, tinha o Inglês pra ser definido. É uma linguagem de programação também. E hoje eu “to” né, nessa de estudar os livros e a maioria do conteúdo que a gente... vê as instruções vem tudo em Inglês. Então, a gente, é meio que obrigado a

aprender esse Inglês aí. Agora, quando... eu sei que eu vou chegar mais rápido, no meu objetivo, através do Inglês aí, aí eu me sinto mo, motivado a estudar Inglês. Mas hoje eu não me sinto motivado a ainda pra estudar Inglês não.

BÁRBARA (UNEB): Bom, isso é um, uma “flação” muito grande, né, às vezes a gente tá bem motivado, às vezes não. Por conta dessas dificuldades que nós encontramos na faculdade. Por exemplo: o curso de Inglês, hoje, nós temos sete componentes por semestre e, no entanto, nós fazemos entre cinco e quatro componentes por semestre. Então isso causa uma desmotivação é... muito grande. Por que a gente quer aprender. E uma disciplina depende da outra, pra gente tá é... entendendo melhor, é... o próprio Inglês. É... isso foi um caso que aconteceu semestre passado. Foi Fonologia e Fonética que não houve essa disciplina. E pra gente foi, teve uma dificuldade porque, na área de lingüística, a gente precisou dessa matéria, no entanto, é... um trabalho que a gente fez não saiu de uma boa qualidade por conta de faltar esse, esse componente. Mas, a motivação, por outro lado, é você buscar aprender mesmo. A gente se sente quem gosta do curso mesmo vai até o final e busca, fora da, da faculdade, aprender o inglês.

Na prática, esperava encontrar um número bem menor de informantes *motivados* dentro da instituição particular, devido a fatores como: conciliar trabalho e estudo, pagar pelos estudos, rigidez do sistema de ensino da faculdade onde a ausência de professores é mínima, dentre outros. Curiosamente, na UNEB os estudantes mostraram-se menos motivados. A diferença não é grande, mas alerta para a situação dos educandos das instituições públicas.

Um número significativo de estudantes do IAENE demonstrou estarem motivados extrinsecamente. Ou seja, estão motivados a estudarem Teologia e, conseqüentemente, Inglês Instrumental, apenas pela recompensa que terão quando se tornarem pastores da Igreja Adventista.

Estudar inglês ou, quem sabe, Teologia não representa um prazer em si, mas o preenchimento da sua necessidade profissional, religiosa e financeira. Talvez, por isso, o número de educandos *motivados intrinsecamente* tenha sido menor do que os da UNEB.

Pode-se verificar isso através dos seguintes depoimentos:

ERIVALDO (IAENE): é... por caso do tempo, nem tanto. Mais, eu me sinto motivado por caso do mercado de trabalho. Isso motiva. Saber que você vai precisar posterior... logo, logo você estará precisando...ééé...pelo menos o básico, no que diz respeito a... ao Inglês, é ler. É... eu me sinto motivado sim,... por causa do mercado de trabalho e também...pra ampliar um pouco mais as questões do currículo.

GALDINO (IAENE): primeiro, por ser uma necessidade hoje. Inglês não é mais uma questão de você tá um passo à frente. Não. Inglês é uma necessidade básica. Já não é algo mais sobrenatural ou algo extraordinário como era... ah... como as pessoas pensavam... pois é... como as pessoas pensavam antigamente. Hoje é uma necessidade básica nossa. Entendemos que as relações hoje elas dependem muito disso. O... o nosso estudo depende muito disso. Pra que nós possamos adquirir informações diversas precisamos ter o conhecimento do Inglês. E essa necessidade, pra mim, ela se converte em motivação porque eu entendo que necessito. Mas se eu apenas entender que necessito, talvez, eu me sinta meio obrigado a aprender. E é aí que entra agora o papel de me alegrar e começar a perceber que eu preciso aprender Inglês, ler, falar e tudo mais.

REIKSON (IAENE): Tive alguns professores que não, não me motivaram. Não me “incenti”... não, não, não me incentivaram. Mas o professor que eu estou tendo aqui no seminário ele demonstra isso. Até pelo gosto, a gente nota que ele ama a língua inglesa. E isso, de certa forma, nos, nos incentiva a amá-la também... (eu: contagia, né) é, contagia. E também ele mostra muito a necessidade de aprendermos Inglês no mundo globalizado de hoje. Então é uma das maneiras de incentivar, de motivar a aprender a língua inglesa.

Dificuldades como professores faltosos, cancelamento de disciplinas por falta de professores contratados, falta de estímulo de alguns profissionais de educação em relação aos projetos dos estudantes, etc. podem estar relacionados à diminuição da motivação entre os estudantes da universidade pública.

Contudo, a motivação interna, ou seja, aquele desejo e prazer de estudar inglês, independentemente das dificuldades, dos desafios e das atividades pessoais, continua em alta. Significa dizer que um pouco mais de esforço, de investimento em projetos e recursos humanos pode solidificar, por muito tempo, essa motivação interna de cada educando.

Significa dizer, também, que apesar das dificuldades, é importante que cada estudante siga o seu caminho sem estar dependente, por completo, do professor ou da instituição. Cabe a cada indivíduo analisar suas reais dificuldades saber se são elas, realmente, as culpadas pelo seu baixo rendimento ou se são usadas como desculpa para o fracasso na disciplina.

Como podemos verificar na tabela abaixo, a quantidade de indivíduos *autônomos* na UNEB é maior do que os estudantes do IAENE. Conseqüentemente, no IAENE há mais estudantes sentindo-se *pouco autônomos* e *não autônomos*. As razões

para isso podem estar ligadas à falta de entendimento sobre como a instituição cobra avaliações, pagamentos, ou exige comportamentos dentro e fora da sala de aula, entre outras.

ALUNOS	IAENE	UNEB
Autônomos	8	9
Pouco autônomos	3	2
Não autônomos	1	0

Quadro 10. Dados sobre a autonomia dos estudantes do IAENE e da UNEB.

ii.i) Comentários.

A autonomia é exercida quando o indivíduo toma consciência do processo em que nos encontra, aceita os desafios, identifica as dificuldades, não foge delas e busca resolvê-las francamente, sem medo. O quadro acima, apesar da pequena diferença, demonstra haver mais estudantes autônomos no curso de Letras da UNEB do que no curso de Teologia do IAENE.

Apesar de os alunos da UNEB enfrentarem problemas maiores do que os enfrentados pelos alunos do IAENE, aqueles se sentem mais autônomos, ou seja, mais independentes, mais conscientes das suas necessidades e decisões como os educandos do que estes.

É o que podemos também perceber nas respostas que deram:

POLIANA (UNEB): autonomia eu acredito que seja você ser senhor de si mesmo, assumir aquilo que você quer e, com certeza, assumindo também as consequências daquilo que você propõe.

GALDINO (IAENE): a palavra autonomia, na verdade, ela talvez se enquadre aí em diversos contextos. Ele pode ser autônomo por se sustentar, por ele mesmo providenciar os devidos recursos pra financiar o curso, ele pode ser autônomo aí, nesse lado estudantil, por de repente, estar auto motivado a adquirir esse conhecimento que estamos, que a, o colégio, a instituição tá oferecendo. Então, depende do âmbito no qual a palavra é enquadrada. Eu sou, eu mis... é, é entendo dessa forma. O estudante autônomo é aquele que, no lado financeiro, batalha pra que possa financiar o... os seus estudos. e na, na questão acadêmica, ele tem auto motivação pra ir em busca o conhecimento que, fora daqui, ele não poderia ter.

No IAENE, o informante Reikson declarou *não ser autônomo*. Quando perguntado sobre o que ele entendia sobre autonomia, ele, depois de uma longa pausa, respondeu: “complicou agora”.

REIKSON (IAENE): ah..é... um estudante é... independente é um estudante que muitas vezes busca o aprendizado até mesmo sem a ajuda de um professor. Tem muitos estudantes que fazem isso. Buscam, por exemplo aprender o Inglês e muitas outras disciplinas sem ajuda de um professor. Eu entenderia independência por isso.

O quadro abaixo revela, em números, os educandos motivados, pouco motivados, não motivados e aqueles que, pela sua resposta demonstraram estarem motivados mais internamente do que pela influência dos fatores do ambiente. Não usei a classificação *desmotivados* por entender que o contrário de motivação não é *desmotivação* como se fosse uma escala na qual se pudesse aferir, através de milímetros, o nível de motivação do indivíduo. (HEZBERG apud STONE & FREEMAN, 1994).

ALUNOS	IAENE	UNEB
Motivados	9	8
Pouco motivados	4	3
Não motivados	1	1
Motivação intrínseca	2	6
Motivação Extrínseca	6	4

Quadro 11. Dados sobre a motivação dos estudantes do IAENE e da UNEB.

ii.ii) Comentários.

Dos entrevistados, nove informantes dizem estar motivados, e dois, pouco motivados; um afirma não estar. O percentual de estudantes motivados é consideravelmente alto em relação a uma disciplina que desperta, possivelmente, mais antipatias que paixões, por ser um conteúdo estrangeiro e distante da realidade cultural do nosso país. Entretanto, é sempre bom que, ao menos, no início dos estudos, o estudante sinta-se movido pelo desejo de desbravar caminhos, de enfrentar dificuldades e superar barreiras para um aprendizado mais eficaz.

Atribuo a essa motivação inicial dos estudantes do IAENE o conceito de tensão intelectual, Greve & Passel (1975), porque está ligada à expectativa, à ansiedade, ao desejo da descoberta, à vontade de andar por outros caminhos. Esta tensão intelectual serve de combustível intenso para fazer com que o aluno encontre fortes razões para assumir a responsabilidade da busca, da conquista e da continuidade.

As respostas sobre motivação demonstram variação quanto a um entendimento geral sobre o tema. Cada informante apresenta o seu conceito de motivação baseado numa experiência pessoal, que considera as suas realizações e conquistas em outros campos de suas vidas. Podemos observar isso nas seguintes respostas:

BÁRBARA (UNEB): pra mim, motivação é você tá sempre buscando é... buscando novidades, buscando atividades, principalmente voltado pra área que a gente tá, né que é o Inglês. Sempre também buscando também novas, novas, novas... novos conteúdos, uma forma nova pra você aprender a... essa língua que, pra gente, hoje é um pouco complicado, por conta de algumas dificuldades que nós encontramos. Mas é você tentar sempre, tá buscando o novo e buscando o melhor.

ERIVALDO (IAENE): motivação? Motivação, como eu poderia definir motivação? Motivação seria o senso de, de vitória. De você correr atrás daquilo que você pretende, dos seus objetivos e esse próprio objetivo lhe motivar a isso. Motivação é... é “vo”...você ser impulsionado pelos seus objetivos.

ELAINE (UNEB): Elaine: motivação? Precisa muito de pessoas que sejam motivadas, lógico né. Porque a motivação ela não vem por si só. “Cê” tem ser, tem que ter sempre alguém ao seu lado pra poder te... despertar interesses, pra poder lhe incentivar, pra poder criar idéias, é... criar sonhos. Então isso vai fazer você ser motivada por aquilo.

GALDINO (IAENE): motivação né, alegria, essa disposição como eu já havia citado. As pessoas precisam ser motivadas. Hoje eu vejo que existem muitas pessoas com o QI avançadíssimo, pessoas assim, de fato, muito inteligentes. Porém, não são motivadas, não têm alegria nem disposição em utilizar ou aprimorar a inteligência que possuem. E, no entanto, existem pessoas que, talvez, não tenham um QI muito avançado, porém são assim super motivadas e elas avançam e alcançam as suas metas porque têm disposição e têm força de vontade.

Percebem-se quatro experiências motivacionais distintas. Erivaldo tem um conceito de motivação relacionado a um objetivo a ser perseguido e alcançado e um sonho a ser realizado, provocando-lhe o senso de vitória. Ou seja, a sensação do dever cumprido. A sensação de estar a fazer a sua parte.

Galdino entende que motivação é aquele sentimento de prazer, de alegria que nos envolve e nos preenche na realização das tarefas. Sem perceber, ele caracterizou o sentido de motivação interna. Ele faz uma analogia sobre motivação intrínseca muito interessante, comparando-a à felicidade, ao prazer de fazer sem o qual não teríamos ânimo para fazer bem feito. E conclui: “*As pessoas precisam estar motivadas*”. Todos nós precisamos estar motivados para agir e nos relacionarmos com o mundo.

Bárbara compara motivação à busca de coisas novas, de outros conteúdos. Ou seja, a não estagnação, sempre buscar renovar. Ela acredita que as dificuldades só são superadas quando há essa inquietação para se encontrar outros meios para fortalecerem o ensino-aprendizagem.

Elaine, também sem perceber, caracteriza o sentido de motivação extrínseca ao estabelecer, como condição para estar motivada, o auxílio, e o estímulo de alguém. Certamente, a pessoa que nos incentiva deve ter alguma ascendência sobre nós. É mais difícil aceitarmos estímulos de estranhos com os quais não temos qualquer aproximação ou admiração.

Normalmente, as pessoas que mais nos influenciam em nossas decisões são os pais, irmãos, amigos mais próximos, professores, personalidades respeitadas por suas opiniões e posturas. Há também os programas televisivos, os filmes, as leituras e situações que, apesar de estarem distantes de nós, influenciam a maneira como agimos simplesmente pelo exemplo, pela impressão negativa ou positiva que causam em nós. Podemos chamar a isso de motivação. De alguma forma, somos sempre estimulados a fazer ou deixar de fazer algo.

É difícil, entretanto, diferenciar o tipo de motivação que nasce em cada pessoa. Na maioria dos casos, não se pode estabelecer quando a motivação externa provoca a interna e vice-versa. Elas parecem ser complementares. Esta avaliação depende da análise de fatores sociais, culturais e profissionais, os quais estão diretamente relacionados com as necessidades humanas, Maslow, apud Davidoff (2006).

Na UNEB, os estudantes aparentam estar mais motivados intrinsecamente do que os do IAENE. Perguntados sobre o porquê de estarem motivados, eles dizem:

LÍLIAN (UNEB): porque eu gosto. É... antes, eu tive, a, pra começar a estudar o inglês eu.... até que nem precisei de ninguém assim pra ficar me motivando. Eu comecei mais porque eu gosto de escutar muita música em Inglês, é... gosto muito de assistir filmes tal, então, gosto de jogar. E... pra isso, eu precisava um pouco de saber a língua inglesa pra curtir mais isso, essas, essas coisas que eu gosto de fazer.

Então comecei mais sozinha. Mas eu sempre tive um pouquinho de motivação também de minha mãe, que fala que é importante, tal, ter mais de uma língua.

MICHELE (UNEB): às vezes não, mas... (risos leves) é ... eu tenho bastante força de vontade, porque você, é meu objetivo é, estar dentro da sala de aula. É... eu me envolvo demais com a, com Inglês. Me envolvi demais, desde pequena. E eu gosto, apesar que eu tenho que treinar muito a oralidade. Mas, é...é bola pra frente, né. Cada vez mais se aperfeiçoando, pra ir motivando.

ELAINE (UNEB): ah, porque eu gosto muito e a minha mãe sempre viu assim inglês como a que, que tinha que ter uma prioridade nas nossas vidas né. “Tem que aprender Inglês porque o mercado de trabalho exige isso”. (risos) posso usar gíria? [...]. E porque é bom. Aí eu tinha uma professora de inglês que ela sempre me motivava. Ela dizia: “ah você é fácil pra aprender inglês e tal. Você não sente dificuldade. Então você se dá bem. Então eu comecei a estudar, estudar e comecei a gostar.

As informantes entrevistadas estudam inglês por sentirem prazer no aprendizado dessa língua estrangeira. Essa é uma condição importante para o indivíduo se estimular, mesmo diante das dificuldades e buscar realizar o seu desejo em detrimento dos fatores desestimulantes. Gostar do que fazemos e fazermos mais pelo prazer de realizar do que pelas vantagens que poderemos ter a sensação de preenchimento, de realização pessoal e emocional, o que se reflete nos campos profissional e social de cada pessoa.

No IAENE, os estudantes estão motivados mais instrumentalmente do que movidos pela simpatia e pelo gosto de estudar inglês. Como podemos observar nos depoimentos:

EDMILSON (IAENE): até porque hoje o mercado me exige isso. Ele exige que você tenha um curso de Inglês. Hoje, se você... vai..é... ao encontro de um emprego, eles perguntam: “tem o curso de Inglês?” pó, porque existe ainda aquela necessidade ali. Então, além, “de’u”, “de’u” querer Inglês, o mercado me força a, a eu querer estudar ele. Mas existe uma motivação que leva eu a querer aprender ele.

HARLEY (IAENE): porque talvez hoje seja um diferencial na, na questão do trabalho, do emprego, é... de tudo o que você quiser fazer. Inglês é uma, uma língua que você é... aprende, nem que for o básico, mas você deve aprender pra saber ler coisas, é... entender outras coisas, conseguir ler livros. É... quem sabe até viajar “prum” outro lugar você precisa ter o mínimo de Inglês pra sobreviver, por ser uma língua que é mundialmente falada, uma língua padronizada é... no mundo. Então, ao meu ver, eu tenho que me sentir motivado e buscar Inglês porque eu preciso dela né, no ambiente de trabalho profissional pra poder sobreviver.

Edmilson evidencia a dependência total da sua motivação ao que o mercado de trabalho exige e ao que o currículo escolar determina. Essa preocupação exclusiva com os fatores externos, em detrimento do curso e da disciplina, representam aspectos negativos, pois esse estudante não terá envolvimento maior com ela, a não ser, pela necessidade profissional. Conseqüentemente, a possibilidade de ele vir a aprender esse idioma é pequena. Ele o fará apenas para as necessidades funcionais.

Harley se preocupa com o aprendizado da língua inglesa mais como uma necessidade de sobrevivência no mercado de trabalho. Como se aprender inglês fosse o diferencial maior para ele ser um pastor de nível excelente ou mediano. Essa cultura equivocada que dá importância demasiada ao aprendizado de língua inglesa como um diferencial para o mercado de trabalho provoca nos estudantes insegurança e ansiedade. Penso que isso é ruim, incômodo e perigoso.

Há outros aspectos que devem ser considerados quando constitutivos da personalidade profissional de cada indivíduo. São eles: competência, experiência, capacidade de adaptação, humildade, formação acadêmica, cursos de preparação e qualificação, conhecimento de informática, língua estrangeira, treinamentos, reciclagens, etc.

Galdino, Manoel e Tarcísio deixam claro, também, que são movidos pela motivação instrumental, voltada apenas para os ganhos, vantagens e prêmios advindos do fato de virem a falar inglês. Sua preocupação é se instrumentalizar para, no futuro, usar o conhecimento lingüístico na sua profissão de pastor. Sua preocupação maior é com o mercado de trabalho. É ele que o faz sentir-se motivado para estar ali, para buscar aprender inglês. É possível que se não fosse isso, sua emoção de prazer não existiria.

Perguntados se sentiam-se motivados para estudar inglês eles dizem:

GALDINO (IAENE): primeiro, por ser uma necessidade hoje. Inglês não é mais uma questão de você tá um passo à frente. Não. Inglês é uma necessidade básica. Já não é algo mais sobrenatural ou algo extraordinário como era... ah... como as pessoas pensavam... pois é...como as pessoas pensavam antigamente. Hoje é uma necessidade básica nossa. Entendemos que as relações hoje elas dependem muito disso. O... o nosso estudo depende muito disso. Pra que nós possamos adquirir informações diversas precisamos ter o conhecimento do Inglês. E essa necessidade, pra mim, ela se converte em motivação porque eu entendo que necessito. Mas se eu apenas entender que necessito, talvez, eu me sinta meio obrigado a aprender. E é aí que entra agora o

papel de me alegrar e começar a perceber que eu preciso aprender Inglês, ler, falar e tudo mais.

MANOEL (IAENE): primeiro pela necessidade. O curso teológico exige que o, o, o formando ele tenha um conhecimento, pelo menos, básico na língua inglesa. Os materiais teológicos são na língua inglesa. Então, a motivação vem dessa necessidade de aprender a nova língua e poder usar todos os recursos para melhor ééé... aprimorar o meu curso e a minha apresentação.

TARCÍSIO (IAENE): (Risos leves). Porque a gente não tem prática, quase, né. E agora, começando o curso, devido muitos livros, né, estarem em Inglês, aí tem a necessidade, né.

Jean-Paul Sartre (2006), ao explicar o que vem a ser emoção, diz que é uma transformação do mundo. Para ele, quando os caminhos traçados se tornam muito difíceis ou quando não vemos caminho algum, não podemos mais permanecer num mundo tão urgente e tão difícil. Todos os caminhos estão barrados, no entanto é preciso agir.

E, para agirmos, é preciso que o desejo e a inquietação se manifestem e se concretizem na ação, no fazer mudanças, mesmo quando são difíceis de serem promovidas. Mesmo quando todos os caminhos traçados estão bloqueados, é preciso agir com autonomia, com liberdade e com consciência nas escolhas.

O exemplo de um jovem morador da periferia de Recife, no estado de Pernambuco, Brasil, divulgado pelo Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão, no dia 19 de setembro de 2007. A reportagem começa assim: “Vamos encerrar a edição de hoje com a história de Esaú: um jovem estudante de medicina que supera todas as adversidades para realizar o sonho de tirar os pais e o irmão da situação da miséria”.

A família vive com menos de R\$100,00 por mês. As aulas práticas já começaram. Esaú aprende a examinar o paciente e encontrar sinais ou sintomas de doenças. Aos 17 anos, é estudante de medicina da Universidade Federal de Pernambuco e se destaca. Esaú tem um desempenho muito bom. “Ele é um estudante muito inteligente, ele é um estudante esforçado”, diz Ana Célia Oliveira dos Santos, professora bioquímica. Esaú disputou, no último vestibular, com 470 estudantes da rede pública de Ensino, uma das 30 vagas do curso mais concorrido da universidade. Conquistou a melhor nota. O caminho para realizar o sonho de ser médico está sendo trilhado com esforço e superação. Esaú mora com o irmão e os pais na zona rural de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana do Recife. Para estar na universidade são duas conduções e mais uma caminhada de 40 minutos duas vezes por dia. “Isso é um lugar para as pessoas que nada têm. Porque, quem tem alguma coisa não mora aqui”, diz Severino Santos, pai de Esaú, agricultor. Dona Rejane divide o tempo

entre as tarefas de casa e a venda de produtos por catálogo. É a única fonte de renda da família que chega a R\$80,00 mensais. "Todos nós quatro aqui sabemos o que é fome. A vida da gente sempre foi difícil, muito difícil, mas eu tenho certeza que vai melhorar e muito", diz Rejane da Silva Santos, dona de casa, mãe de Esaú. Estudar em escola pública se somou às dificuldades, mas não superou o sonho de uma profissão. "A gente nunca ligou para as dificuldades. A gente sempre enfrentou. Esteve ali encarando, estudando sempre confiando na gente. Porque é aquilo, se a gente não confia, ninguém vai confiar na gente", diz Esaú. Os pais nunca deixaram Esaú e o irmão trabalharem. Jacob também está na universidade, faz Serviço Social. O futuro médico espera o dia de compensar os pais por terem escolhido para ele o caminho da Educação. "Primeiramente, eu gostaria de garantir pra eles o básico. Por que a nossa casa não tem móveis, não tem o guarda-roupa, a gente guarda a roupa numas caixas, o nosso quarto não tem piso. Isso é a coisa mínima e é a primeira coisa que eu queria garantir para mim e minha família, diz Esaú. Com a fé de quem acredita que tudo é possível, Esaú alimenta esperança de que o sonho de trabalhar pela medicina está só começando. (A HISTÓRIA DO JOVEM ESAÚ, 19 de setembro de 2007. Jornal Hoje, Rede Globo de Televisão - internet).

A história de vida desse jovem estudante ilustra o sentido da motivação intrínseca e os seus efeitos na vida das pessoas. Estar motivado internamente, ou seja, fazer sem esperar obrigatoriamente por recompensa, prêmios ou reconhecimento da sua realização provoca, no ser, uma coragem para superar, através da negociação, do recuo e do avanço, todas as adversidades que surjam.

iii) A autonomia na aprendizagem dos entrevistados.

Transparece um conceito muito comum, de alguns entrevistados do IAENE, sobre o sentido de autonomia, não muito distante do que é propagado pela mídia e pela maioria das pessoas. Autonomia é entendida como *isolamento* e de independência total do aluno em relação ao seu professor, ao conteúdo e aos colegas.

Pode-se constatar esse aspecto nos seguintes depoimentos:

ERIVALDO (IAENE): é... entendo que o estudante ele deve, ele deve dedicar-se por conta própria... aos estudos. Autonomia... é... do estudante seria... é... basicamente isso aí. Ele dedicar-se por conta própria, num... não depender tanto, não se apegar tanto... é... à presença do professor. O professor tem o seu papel, mas o... estudante deve ser autônomo. Deve estudar, deve correr atrás do seu, do conteúdo que ele necessita.

VALBERT (IAENE): é quando a pessoa é capaz, de, que o, o auxílio, ser o seu próprio guia. Ele, então ele é autônomo. Ele não precisa de,

da presença de outra pessoa, fisicamente, ao lado dele, pra ensiná-lo, por exemplo.

Esse conceito errôneo leva a muitos a não assumirem a sua condição de seres autônomos por entenderem autonomia como isolamento ou até mesmo individualismo. Eles não querem, de forma alguma, o isolamento, tampouco agirem com individualismo. Pois, a estrutura tradicional de ensino-aprendizagem, ainda internalizada nas mentes de muitos, não permite que estes vejam a autonomia como uma condição do ser, enquanto sujeito do seu destino, dono da sua trajetória e livre para escolher.

Eles não percebem, entretanto, que buscando agir com autonomia, eles estarão exercendo a sua liberdade, podendo ser muito úteis à aula, ao professor e aos colegas. O que caracteriza um espírito participativo e de envolvimento totalmente diferente dos conceitos de isolamento e individualismo associados erroneamente ao termo autonomia.

Na sala de aula, a hierarquização causa distanciamentos porque cada indivíduo se comporta como se estivesse num sistema mecânico dependente das qualidades individuais de cada peça. Ou seja, sem o professor “não há” saber; e sem os alunos “não há” professor. Todos dentro de uma “caixa” denominada sala de aula.

Ocorre que há um aspecto importante neste contexto que diz respeito à heterogeneidade, à diferença. Cada aluno é diferente. Ele representa um universo cultural, social e político singular. Assim, não se pode desprezar essa diferença, pois ela enriquece o funcionamento dessa máquina chamada Educação.

Na UNEB, autonomia não é vista como isolamento, e sim, como algo que permite ao indivíduo amadurecer as suas atitudes e decisões com o intuito de alcançar coisa melhores na sua vida. Isso é demonstrado nos seguintes depoimentos:

BÁRBARA (UNEB): bom, autonomia, para mim, é você tá buscando exatamente fora da faculdade, você aprender, você estudar, você procurar outros recursos. Então, isso é uma autonomia que você tem. É um direito seu de você procurar ou não, um outro, um outro método pra aprender, já que a gente encontra essa dificuldades. Né, você tá estudando em casa, independente de, dos fatores é... que ocorrem em nossas vidas. Mas, são um, uma, uma dificuldade que a gente encontra. Eu, de qualquer forma sou autônoma, por conta da, de você que trabalhar, ter que estudar, cuidar da sua vida pessoal e da sua vida acadêmica que complica um pouco.

EU: O que você entende por autonomia?

ELAINE (UNEB): (pausa longa e conversa paralela). Hein Lílian! É, é a pessoa ser de, independente, ser autônoma, ir buscar, correr atrás dos seus ideais, é.

EU: autonomia tem a ver com egoísmo?

ELAINE (UNEB): às vezes sim.

EU: ou com individualismo?

ELAINE (UNEB): também.

EU: você se sente autônoma?

ELAINE (UNEB): me sinto. Agora, a mim, a minha autonomia não tem a ver nem com egoísmo, nem com individualismo. (risos).

EU: e o que é autonomia pra você?

MICHELE (UNEB): autonomia... é... autonomia: já vem de autoridade, de, de, de posse, de...(risos leves) como é que eu posso me referir. Você tem autoridade o suficiente pra, pra, você tem autonomia e autoridade pra lançar um algo pra sempre, ... como é que eu posso me referir, sempre tá, sempre tá por cima, sempre tá...

EU: comandando.

MICHELE (UNEB): comandando, é isso.

EU: seria isso?

MICHELE (UNEB): seria, seria. Quase não saiu, né. (risos)

EU: e você se sente autônoma?

MICHELE (UNEB): sinto.

A autonomia é condição favorável para que as diferenças individuais não se calem e se movam além do que lhes é estabelecido. (FREIRE, 2006, p. 66) o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Para Freire (2006), o professor que desrespeita a curiosidade do educando, que o ironiza e que manda que ele se ponha no seu lugar, ao mais tênue sinal de rebeldia legítima é um transgressor dos princípios da nossa existência.

A maioria dos estudantes do IAENE sentem-se autônomos e acham que fazem o que está ao seu alcance para exercerem essa condição; dois deles sentem-se autônomos de vez em quando e um (Reikson) diz não se sentir autônomo.

Tive de esclarecer o que significa, em linhas gerais, o termo autonomia para que ele construísse, a partir da sua experiência, o seu conceito sobre o tema. Comparei a condição de ser autônomo com a condição de agir com independência, ter liberdade de escolha e de ação.

Perguntei: O que é independência pra você? Um estudante independente? Ele responde:

REIKSON (IAENE): ah... é... um estudante é... independente é um estudante que muitas vezes busca o aprendizado até mesmo sem a ajuda de um professor. Tem muitos estudantes que fazem isso. Buscam, por exemplo, aprender o Inglês e muitas outras disciplinas sem ajuda de um professor. Eu entenderia independência por isso.

No entanto, quando perguntado se ele se sentia um estudante autônomo, o informante responde o seguinte:

REIKSON (IAENE): não, não. É... é fundamental a gente ter a orientação de um professor, de alguém que tem uma, que tem experiência na área para aprendermos qualquer coisa, inclusive a língua inglesa. Se eu for procurar aprender por mim mesmo, com certeza, eu vou conseguir. Mas vai demorar bem mais do que eu tendo alguém pra me instruir.

Percebe-se, através dessa resposta, que ainda impera a tradição de que o professor é o centro do saber, e que, sem ele, aprender fica mais difícil. Essa dependência vem, há muito tempo, sendo a base do ensino-aprendizagem do nosso país, que coloca o professor como a fonte do conhecimento e os alunos como meros receptores.

A realidade dos estudantes entrevistados demonstra que estudar sozinho, fazer as tarefas isoladamente, perguntar menos ao professor e pedir menos opinião, constitui o seu jeito de ser autônomo, como pode ser observado nas seguintes respostas:

PEDRO (IAENE): bom, é... particularmente, eu entendo por autonomia do estudante é... um, uma vez que o estudante tem a, a liberdade ou ele mesmo tem o, a liberdade de poder ir e procurar, como alguns meus colegas já falaram, procurar estudar, pela sua própria vontade e pesquisar e ir atrás daquilo que ele tá necessitando para o momento, para sua formação, para o seu curso, para o trabalho, enfim, o que ele tá fazendo.

VALBERT (IAENE): é tudo que ele pode fazer é... sem o auxílio de supervisão. É quando a pessoa é capaz, de, que o, o auxílio, ser o seu próprio guia. Ele, então ele é autônomo. Ele não precisa de, da

presença de outra pessoa, fisicamente, ao lado dele, pra ensiná-lo, por exemplo.

ISMAEL (IAENE): ah... a autonomia do estudante, ela parte do momento em que eu, eu tenho interesse...né pra estudar, pra cursar aquela matéria, ou aquele, aquela faculdade. E, a partir desse interesse que eu tenho, eu, eu começo a pro é... produzir meu próprio mecanismo pra poder alcançar os meus objetivos dentro daquela disciplina, dentro daquele curso que eu estou fazendo. Então, quando eu faço isso, eu estou, de forma autônoma, é, contribuindo pra o bom andamento da minha classe, pra o meu bom estudo pra melhor, meu melhor desempenho na, na escola.

Pedro apresenta dificuldade para definir autonomia, chegando a utilizar, na sua resposta, o recurso tautológico por não encontrar argumentos mais profundos sobre a sua identidade autônoma na sala de aula.

Para Valbert, a autonomia está ligada à ausência de supervisão. Posso inferir que, para esse estudante, a supervisão é um incômodo, um desconforto nas suas tarefas. Sem ela, talvez, ele passe a experimentar a sensação de agir sem prestar contas a ninguém. Ou seja, isolado.

Dickinson (1994) alerta para o fato de que autonomia não significa proporcionar condições físicas ao aprendizado; é mais do que isso. Também não significa isolar o estudante. Estudantes autônomos podem trabalhar isoladamente, mas isso não é condição necessária para que a autonomia aconteça.

Ismael fundamenta a sua noção de autonomia em algo que está muito próximo do objetivo dessa pesquisa: investigar o efeito das estratégias de motivação sobre o aprendizado e a autonomia do estudante. Ele fala: “produzir meu próprio mecanismo pra poder alcançar os meus objetivos dentro daquela disciplina, dentro daquele curso que eu estou fazendo”.

Quando perguntados sobre o que fazem para exercerem ou se sentirem autônomos, os informantes dizem o seguinte:

PEDRO (IAENE): eu me sinto um estudante autônomo porque no momento em que eu sinto a vontade de, de, de colocar a minha opinião, de dar minha opinião, dar sugestão, sugestões e, quem sabe, fazer argumentações ou questionamento, é... eu não vejo impedimento, da parte de, tanto do professor, quanto como de, dos colegas. Então, eu me sinto uma pessoa autônoma, nesse sentido, porque, da maneira que eu compreendo autonomia dentro de sala de aula, eu acredito que eu me sinto uma pessoa autônoma.

VALBERT (IAENE): Eu busco sempre aprender, é... lendo, pesquisando, através de bibliografias, a, a, de todo material que eu tenho, ou que eu tenho acesso. E, todo esse tempo que eu gasto, procurando, pesquisando, eu sempre aprendo muita coisa. Às vezes a gente encontra alguma dificuldade, né. Porque, nem sempre, o material é preparado, próprio pra isso. Mas, mesmo assim, com essas dificuldades eu consigo me considerar, eu com, me considero um, um estudante autônomo. Eu, todos as, todos os assuntos que, pelo menos, foram do meu interesse, até hoje, eu, eu sempre busquei todas as formas de aprender.

ISMAEL (IAENE): porque eu..tenho motivação própria. Eu busco, por mim mesmo, se apropriar do conhecimento, né. É verdade que os professores motiva a gente. Mas, de mim mesmo, eu tenho essa, essa, essa, essa motivação de buscar esse, esse conhecimento a todo instante.

Pedro acredita que ser autônomo é dar opinião e não ser criticado pelo professor ou pelos colegas. A meu ver, reside neste informante, ainda, o medo da rejeição, de falar o que “não deve”. De atrapalhar o andamento dos trabalhos do professor, como se estes fossem, realmente, só do professor, e não dos estudantes.

Para Valbert, exercer a sua autonomia é buscar materiais diferentes, pesquisar os assuntos do seu interesse, sem o professor exigir. Parece um meio seguro de agir com autonomia, mas, por trás, dessa regra intelectual, encontra-se o medo de incomodar, de tornar-se inoportuno ao pedir ao professor a explicação ou indicação de livros, sites ou textos ligados a temas mais distantes do que é determinado para a aula.

Ismael faz uma associação de autonomia com motivação. E, para lembrar-lhe, perguntei no capítulo sobre autonomia se a motivação existia por causa da autonomia ou se a autonomia existe por causa da motivação. A associação entre autonomia e motivação, feita pelo informante Ismael parece-me uma tentativa de equilibrar as duas situações dentro de si. Não podemos esquecer, entretanto, que motivação é um estado de espírito e autonomia é uma condição do indivíduo ao escolher, agir, interagir e assumir riscos.

Marly Merker Moreira (1994, p. 25) diz que quando os estudantes obtêm autonomia no seu aprendizado, eles se tornam mais eficientes e se envolvem com o seu aprendizado, na sala de aula, transmitindo aos outros as estratégias de aprendizagem vivenciadas na sua escola ou em atividades.

Na UNEB, a maioria dos estudantes sente-se autônoma e capaz de exercer a sua independência. Eles estão cientes dos desafios do ensino público e procuram fazer a sua

parte na tentativa de saírem de lá profissionais capacitados para as escolas e para a sua vida pessoal. Isso fica evidenciado nos seguintes depoimentos:

MICHELE (UNEB): primeiro porque eu tenho outro, além de ser “universida”, universitária, eu também sou empresária. Então eu, assim, “to” sempre na frente, direcionando... (inaudível). Eu tô sempre direcionando (risos), tô sempre, tô sempre... na frente, buscando, tô sempre ten...é, é, “sem”, é buscando a minha independência.

VILMA (UNEB): eu tento ser autônoma. Às vezes, eu me, assim, me vejo cercada por muitas barreiras. Mas, eu tento, ao máximo, ser autônoma. E ser também assim em minha sala de aula. Porque, você está numa escola, mas, na sala de aula, você precisa ser autônoma muitas vezes, né. Você precisa ter essa coragem. Ter autonomia, ter vontade, ter força pra fazer algo, pra fazer diferente. A gente não consegue sempre. Muitas vezes o nosso trabalho fica pela metade. A gente não consegue alcançar, assim, o resultado esperado. Mas, só em tentar, você já se sente realizado, em conseguir, um pouco que seja, você já se sente realizado, né. Sair da rotina. Tentar fazer diferente. Tentar ser, assim, um professor diferente.

EU: Em que sentido, no seu aprendizado, você se sente autônoma?

CIDA (UNEB): Ah,... (pausa longa) é quando eu, eu, é... quando eu mesmo preparo, faço as minhas pesquisas, faço os meus estudos, independente de outras pessoas.

A noção de autonomia perpassa a noção de ambientação e de lugar de fala. O ambiente influencia na forma como este educando vai se comportar diretamente com os seus colegas e professores. A escola brasileira, por ter vivenciado um período de ditadura militar, passou a refletir a autoridade e o autoritarismo desse regime no seu ambiente físico e ideológico.

Ser autônomo num ambiente assim seria subverter a ordem estabelecida do poder imposto pelo regime.

A pesquisadora Dale Lang (2007) ²⁴ diz o seguinte sobre isso:

The individual style of a teacher, the curriculum being presented, the maturity and learning ability of the individual student must each be accommodated within the classroom space. If these are thoughtfully considered, the new learning environments will enhance, not hinder

²⁴ Dale Lang é graduada pela universidade Politécnica da Califórnia, em San Luis Obispo. Tem mestrado em Arquitetura pela universidade de Seattle; e doutorado em educação pela universidade de Washington, Seattle.

the learning process. [...]. The classroom space will also undergo a similar scrutiny. The physical environment then, should not be constructed to manipulate or influence a particular style of teaching or learning, but rather be responsive to and adaptive by individual teacher and student needs²⁵. (LANG, 2007, internet).

Na atualidade, com outros ventos, outras posturas e sob o regime democrático instituído pela luta das pessoas que buscavam a liberdade de pensar e agir, a autonomia encontra ambiente receptivo para ser usada como instrumento de envolvimento do indivíduo com a construção dos seus projetos, sem a interferência direta de alguém dizendo como deve ser feito, mas ajudando a construí-lo

Quando pedi para que os estudantes do IAENE tentassem definir uma sala de aula autônoma, um ambiente autônomo, eles deram as seguintes respostas:

MANOEL (IAENE): uma sala participativa, onde os alunos tivessem liberdade de dar as suas opiniões, participasse, junto com o professor, na escolha do conteúdo, e... num, nos métodos de aprendizado.

TARCÍSIO (IAENE): é ... quando o aluno tem a sua opinião própria. O professor também dá valor a isso, né. Onde o professor se interage com os alunos, sendo que ele não é o único dono da verdade, né.

HARLEY (IAENE): uma sala de aula autônoma? Talvez “seje” algo que o professor dê o ponta-pé inicial do, da questão, do assunto. E você procure, talvez, aprender coisas além do, do currículo ali da aula.

As três opiniões apresentam características diferentes e complementares umas com as outras. Ao elencarmos as qualidades de uma sala de aula autônoma, de acordo com os entrevistados, temos o seguinte: a) participativa; b) interação entre professor e educando; c) o professor dá o ponta-pé inicial; d) os alunos são chamados a opinarem sobre o conteúdo e os métodos de aprendizado.

Pareceu-me, ao ouvir estas respostas, que essa sala de aula autônoma é o ambiente dos sonhos que não foi, ainda, concretizado. Por isso perguntei aos

²⁵ O estilo próprio de um professor, o conteúdo a ser apresentado, a maturidade e a capacidade de aprender do estudante devem ser qualidades inerentes à sala de aula. Se isso for seriamente considerado, os novos ambientes de aprendizagem vão facilitar, e não dificultar o processo. [...]. O espaço da sala de aula vai servir como base para a pesquisa. O ambiente físico, dessa forma, não deve ser construído para manipular ou influenciar o jeito de ensinar e de aprender, mas sim, corresponder e adaptar-se às necessidades do professor e do estudante. Tradução: Gesiel de Albuquerque Silva. Fonte: internet. (ver referências)

entrevistados o que eles faziam para se sentirem autônomos. E eles responderam da seguinte maneira:

MANOEL (IAENE): eu tenho liberdade pra escolher o assunto, pra pesquisar em casa, é... a matéria de pesquisa, pra dar minha opinião, pra expressar meus pensamentos.

EU: você se sente um estudante autônomo?

TARCÍSIO (IAENE): sim.

EU: por quê?

TARCÍSIO (IAENE): porque eu posso interagir, eu posso... pesquisar, eu posso... é... dar minhas próprias idéias.

HARLEY (IAENE): algumas vezes. Eu gosto de ler bastante. Sou autodidata em algumas coisas. Então, eu creio que, por isso né, além do que eu já aprendo com o professor, sala de aula, escola. Eu procuro aprender mais coisas e ler mais. Então, talvez, eu me considere autônomo, nesse sentido.

4.7 REFELXÕES SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM.

Em tudo que fazemos para realizar os nossos projetos aplicamos, em algum grau, estratégias. Elas representam o método que escolhemos para melhor atingirmos o nosso objetivo. Sem estratégia, haveria desordenamento nos propósitos e nas tarefas. No ensino-aprendizagem de língua inglesa não seria diferente. Não me refiro a atividades lúdicas ou brincadeiras que possam elevar o humor do grupo. Refiro-me a atitudes e posturas; escolhas e tomadas de decisões que podem se refletir diretamente sobre o aprendizado dos estudantes.

As atividades lúdicas, as músicas as dramatizações fazem parte de um conjunto maior que conhecemos como estratégias. Criar, direcionar estratégias exige ânimo, motivação e autonomia. Indivíduos dependentes não conseguem criar seus próprios mecanismos de aprendizagem ou de ensino. Por isso, penso a ausência de estratégias definidas, ou a falta de estratégias adequadas torna o ambiente da sala de aula disperso e pouco produtivo, levando os estudantes ao desânimo. E o professor, à despreocupação com seu aluno e com o conteúdo.

Os alunos da UNEB e do IAENE têm consciência de que as estratégias são importantes. Sabem que, sem elas, não é possível haver organização e entrosamento entre os componentes do grupo. Podemos perceber isso nas seguintes respostas:

EU: o que você entende por estratégias de ensino/aprendizagem?

PEDRO (IAENE): Estratégias de ensino/aprendizagem. Eu acredito que estratégias de ensino/aprendizagem é algo que já, é o momento onde o professor cria métodos, né... que facilite ainda mais a compreensão de determinado assunto, né...eu acredito que estratégias de aprendizagem...

EU: mas só o professor cria?

PEDRO (IAENE): não. O aluno também, com certeza, o estudante cria esse método. Eu acho que, uma das estratégias de aprendizado que eu acho que funciona, é quando ele coloca, é, é quando ele monta um cronograma, um roteiro de estudo né...priorizando aquilo que será benéfico pra ele, né. Pegando aquela, aquela, aquele material que será realmente benéfico pra ele. Não pegar assim o material de origem secular assim que não vem trazer tanto né...proveito, no momento, para ele. Então, eu acho que isso deve ser, acho que esse é uma das estratégias também que o aluno também é... pode fazer como “estraté”... estratégia de aprendizado.

MÁRCIA (UNEB): com certeza. Eu acho que, a partir da hora, que a gente é... traz, principalmente pra uma sala de aula, a gente traz uma estratégia, ou seja, a gente traz uma coisa que a gente sabe que vai motivar o aluno a, a seguir em frente, a não desanimar, essas suas estratégias se tornam, assim, um ponto forte, um ponto alto para que possa desenvolver outros projetos futuros e uma organização, pelo menos no projeto da gente, que é a língua estrangeira: o Inglês.

VILMA (UNEB): são, as estratégias elas são muito importantes. Porque, sim, os nossos alunos hoje eles têm uma série de fatores que chamam a atenção deles que fazem com que eles se sintam atraídos e se o professor não tiver estratégias de ensino, se o professor não tiver, não buscar meios, fórmulas pra tentar fazer com que o aluno se sinta motivado, se sinta interessado. Se ele não buscar, a todo momento, coisas novas, estratégias diferentes pra atrair esse aluno, ele não consegue né. Então são muitas coisas que chamam a atenção do aluno e ele, se o professor só fica lá no falar, utilizar o livro, ele não consegue.

EU: o que você entende por estratégias de ensino-aprendizagem?

TARCÍSIO (IAENE): bom, ééé... existem..”dif”...é... o, o assunto que você passa em sala de aula, pra alguns, você pode, alguns alunos compreendem. Outros, não. Então, o bom professor ele procura buscar várias métodos ou maneiras de ele alcançar os mais diversificados tipos de alunos, né. Então, ele vai, pra cada aluno, ele pode usar uma estratégia.

EU: os alunos também fazem a sua, tem a sua contribuição nesse processo, não?

TARCÍSIO (IAENE): acho que sim. Porque a gente reconhece a, a, a... dificuldade de cada um. E a gente procura ajudar, né.

EU: você acha que os alunos devem construir também as suas estratégias?

TARCÍSIO (IAENE): com certeza. Inclusive na parte do aprendizado.

Percebe-se que todos os informantes citados têm um jeito idiossincrático de agir, de estudar e de contribuir para o seu aprendizado. Contudo, o foco primeiro é no professor. Quando questionados se também têm participação nesse processo, eles percebem que a construção de estratégias de aprendizagem não pode ser uma via de mão única. Tem de ser compartilhada entre o grupo e o professor. E para isso, é necessário haver motivação e autonomia.

Uma maneira prática de elaborar estratégias de aprendizagem e estabelecer metas é a elaboração de uma listagem dos principais pontos a serem focados durante o andamento da aprendizagem (DICKINSON 1994, p. 10). Com essa lista, o educando pode estabelecer os passos que deve dar, identificar os erros cometidos durante as tarefas e corrigi-los, se necessário, estabelecendo outras metas ou reorganizando as que já estavam programadas.

Chamo a essa listagem de “SIGA”. Trata-se de um acrônimo, cujas iniciais significam: S: Saber; I: Interagir; G: Gerenciar; A: Acompanhar e avaliar. É um jeito de permanecer sempre atento às necessidades de mudança nas atitudes, posturas e valores, quando úteis ao crescimento individual. É uma forma, também, de estimular os estudantes a utilizarem estratégias metacognitivas de aprendizagem. Se cada educando elaborar a sua própria lista, ficará mais fácil identificar as necessidades individuais.

Sempre que traçamos nossos planos e estabelecemos critérios, metas, níveis de realização e etapas a serem cumpridas, obtemos êxito na sua realização pelo simples fato de que podemos saber onde se encontram as nossas maiores carências e qualidades. No processo de ensino-aprendizagem, tais etapas dão um sentido de direcionamento melhor e mais produtivo, evitando desperdícios de tempo, emoções e de escolhas.

As perguntas da lista levam o educando a perceber que pode começar a exercer a sua autonomia a partir, de coisas simples, porém eficazes. Fazer uma lista dos itens preponderantes para o seu desempenho acadêmico e pessoal é também uma forma de

agir com consciência em relação ao alvo a ser alcançado. As perguntas não são exclusivas. Cada um elabora as questões que mais atingem os pontos primordiais das suas necessidades.

Dickinson (1994) diz que, para exercermos a nossa autonomia na sala de aula, em relação ao aprendizado da língua-alvo, faz importante aplicarmos cinco habilidades que, uma vez exercidas, nos dão a qualidade de seres autônomos. São elas: a) saber quais são os objetivos do professor; b) selecionar e seguir os seus objetivos, juntamente com os do professor; c) selecionar e aplicar as estratégias de aprendizagem apropriadas; d) monitorar e avaliar o uso das estratégias de aprendizagem; e) monitorar o seu aprendizado.

Com a execução dessas habilidades, o educando passa a sentir autonomia na prática, porque constrói seus objetivos, aceita os do professor e tenta encontrar a melhor forma de realizar os dele sem conflito com outros, mas buscando as idéias e sugestões que mais se adéquam ao que ele já havia preparado e, assim, fortalece a sua capacidade de decisão, de independência e de escolha.

O estudante Harley dá pistas de como podemos criar estratégias próprias para o nosso aprendizado:

HARLEY (IAENE): estratégias de ensino talvez sejam um, um método, um plano, um planejamento é... como se fazer pra chegar no objetivo. No caso do ensino, talvez seja é... as maneiras como aplicar aquilo que vai ser ensinado pro, pro o aluno. Então, estratégia, pra mim, seria o plano de ação seria pra determinado objetivo.

Um dos aspectos que mais me chamam a atenção nos postulados de Dickinson e o de monitorar o aprendizado, o que seria uma estratégia meta-cognitiva. O educando torna-se consciente do que faz e do que precisa fazer para melhorar o seu desempenho na aprendizagem. Esse monitoramento, só pode ser feito por ele, pois é ele quem realmente conhece as suas dificuldades e qualidades. Há, com isso, um ganho de responsabilidade e de compromisso muito maior do que os que nada fazem para acompanhar a sua aprendizagem.

Harley, com a sua estratégia peculiar, monitora o seu rendimento e desempenho, talvez sem se dar conta de que está a fazer aquilo com vistas a incrementar o seu aprendizado. Este é o ponto a que Dickinson chama a atenção: monitoramento. Em outras palavras, acompanhar passo a passo os ganhos e perdas do seu aprendizado.

S.I.G.A. apresenta-se da seguinte forma:

S: Saber	O que devo saber? Como posso adquirir esse saber?
I: Interagir	Como posso interagir com a aula e com os colegas?
G: Gerenciar	Como posso gerenciar no meu aprendizado?
A: Acompanhar, avaliar	Como acompanhar e avaliar os ganhos e perdas do meu aprendizado

Quadro 12. S.I.G.A. (uma sugestão como estratégia de aprendizagem).

Ter a noção clara do que pretendemos aprender é o primeiro passo a ser dado. Sem este entendimento, tendemos a não encontrar sentido no que buscamos. Isso pode levar ao desânimo pelo simples fato de não encontrarmos razão ou importância naquele processo. É importante saber quais os benefícios e desvantagens da nossa ação e quais os impactos ela irá causar na nossa vida.

Aliado a isso, devemos saber como realizar o nosso projeto. Quais instrumentos, habilidades, posturas e procedimentos deverão ser utilizados para alcançarmos o objetivo. No processo de ensino-aprendizagem não é diferente. Devemos, então, agir sabendo o que queremos e quais meios são necessários para realizar as nossas metas.

Outro ponto importante é a interação e o envolvimento. Quando interagimos, trocamos experiências e conhecimentos úteis para o crescimento individual e coletivo. Às vezes não temos consciência disso. Outras vezes não damos importância a isso. Mas o fato verdadeiro é que a interação facilita o conhecimento dos problemas e induz a uma resolução menos complexa.

Na sala de aula, a interação é necessária para facilitar o contato entre as diferenças, entre os diversos mundos representados por cada estudante e também pelo professor. Interagir nesse contexto significa primordialmente respeitar opiniões, crenças e valores individuais; contribuir para que cada educando sinta-se parte do processo como ator principal e não como coadjuvante; estabelecer aproximações lineares entre todos, sem fazer da hierarquia ou da ascensão social e financeira um instrumento para excluir ou impedir a manifestação do pensamento.

SIGA também exige a capacidade de gerenciar. Indivíduos conscientes do seu papel, da sua participação na construção do seu destino pessoal e profissional têm de saber tomar decisões e fazer escolhas conscientes. As escolhas e decisões podem ser

certas ou erradas. Só quem pode julgar isso é a própria pessoa que as tomou. Errar e acertar fazem parte do processo do auto-gerenciamento do aprendizado.

No ensino-aprendizagem devemos ter a consciência de que nem sempre vamos acertar, tampouco vamos errar sempre. O aprendizado se dará através da maneira como vamos lidar com os erros e acertos. De que forma poderemos tirar das experiências consideradas não muito boas os ensinamentos para, em situações futuras, não repetirmos os erros.

SIGA é um processo contínuo de avaliação e de acompanhamento de todas as experiências vivenciadas na sala de aula. Se não acompanhamos, se não avaliamos nossa produtividade, ficamos propensos aos erros constantes, às decisões equivocadas. Exemplo: na aula de inglês um estudante apresenta dificuldade de aprendizado. O professor explica o conteúdo, mas este aluno não se mostra receptivo por achar difícil, por ter ojeriza ao professor, por achar a aula chata, por estar preocupado com outros assuntos periféricos.

Não há, por parte desse aluno, qualquer comprometimento, ou interesse em avaliar quais são os motivos que o levam a agir daquela forma. Ou seja, falta-lhe a capacidade de avaliar, de acompanhar. Como reação, ele demonstra indiferença à disciplina e ao professor.

Numa outra situação, dentro da mesma aula, um aluno, também com dificuldades, mas interessado, preocupado com o seu aprendizado, busca identificar quais são seus pontos fracos e expõe isso ao seu professor. Além disso, envolve-se com os colegas da turma a fim de obter ajuda dos que já estão mais preparados do que ele. Também busca pesquisar, fora da sala de aula, em outros materiais, treina, repete, escreve até sanar ou minimizar suas dificuldades.

Este aluno demonstra saber avaliar, interagir e gerenciar o seu aprendizado. Isso não significa que os resultados serão sempre excelentes. No entanto, o indivíduo deve saber que cada etapa superada representa uma vitória alcançada e um estímulo maior com vistas a superar as etapas mais difíceis.

No caso do aluno disperso e desinteressado seu aprendizado fica comprometido porque ele não vê importância na mudança de atitude sua dentro e fora da sala de aula. Conseqüentemente, os resultados serão negativos, o que pode fazer com que ele desanime a desista ou se ache mais uma “vítima da escola” e do professor. É mais fácil jogarmos sobre os outros as nossas responsabilidades e culpas do que assumi-las. Principalmente quando não queremos mudar.

O aluno interessado, entretanto, mostrou-se disposto a superar as suas fraquezas a partir do instante em que ele busca expor suas dificuldades ao professor, se entrosa com os colegas mais adiantados, pesquisa em outros materiais e monitora o seu desenvolvimento. Mesmo que este estudante encontrasse um professor descompromissado, uma aula insipiente ou colegas preconceituosos ou também insipientes, a sua disposição para saber, interagir, gerenciar e avaliar lhe daria outras opções para crescer como estudante e como pessoa.

No exemplo dado, podemos perceber o quanto as estratégias estão presentes em nossas ações. Não podemos agir, nem interagir sem táticas que nos permitam atingir o nosso alvo. Tudo que fazemos para realizar o nosso projeto são estratégias. Quando elaboramos um roteiro para dar aula, quando elaboramos métodos e técnicas de estudo e memorização, quando criamos mecanismos de envolvimento e de adaptação, dentro e fora da sala de aula, estamos executando estratégias. São essas ações que nos permitem organizar nossa prática e nos concentrarmos nas etapas uma a uma.

Oxford (1989) diz que as estratégias de aprendizagem são ações praticadas pelos estudantes para enriquecerem o seu próprio aprendizado. Para a autora, as estratégias são especialmente importantes para o aprendizado de língua porque servem de ferramentas para facilitar um envolvimento ativo e auto-direcionado essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa.

Podemos perceber isso através das respostas dadas pelos estudantes do IAENE e da UNEB. Perguntei-lhes se as estratégias de ensino-aprendizagem eram importantes.

FRANCISCO (IAENE): estratégias de ensino. Bom, ao meu ver, seria uma forma...,e... eu não acredito que ela haja hoje. Mas a meu ver, seria uma forma de tentar... ajudar o aluno a aprender determinada disciplina num tempo... mais assim, vamos dizer...economizando tempo. E nessa economia de tempo, aumentando o aprendizado dele.

REIKSON (IAENE): ah, com certeza, a, as estratégias são muito importante. A maneira como o professor, a maneira que o professor tem pra levar ao aluno. Tudo tem que ter uma estratégia. E com certeza, acho que no aprendizado da língua inglesa também é necessário.

POLIANA (UNEB): [...] porque tudo que a gente faz na vida a gente precisa ter uma preparação. Então as estratégias de ensino vai ser uma preparação pra que a gente venha a conseguir ter, dar uma boa aula, obtendo um bom resultado.

ALINE (UNEB): com certeza. Porque a gente precisa é, é das estratégias de ensino para motivar o aluno. Agente precisa defender aquilo que a gente tá, é... ensinando, entendeu? Então, por isso que é importante ter estratégias de ensino.

Francisco não acredita que haja estratégias rígidas, mas constrói o seu entendimento sobre que seria usá-las em sala. Para ele, seria estabelecer uma conduta que combinasse aprendizado e tempo de forma a aproveitar, ao máximo, tudo o que é apresentado sem desperdício de tempo. Ocorre que este estudante não percebe que isso também constitui uma estratégia que, por certo, deve usar nos seus fazeres na aula e fora dela, a qual está presente na maioria das aulas e dos programas de ensino.

Os supletivos, a alfabetização de jovens e adultos e os cursinhos pré-vestibulares são formas de estratégias para ajudar o aluno a aprender determinada disciplina em tempo reduzido e com essa redução, otimizar a formação dele.

Quando Francisco diz não acreditar que haja estratégias de ensino-aprendizagem, não se dá conta de que aquilo em que ele menos acredita é o que mais ocorre. Sua expectativa, possivelmente, é que isso ocorra dentro da sala de aula, em particular, a sua. Isso ocorre e ele não se dá conta.

Quando o professor trabalha o conteúdo da disciplina Inglês Instrumental em um semestre, está tentado fazer com que o estudante aprenda num espaço curto de tempo as noções e práticas desse conteúdo a fim de que possa se instrumentalizar para a leitura e tradução.

“Tudo tem que ter uma estratégia”. É o que diz o estudante Reikson. No entanto, sua preocupação maior é com as estratégias em tudo o que o seu professor faz. A questão é: e ele? Não tem também que elaborar estratégias em tudo que faz? O problema é que ele já declarou não ter autonomia e, por isso, acha que só o professor tem o “poder” de fazê-lo aprender. Seu entendimento é que, com estratégias, ele irá aprender mais, com o professor.

Poliana apresenta um entendimento mais amplo de estratégias ao usar a palavra *preparação* para que “a gente venha a conseguir ter, dar uma boa aula, obtendo um bom resultado”. A preocupação dessa estudante é pertinente porque *preparação* envolve boa vontade, dinamismo, estratégias antecipadas, análise criteriosa, objetivos específicos, etc. Dificilmente um professor bem preparado fracassa nos seus projetos didáticos. Assim como é improvável que o aluno, preparado para os desafios e buscas, tenha insucessos.

Mesmo quando os “fracassos” surgem, os indivíduos preparados buscam aproveitar as lições dos erros cometidos e fazer deles o estímulo para o recomeço. Eis o que significa ser vencedor: não desistir e não achar que os resultados negativos são muros intransponíveis. Eis o que significa agir com autonomia: saber que nem sempre as coisas saem como o projetado, mas não perder o estímulo de continuar, a partir dos erros, a perseguir a sua meta.

Aline usa a expressão “defender o que a gente ensina”. Entendo isso como alguém acreditar no que faz. Ela quer dizer que, ao acreditarmos no que fazemos, buscaremos todos os meios para realizá-lo da melhor forma com vistas a obter sempre um resultado melhor. Ou seja, se estamos motivados internamente conseguimos fazer coisas sempre proveitosas.

Quis saber dos entrevistados por que as estratégias eram importantes. Suas respostas apresentaram um bom nível de conscientização em relação à importância do uso de táticas voltadas ao desenvolvimento das suas habilidades na aula e fora dela.

Eles dizem o seguinte:

LÍLIAN (UNEB): olha, eu nunca ensinei. Eu sou apenas estudante, nunca trabalhei também. Mas eu creio que seja importante pra prender a atenção do aluno, pra não deixar a aula monótona, é... oh! O aluno tem sim que interagir. Mas eu acho que depende mais do professor pra ficar, pra exigir isso dele. Porque alunos, geralmente, chega na sala de aula. Vamos dizer assim: crianças, chega na sala de aula, meio que depende muito do professor pra passar o conteúdo, prender a atenção deles, tal. Então eu acho que depende mais do professor, e não do aluno.

ISMAEL (IAENE): com certeza. Levando em consideração que é uma matéria importantíssima para o curso e se ele tem essa motivação própria pra, pra estudar, então ele tem que buscar o seu próprio mecanismo, né: ouvindo músicas, assim como eu falei, ouvindo, a, a... alguns “arq”, arquivos. Eu, por exemplo, coloquei no quadro, no, no quarto alguns pronomes, é...alguma, algumas “clã”..., é, digamos que... partes gramaticais pra poder memorizar, pra poder facilitar mais o meu aprendizado. Então, eu tenho que buscar, por mim mesmo, alguns mecanismos pra poder me apropriar do conhecimento.

Lílian, apesar de nunca ter trabalhado como professora, acredita no uso das estratégias. Ela diz: “Mas eu creio que seja importante pra prender a atenção do aluno, pra não

deixar a aula monótona”. Embora não tenha ficado explícito no seu diálogo, acredito que a crença de que as estratégias são necessárias, surge da visão dela como estudante que tem anseios, inquietações e objetivos. Pela sua falta de experiência pedagógica como professora, é compreensível que afirme que “depende mais do professor e não do aluno”.

O depoimento de Ismael corrobora a impressão que tive nas minhas observações na aula de inglês instrumental. Ele ainda acha cedo para dizer se o professor usa estratégias. Penso que o estudante ainda não tinha uma noção clara sobre o que são estratégias, pois diz o seguinte: “São mecanismos que o professor utiliza para poder ah... transmitir o conteúdo pra o aluno”.

O termo “mecanismos”, utilizado pelo educando, refere-se a alguma técnica; por exemplo: para explicar o significado de algumas palavras o professor divide a sala em grupos e estabelece que cada grupo vai fazer mímica sobre o significado das palavras que recebeu e foi informado sobre a sua tradução. Sua tarefa é fazer mímicas para que os outros grupos descubram o significado. Aquele que descobrir primeiro ganhará um brinde ou uma pontuação.

O estudante não pode esperar só isso do professor. Até porque, como técnica, chega um momento que, pela sua repetição, os alunos e também o professor tendem a cansar. O aluno deve buscar mais, ele deve buscar um clima de valorização das opiniões, mesmo as contrárias ao que o professor ou outros colegas expõem.

Deve também esperar um ambiente participativo, no qual o professor se coloca como mediador dos debates e dos saberes. Deve esperar um professor que aja, com relação a ele, não para punir, mas para esclarecer, negociar, determinar, quando necessário. E aceitar sugestões, quando possível. Estes aspectos constituiriam uma sala de aula autônoma.

Saber lidar com o aluno, entretanto, utilizar meios para provocar o seu interesse, prender sua atenção e permitir a sua independência são estratégias muito úteis para promover um clima agradável na aula. Não podemos esquecer que na aula existem alunos e professor. Nem um lado nem o outro deve se preocupar demais em fazer tudo. Nenhum desses lados deve assumir a responsabilidade, sozinho, sobre o aprendizado ou do ensino do outro.

O aluno tem que interagir, sim: o professor também. O aluno depende do professor, sim, mas nem tanto. “Ele tem que buscar o seu próprio mecanismo”, complementa Ismael. Devem existir meios capazes de prender a atenção do aluno, sim. Contudo, deve-se também deixar que o aluno assuma o seu compromisso de estar ali

sem precisar de atrativos mirabolantes. Quem assim o faz não é um bom professor, tampouco um bom aluno. Responsabilidades divididas: essa é a melhor tática. Assunção de riscos, desafios e tarefas com o objetivo de cumpri-las, mesmo se a antevisão dos resultados não parecer tão favorável.

Os estudantes do IAENE foram perguntados sobre o uso de estratégias na aula de inglês instrumental, e responderam o seguinte:

HARLEY (IAENE): talvez sim. Porque hoje é... nós precisamos muito ler. Né, e o inglês instrumental, pelo que eu to entendendo, o que o próprio professor disse, é uma questão assim: de nós aprendermos o mínimo pra você poder abrir um livro e entender o básico daquilo ali. Então Inglês Instrumental, pra mim, está sendo isso: aprender o mínimo necessário pra tentar ler. Agora, alguma palavra diferente, alguma coisa mais estranha, mais, mais complexa, você vai à ajuda de um dicionário, ajuda de alguém que saiba fluentemente o Inglês. Mas eu tô achando interessante o Inglês Instrumental Um por esse motivo. Eu posso abrir um livro em Inglês, donde eu posso ver sobre um tema e consigo, pelo menos, entender a idéia do, do que está tentando dizer.

FRANCISCO (IAENE): eu acredito que não, pela escassez de tempo. Nós não temos tempo, nos falta tempo, em particularidade a mim me falta tempo. E se tivéssemos mais tempos, mais tempo, acredito que o aprendizado seria melhor.

O depoimento de Harley demonstra também sua dúvida quanto ao fato de (não) existir a utilização de estratégias em sua aula. Ocorre que essa dúvida surge em função da pouca familiarização desse estudante com uma prática mais sugestiva do uso de estratégias. Pelas aulas que assisti, não percebi estratégias bem definidas para apresentação das atividades. Acredito que o próprio professor estivesse influenciado pela prática tradicional do sistema de ensino daquela instituição, que não privilegia a aplicação das estratégias.

Francisco evidencia a sua preocupação como o tempo. Ou seja, as estratégias são usadas para não se perder tempo com outras coisas, e sim, voltar-se com o ensino-aprendizagem. Concordo, em parte, com este estudante no tocante ao uso racional do nosso tempo, que é tão precioso na atualidade. Todavia, não podemos deixar de mencionar que aprender e ensinar não se constituem em uma ação realizada em alguns segundos.

Neste processo, se soubermos usar todo o tempo que temos com idéias e ações úteis ao nosso crescimento, sem nos preocuparmos, excessivamente, em cumprirmos

cronogramas pré-estabelecidos, vamos ganhar muito no sentido qualitativo. Aquela história de que “não importa a quantidade, e sim, a qualidade” é verdadeira. Saber aproveitar o tempo bem é uma forma de estratégia.

Suponhamos que um dos alunos entrevistados tenha grande dificuldade em inglês, mas a aula é dedicada a outro conteúdo, e não ao que está sendo ministrado naquele momento, o seu tempo está mal aplicado. Suponhamos também que este mesmo aluno faz as tarefas pedidas pelo professor rapidamente e sem a devida atenção e dedicação que o faria aprender mais. Sua preocupação é chegar logo em casa para ler outra coisa, dormir assistir à televisão. Da mesma forma, o seu tempo continua a ser mal aplicado.

Devemos ter cuidado com essa preocupação excessiva em relação a cumprir algo num tempo xis, pois podemos estar preocupados em fazer outra coisa de menor importância em relação ao nosso aprendizado. Devemos fazer bem aquilo a que nos propomos obtendo daquilo o melhor ensinamento que ele pode nos dar. Na aula de inglês não é diferente. Estudar essa disciplina exige, de fato, tempo. Mas se queremos tirar dela o tempo que lhe é merecido, também o nosso tempo continuará sendo mal aplicado na sala de aula.

Faz-se importante colocar aqui outros depoimentos dos estudantes do IAENE, sobre sala de aula autônoma para entendermos como funciona esse ambiente - na visão deles - e de que forma os agentes envolvidos na sua manutenção podem atuar com motivação, autonomia e a usar das estratégias:

ERIVALDO (IAENE): uma sala de aula autônoma? Eu diria que seria... é... é um pouco difícil, mas é possível. Quando... numa, numa sala, os alunos eles, cada um, procuram satisfazer as suas necessidades... é... esquecendo do colega ao lado. Ou seja, ele pesquisa ali, na sua, o colega pesquisa na dele e assim sucessivamente, seria uma sala de aula autônoma, o professor... (risos leves)... é... “d”... daria pra se dedicar um pouco ao grupo, mas os alunos, é... no que diz respeito à autonomia, cada um, cada um por si. É... Como diz o ditado, né: “Deus por todos e cada um por si.”

ISMAEL (IAENE): uma sala de aula autônoma é aquela sala em “qui”... tanto aluno quanto professor..is, buscam, é... por si mesmo, si “apropriar” do conhecimento, se “apropriar” da, do saber, né que, que eles estão buscando. Se o, a verdade que, às vezes, ele pode utilizar até alguns mecanismos, né, outros meios pra se, se “apropriar” desse conhecimento. Mas, a principio, a motivação parte deles mesmos, de buscar esse conhecimento: tanto do aluno quanto do professor.

Erivaldo pensa que agir com autonomia é agir sozinho. Ou seja, usar estratégias de aprendizagem é isolar a ajuda do professor definitivamente: acerte ou erre. Por isso, vários informantes demonstraram certo ceticismo sobre a possibilidade de o indivíduo usar suas estratégias.

Ismael apresenta uma compreensão mais próxima da verdadeira prática autônoma, aquela em que os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente do saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p. 29).

Perguntei aos estudantes quais estratégias utilizavam para o seu aprendizado. Elenquei algumas como: participar das atividades em grupo, pesquisar na internet e em outras fontes, tirar dúvidas com o professor e planejamento dos estudos. Depois, perguntei quais dessas eram mais eficientes?

Tanto os alunos da UNEB quanto os do IAENE apontaram a pesquisa na internet como a estratégia mais eficiente, devido à grande quantidade de informação e à rapidez das pesquisas.

CLEIDINÉIA (UNEB): pesquiso na internet. É... leitura. Na verdade, né, a gente procura sempre a biblioteca. Trabalhos em grupo, que eu acho que a gente aprende bastante com o grupo. São essas as atividades que eu faço que eu acho que é interessante para a gente poder “apre”, aprimorar os nossos conhecimentos.

EU: certo. E com relação a, à sua professora. Ela demonstra ter preparado aula, explica os assuntos com clareza, resolve todas as dúvidas. As estratégias que ela usa são suficientes e eficientes pra o seu aprendizado?

GALDINO (UNEB): os...quanto aos métodos por estudo à base de livros e anotações é feita nas aulas, esses métodos de estudo são métodos bons. Porém a tecnologia hoje nos oferece a internet, que é um recurso incomparável. E hoje as pesquisas na internet e todos os, todas as outras abordagens que envolvem essa questão da pesquisa eletrônica são mais eficientes, pelo menos, na minha opinião.

A internet representa para estes estudantes um manancial enorme de informação, através do qual eles podem, com agilidade, retirar conteúdos necessários à sua disciplina, os quais demorariam bem mais se fossem pesquisados em fontes bibliográficas tradicionais. Na atualidade, a velocidade dos acontecimentos, a urgência

da informação e a facilidade de acesso, dão uma dimensão de importância e necessidade da internet para estes educandos. Isso é bom, desde que não se façam desse instrumento virtual a única fonte de consulta e de aprendizagem.

Os estudantes Márcia e Reikson disseram o seguinte:

MÁRCIA (IAENE): bom, pra começar, desde quando nós começamos aqui no curso de Letras com Inglês, pelo menos eu. É... eu procurei formalizar, fazer um.. Um texto, no caso, pegar uma folha e esquematizar como seria toda a estratégia de trabalho pra que eu não “pó”, pudesse me perder. Porque, além de eu estar aqui pela manhã, à tarde, eu estou no trabalho, então eu não teria como passar a tarde estudando. Então, eu fiz, é... peguei a folha, fiz todo um esquema, como eu poderia realizar todos os trabalhos. Pra que, todos métodos que é... eu colocasse nesse papel, eu pudesse desenvolver, ao longo do meu estudo. Um, ah, um jeito assim, bem primordial pra mim, no momento, tá sendo também a pesquisa pela internet. Acho que tá sendo mais do que a pesquisa em grupo, por eu não ter tempo de, de, no caso, me reunir com os meus colegas, então, eu sempre eu to pesquisando. O professor passa um, um assunto na sala e aí, se eu posso pesquisar, posso pegar uma fonte maior na internet, certamente eu tô lá pesquisando.

REIKSON (IAENE): na minha opinião, planejamento ele é muito importante. Agora de todos os, a s estratégias que você citou, creio que seja o estudo em grupo. Porque o estudo em grupo ele é maravilhoso para o aprendizado, porque no grupo você vai ver pessoas que têm várias é... idéias de memorização, de como aprender. Pessoas que explicam o assunto de uma maneira, explicação de uma maneira diferente. Então, acho fundamental o estudo em grupo. Muito fácil para o aprendizado.

Esquematizar as tarefas a serem realizadas é um dos procedimentos mais eficientes para não perdermos o foco daquilo que buscamos. Dessa forma, podemos superar etapas, acompanhando as nossas conquistas dia-a-dia. Assim como trabalhar em grupo é uma estratégia também útil porque nos dá a possibilidade de dividirmos conhecimentos e dificuldades. Dessa forma podemos comparar o nosso desenvolvimento com o do colega e de que forma podemos melhorar ainda mais.

Os entrevistados disseram que usam estratégias na elaboração do seu aprendizado. Eles disseram que, com as estratégias, sua aprendizagem se torna mais facilitada e prazerosa. E todos demonstraram ter consciência do que precisam fazer para que o seu aprendizado seja mais proveitoso.

Essa conscientização sobre o que são as estratégias e como elas nos podem ser úteis é um excelente começo para quem quer exercer a sua autonomia e vivenciar a sua motivação.

Pode-se constatar isso através dos seguintes depoimentos:

SÉRGIO (UNEB): todas essas que o senhor citou aí agora trabalham junta, né. Porque é um processo que “ce” tem que, primeiro hoje em dia, a gente tem muitos livros na biblioteca e tudo. Mas, na internet já se acha, acha já o conteúdo facilitado e de vários autores, de uma forma, assim, muito fácil. Aí é essencial o uso da internet. Assim também, para ter uma, um bom aprendizado, é muito importante que você pegue os livros, de antemão, vá lendo ante, antes da aula, pra chegar na aula e ter... as suas dúvidas esclarecidas com a professora. Então, você chegar na hora, sem ler o assunto, aí já fica aquilo ali, não consegue tirar as suas dúvidas nem assisti a aula bem.

ERIVALDO (IAENE): elas são suficientes, é... no contexto da sala de aula. Mas o aluno ele deve ir além, né, do, do daquele momento da sala de aula ali, ouvir o professor, o que ele apresenta, o conteúdo que ele apresenta, a estratégia utilizada por ele. O aluno ele deve ir além disso aí. Ele deve se esforçar um pouco mais, é... extra sala de aula, deve ir na biblioteca, em busca de outras ferramentas, pra que possa ter êxito no, no seu estudo.

Percebe-se, nestes depoimentos, a satisfação dos estudantes ao falarem do uso das estratégias. Os entrevistados sabem que elas não absolutas e não garantem resultado positivo sempre. No entanto, estão conscientes de que não devem agir apenas quando o professor “manda”. Isso representa um nível de conscientização favorável para que as atitudes autônomas tornem-se mais freqüentes nos seus projetos.

Quando Sérgio diz que é essencial o uso da internet e pegar os livros, de antemão, para ler antes da aula e ter as suas dúvidas esclarecidas com a professora, está a relatar a sua própria estratégia para ter um bom aprendizado, que dá certo.

Erivaldo é categórico ao dizer que “o aluno deve ir além disso aí. Deve se esforçar um pouco mais, extra sala”. Quem age assim está motivado e, conseqüentemente, determinado a conquistar o seu objetivo. Quem procura aprender mais, através das suas próprias pesquisas, demonstra autonomia, capacidade de adaptação e de fazer escolhas.

Para finalizar, vale dizer que o aspecto mais interessante na análise dos dados coletados nas duas instituições é a observação, na prática, do exercício da autonomia por parte dos estudantes, a forma como os professores lidam com isso e como esse ambiente autônomo se relaciona com as estratégias e motivação de ambos os lados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de língua inglesa, na atualidade, exige a observância de diversos fatores sociais e culturais atrelados à realidade do aluno. A construção de estratégias que valorizam tais conteúdos dá sustentação a atitudes inclusivas, que motivam a autonomia.

Parti desse tema para iniciar os estudos com relação aos efeitos da autonomia sobre a produtividade do estudante, buscando verificar, na prática, se realmente esse postulado se fundamenta. Meu problema era encontrar as respostas para as perguntas: a autonomia possibilita um aprendizado de língua inglesa mais efetivo e humanizado? De que forma ela se relaciona com a motivação e com as estratégias? Quais resultados podem surgir de um ensino-aprendizagem autônomo apoiado nas estratégias elaboradas por estudantes e professores motivados?

As hipóteses que apresentei como possíveis respostas a essas perguntas eram as seguintes:

- a) A motivação, estimulada por estratégias inclusivas, é capaz de não somente provocar, mas principalmente, de incutir no estudante a sua importância em todo o processo e conscientizá-lo das inúmeras contribuições que pode oferecer, comprometendo-se com os seus valores e outras realidades ao perceber-se um sujeito autônomo.
- b) Estudantes autônomos produzem, re-significam e compartilham experiências, saberes e estratégias que os motivam sentir-se parte da realidade, e não, à margem dela.

A formulação da primeira hipótese veio da minha inquietação em encontrar meios capazes de fazer do estudante um indivíduo independente, sabedor das inúmeras possibilidades no seu aprendizado e pronto a colaborar com a aula, com os colegas e com o grupo. A questão era identificar a maneira como este educando poderia ser estimulado a agir dessa forma e manter-se disposto a superar barreiras.

Para mim, as estratégias de motivação, isto é, o entendimento, por parte do estudante, de que, para melhorar os seus estudos, o seu desempenho, o seu entrosamento e o seu interesse, faz-se necessário estar pronto a identificar os seus pontos fortes ou destituir os pontos fracos da condição de direcionadores do seu desejo.

A ausência de motivação pode existir na escola, no professor, nos alunos, no diretor, no coordenador pedagógico, dentre outros. A forma como se pode equilibrar esse ambiente com pessoas sem motivação pode ser individual ou coletiva, mas sempre cada um fazendo o que deve e pode ser feito.

Há problemas estruturais, financeiros, políticos e educacionais, em maior ou em menor grau, nas instituições que visitei. Não existe a instituição perfeita. Assim como não há professores nem alunos perfeitos. Todos somos aprendizes da mesma história e das mesmas exigências estabelecidas pela sociedade. Reclamar e fugir deles não vai resolver. É preciso enfrentar, estabelecer metas, critérios, metodologias, procedimentos a fim de encontrarmos as soluções totais ou parciais dos nossos incômodos.

Em sendo assim, percebi que não são as estratégias que criam a motivação. Todavia, elas têm enorme importância na manutenção desse estado psicológico, principalmente a motivação instrumental. Para que se utilizarem estratégias no aprendizado de língua inglesa, é preciso que o estudante esteja motivado a sair daquela condição de estagnação ou de repetições constantes de conteúdos e situações. É preciso também que ele esteja disposto a buscar outros saberes, outras vivências a fim de comparar com a sua e com isso, poder formar um entendimento sobre qual é o melhor caminho a seguir.

Estudantes motivados e autônomos elaboram as suas estratégias sempre que precisam atingir objetivos importantes para suas vidas. Quando o estudante planeja as suas ações, participa das atividades em grupo, pesquisa em fontes diferentes das que são apresentadas na aula, é humilde para expor aos colegas e ao professor as suas dúvidas e inquietações, está a praticar estratégias cujos efeitos refletem diretamente sobre o seu entusiasmo e a alegria de continuar a aprender.

Dessa forma, a primeira hipótese, diante do que foi pesquisado e averiguado neste trabalho, está comprovada. De fato, estudantes motivados pelas estratégias participam mais, comprometem-se mais e desistem menos. Melhor ainda! Estudantes motivados re-elaboram estratégias a fim de servir-lhes a contextos mais específicos na sua vida acadêmica e, conseqüentemente, na sua vida pessoal.

Mesmo quando as dificuldades se apresentam ameaçadoras, ainda que as condições externas não contribuam para o desenvolvimento de uma sala de aula ou um ambiente escolar salutar, aberto ao novo, estudantes motivados vão sempre encontrar meios para lidar com essa realidade tentando transformá-la para melhor. É o que fica evidenciado nos exemplos dos jovens Arthur, Sérgio Lopes, Caio e do estudante de

medicina Esaú, citados nas páginas 53, 54, 105 e 106, todos, pelos exemplos que deram, motivados intrinsecamente. Todos se posicionam contra as condições adversas, suas ou da comunidade e estão imbuídos de um propósito que lhes alimenta a alma, lhes sacia os desejos e necessidades.

É o que se pode constatar, também, nos depoimentos dos estudantes da UNEB, que mesmo sem dispor das condições ideais para a concretização do seu aprendizado, guardadas as devidas proporções, não desistem do objetivo de falar inglês, ensinar e concluir um curso superior.

Com os estudantes do IAENE não é diferente. Eles estão motivados a aprender inglês para usar no estudo teológico. Vale ressaltar que estes alunos têm ao seu favor, uma estrutura organizacional mais eficiente e “pronta” para servir ao seu aluno/cliente a quem deve, de certa forma, explicações pelos serviços que presta.

A segunda hipótese nasceu de uma análise simples sobre a ação dos indivíduos motivados. Eles conseguem ser autônomos quando estão motivados e ao usarem estratégias? Ou seja, eles planejam conscientemente o que podem fazer para melhorar o seu ambiente e buscam envidar esforços para que isso ocorra?

Através das observações e das entrevistas, percebi que estes estudantes são motivados e conseguem exercer a sua autonomia, ainda não absolutamente, mas de maneira significativa. Isso possibilita a abertura de espaços importantes para que o clima de participação, de independência e de valorização das individualidades se instale, fortalecendo projetos de renovação.

Os estudantes da UNEB me pareceram estar mais conscientes da sua autonomia e melhor executores da sua aprendizagem. Senti um nível de politização e de ação política destes voltada à realização dos seus projetos. Também percebi vozes mais contundentes no que tange à realidade do seu curso, aos procedimentos da instituição e às exigências por soluções.

Quanto aos estudantes do IAENE, percebi que sua autonomia ainda não apresenta a decisão de agir sem supervisão, com independência em relação à instituição e ao modelo de curso superior que fazem. Suas buscas não estão voltadas para serem professores de inglês, mas de usarem esta língua como um instrumento para estudos mais detalhados na área de bíblica.

Ocorre diferentemente na UNEB, onde os estudantes buscam atuar como professores de inglês. Todo o curso é estruturado para dar aos educandos a formação que lhes permite ensinar essa língua e suas respectivas literaturas. Portanto, ao contrário

do que ocorre no IAENE, a língua inglesa tem importância fundamental para construção de saberes lingüísticos e pedagógicos.

Em sendo assim, percebo que a segunda hipótese está comprovada em parte. Pois, todos eles – em menor ou maior grau – são autônomos, políticos, críticos e reflexivos. Entretanto, a inquietação dos estudantes da UNEB em relação à mudança, à busca de soluções e outras práticas é maior do que a dos estudantes do IAENE.

Na UNEB, as observações sobre as práticas pedagógicas apresentam um nível considerável de entendimento sobre que lhes incomoda. Isso fica evidenciado nas falas das estudantes Poliana e Cleidinéia (páginas 30-31). Elas demonstram disposição e vontade de mudar, apesar das dificuldades.

O uso de estratégias de ensino-aprendizagem possibilita a que estes educandos se motivem ainda mais e busquem outras oportunidades na aquisição de conhecimentos que, às vezes, não são apresentados em sala, mas estão relacionados aos contextos e à aplicação na sua vida cotidiana.

As estratégias de ensino-aprendizagem dizem respeito ao que o professor pode fazer para criar na sua aula uma atmosfera mais favorável para que todos se entrem e compartilhem conhecimentos e experiências enriquecedoras sobre o que é exposto. Embora o foco dessa pesquisa tenha sido na reação dos estudantes, não podemos deixar de enfatizar o quanto o professor pode contribuir com os seus alunos.

Sem o professor, a aula não existiria. Sem os estudantes, muito menos. Todos estão entrelaçados pela aplicação e aquisição do conhecimento. Fazer, então, do ambiente da aula um lugar de negociação e de partilha de saberes constitui-se uma ação inclusiva que, leva os educandos a serem mais confiantes, menos ansiosos e verdadeiramente comprometidos com suas buscas e estratégias para consegui-las.

Cada estudante aplica a melhor forma de aprender. É a sua avaliação sobre as suas necessidades que vai direcioná-lo para o método e a técnica mais adequada ao seu crescimento. É também sua politização quem vai liderar o processo de escolhas, as inter-relações e o compartilhamento das suas alegrias e conquistas. É a sua análise crítica que vai lhe permitir avaliar, julgar aspectos importantes e dimensioná-los no seu mundo e às suas expectativas. Por fim, é a motivação para refletir sobre suas prioridades que vai lhe fazer encontrar respostas. E isso ficou mais evidenciado entre os estudantes, principalmente os da UNEB.

REFERÊNCIAS

ALLWRIGHT, Dick. (1991). **Autonomy and individualization in whole-class instruction**: The role and responsibilities of the EAP tutor. In: Individualization and autonomy in language learning. London: Modern English Publications and The British Council.

BRASIL. **Exame Nacional de Desempenho de Estudantes**. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 10/01/2008.

BRASIL. **Exame Nacional do Ensino Médio**. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em 10/01/2008.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: PNAD. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2004/default.shtm>>. Acesso em: 12/08/2008.

BRASIL (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Secretaria do Ensino Médio.

BRASIL (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução. 5ª a 8ª séries. Brasília: Secretaria de Ensino Fundamental.

BROOKES, A. & GRUNDY, P. (1991). **Individualization, autonomy and English Academic purposes**. London: Modern English Publications and The British Council.

CABRAL, Gabriela. **Sobre a classe social**. Equipe Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/classe-social.htm>>. Acesso em 13/01/2008.

CARVALHO, Nicolete de. **Sobre o princípio da analogia** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/2000>>, acesso em 12/01/2008.

CLARKE, Paul. & WALES, Jenny. (2004). **Learning Citizenship**: Practical Teaching Strategies for Secondary Schools. New York: Routledge Falmer.

COLPORTAGEM. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Colportagem>>. Acesso em 12/08/2007).

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. (2004). **A pedagogia Adventista**. Casa Publicadora Brasileira: Tatuí, São Paulo.

CUNHA, Rogério A. (2002). **O ser humano é necessidade**. In: GONÇALVES, Ana M. & PERPÉRTUO, Susan C. **Dinâmica de grupos na formação de lideranças**. DP & A: Rio de Janeiro.

DAVIDOFF, Linda L. (2006). **Introdução à Psicologia**. 3ª ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil.

DE GRÈVE, Marcel. & PASSEL, V. Frans. (1975). **Lingüística e ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Pioneira.

DEMBO, Myron H. (2000). **Motivation and Learning Strategies for College Success: A Self-Management Approach**. Lawrence Erlbaum Associates.: Mahwah, New Jersey.

DICKINSON, Lieslie. (1994). **Learner autonomy: what, why and how?** In: LEFFA, Vilson. (ed). **Autonomy in language learning**. Editora da Universidade: Rio Grande do Sul.

DICKINSON, Lieslie. (1991). **Leaner training: the role and responsibilities of the EAP tutor**. London: Modern English Publications and The British Council.

DÖRNEY, Zoltan. (Ed.). (2001). **Teaching and Researching Motivation**. Longman: London.

FERRARI, Marilza & RUBIN, Sarah G. (2002). **Inglês para o ensino médio**. Scipione: São Paulo.

FIORI, José L (org). (2004). **O poder Americano**. Vozes. São Paulo.

FREIRE, Paulo. (1996). **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (2004). **A Pedagogia do oprimido**. 39ª ed. Paz e Terra. São Paulo.

GONCALVES A. Maria. & PERPÉRTUO, Susan C. (2002). **Dinâmica de grupos na formação de lideranças**. 8ª ed. DP & A. Rio de Janeiro.

GRAY, Judith A. **Whose Classroom is it? Building Student Responsibility and Self Management in Our Classrooms**. Disponível em: <<http://www.newhorizons.org/strategies/democratic/gray.htm>>. Acesso em 12/01/2008.

GRENFELL, Michael & HARRIS, Vee. (1999). **Modern Languages and Learning Strategies: In Theory and Practice**. London: Routledge.

HOUGHTON, Diane et al. (1991). **Autonomy and individualization in language learning**. The role and responsibilities of the EAP tutor. London: Modern English Publications and The British Council.

LANG, Dale. **Essential Criteria for an Ideal Learning Environment**. Disponível em: <http://www.newhorizons.org/strategies/learning_environments/lang.htm>. Acesso em 28/09/2007.

LIEURY, Alain. & FENOUILLET, F. (1996). **Motivação e aproveitamento escolar**. Tradução: Ivone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo, Loyola.

LIMA, Denilso de. (2004). **Inglês na ponta da língua**: método inovador para melhorar seu vocabulário. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus.

LIMA, Luciano R. In: SILVA, Gesiel A. (2008). **A autonomia no ensino-aprendizagem de língua inglesa**: suas relações com a motivação e as estratégias. Correções do copião para a defesa.

LOMÔNACO, José Fernando B. & WITTER, Geraldina Porto. (1984). **Psicologia da aprendizagem**. Vol. 9. In: RAPPORT, Clara Regina. (Coord.). **Temas básicos da psicologia**. EPU: São Paulo.

MAIA & PASTOR (1995). **Dicionário de língua portuguesa**. Scipione. São Paulo.

MAXIMIANO, Antonio Amaru C. (2004). **Introdução à Administração**. 6ª ed. São Paulo, Atlas.

MONTANA Patrick J. & CHARNOV, Bruce H. (2003). **Administração**. Tradução: Cid Knipel Moreira. 2ª ed. São Paulo, Saraiva.

MOREIRA, Marli M. **In the search of the foreign language learner's autonomy**: concept maps and learning how to learn. In: LEFFA, J. Vilson. (1994). **Autonomy in Language Learning**. Porto Alegre: Editora da Universidade.

MURPHY, Raymond. (1985). **English Grammar in Use**: a self-study reference and practice book for intermediate students. New York, USA: Cambridge University Press.

NATIONAL CAPITAL LANGUAGE RESOURCE CENTER. **Motivating Learners**. Disponível em: <<http://www.nclrc.org/essentials/motivating/strategies.htm>>. Acesso em 05 de novembro de 2007.

NETTO, Samuel P. (1987). **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. São Paulo: EPU.

OXFORD, Rebecca. (1990). **Language learning strategies**: whatever teacher should know. Ohio, The USA: New House Publishers.

PENNA, Antonio G. (2001). **Introdução à motivação e emoção**. Imago. Rio de Janeiro.

PIAGET, Jean. (2006). **Psicologia e Pedagogia**. 9ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

PINTRICH, P. R. SCHUNK, D. H. **Motivation in Education**: Theory, Research and Applications. Disponível em: < <http://www.des.emory.edu/mfp/PS.html>>. Último acesso em: 25 de maio de 2007.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **Jovens voluntários**. Reportagem. Disponível em: <<http://jornalhoje.globo.com/JHoje/0,19125,VOI0-3069-1090-311492,00.html>>. Acesso em 10 de outubro de 2007.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. **Perseverança e fé**: a história do jovem Esaú. Reportagem. Disponível em: <<http://jornalhoje.globo.com/JHoje/0,19125,VJS0-3076-20070919-302223,00.html>>. Acesso em 10 de outubro de 2007.

RILEY, Philip. (1991). **Ethnography of autonomy**. The role and responsibilities of the EAP tutor. London: Modern English Publications and The British Council.

ROCHA, R. (1996). **Minidicionário**. Scipione. São Paulo.

SANDER, Benno. (1984). **Consenso e conflito**: perspectivas analíticas na pedagogia e na administração da educação. Niterói – RJ, Pioneira de Ciências Sociais.

SARTRE, Jean. Paul. (2006). **Esboço para uma teoria das emoções**. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM.

SCHUNK, Dale H at al. (2002). **Motivation in education**: theory, research and applications. 3ª ed. The USA: Pearson Marill Prentice Hall.

SERRANO, Daniel P. A Teoria de Maslow - **A Hierarquia das Necessidades**. Disponível em: <<http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/maslow.htm>>. Último acesso em: 12/11/2006.

SERRANO, Daniel P. **A teoria de Hezberg**. Disponível em: <<http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Teoria%20de%20Herzberg.htm>>. Último acesso em: 12/11/2006.

SNYDERS, George. (1996). **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. São Paulo: Paz e Terra.

STOJAKOVIC, Peter. (1999). **Cognitive Styles and Learning Strategies**: Understanding Style Differences in Learning and Behavior. Vol. 21. In: Journal Roeper Review.

STONER, James A. F. & FREEMAN, Edward R. (1999). **Administração**. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC.

TIBA, Içami. (1996). **Ensinar aprendendo**: novos paradigmas na educação. 25ª ed. São Paulo: Integrare.

THANASOULAS, Dimitrios. **What is Learner Autonomy**. 2002. Disponível em: < <http://www3.telus.net/linguisticsissues/learnerautonomy.html>>. Acesso em 16 de agosto de 2007.

VIGOTISKY, Lev. S. (2004). **Psicologia pedagógica**. Tradução: Paulo Bezerra. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO SÓCIO-EDUCACIONAL

Nome _____ idade _____

Classe social: média (); baixa (); alta (); média baixa (); média lata (); Rica ()

Grau de instrução _____. Como você entrou neste curso? Vestibular (); ENEM (); Portador de diploma curso superior (); bolsa de estudo (); Outros () _____

Indique a sua faixa de renda:

- (A) de R\$ 380,00 a R\$ 500,00
- (B) de R\$ 501,00 a R\$ 800,00
- (C) de R\$ 801,00 a R\$ 1.200,00
- (D) de R\$ 1201,00 a R\$ 2000,00
- (E) Acima de R\$ 2000,00
- (F) Sem renda

Estado Civil

- () casado(a)
- () solteiro(a)
- () divorciado(a)
- () separado(a) judicialmente

Seus estudos regulares foram feitos:

- () mais em escola pública
- () mais em escolas privadas
- () metade em escola pública, metade em escola privada

Obs: Seus dados serão mantidos no mais absoluto sigilo.

ANEXO A:

TRANSCRIÇÃO LITERAL DA ENTREVISTA REALIZADA COM ALUNOS DO **IAENE**

PRIMEIRO ALUNO

Eu: Nome....completo:

Aluno: José Francisco Ferraz Neto

Curso: segundo período do curso de Teologia

Eu: Ah..... José Francisco, o que você entende por autonomia do estudante?

JF: Autonomia do estudante? Em que termos?

Eu: autonomia, o que você acha, o que você entende por um estudante que é autônomo, que é...é...dentro da sala de aula, dentro do contexto ensino/aprendizagem ele... age com autonomia.

JF: é aquele que tem ééé... a meta dele traçada, ele sabe o que ele quer... e tá ali pra aprendê. Ele já...ele sabe o...quanto mais ele puder aprender pra ele vai ser melhor. Esse pra na.., na minha opinião, seria um estudante autônomo.

Eu: ok! Tente definir uma sala de aula autônoma. Um ambiente escolar, uma sala de aula autônoma.

JF: ééé...em que parâmetros?

Eu: no mesmo. Questão da autonomia, da..a, independência, como você falou. Do, dess, dessa busca, do ensino.

JF: ééé...ensino, um ensino bem aplicado. É...dando oportunidade ao aluno de se expor, ééé... interagindo com o aluno, vendo as suas real neces...as suas reais necessidades e assim, aproveitando melhor o tempo.

Eu: você acha que um estudante autônomo trabalha, necessariamente, de forma isolada?

JF: não, não. Acredito também que possa ser em grupo ou....tanto faz...ééé...pode ser em grupo ou se ele for aquela pessoa um pouco mais fechada, se ele achar melhor, vai do livre arbítrio dele. Talvez, pra ele, seja melhor ficar só.

Eu: você se sente um estudante autônomo?

JF: sim, em termos sim.

Eu: como assim?

JF: pelo fato de querer aprender, não ter mais assim tanta idade, ééé...aproveitar, o máximo, o tempo que eu posso e.... jogar isso a meu favor.

Eu: cê tá com entch, com que idade?

JF: 33 anos.

Eu: e acha que tá.. com.... não tá com tanta idade assim, né...(risos)

JF: ééé.... eu tô correndo contra o tempo.

Eu: (risos)...ok. O que você entende por motivação?

JF: motivação. Motivação é você...ter uma meta... na sua vida. E você...ep... fazer dessa meta um sonho e, é... a cada dia, você trabalhar para que essa meta chegue mais próxima de você.

Eu: ahh....Você se sente motivado para estudar Inglês?

JF: motivado, sim.

Eu: por que?

JF: porque eu tenho muita vontade de estudar Inglês. Tenho assim,... não tenho tanta...facilidade de...po... devido... a razões financeiras e um pouco escassez de tempo. Mas eu queria muito poder falar o Inglês fluentemente.

Eu: o que você entende por estratégias de ensino?

JF: estratégi....

Eu: Ensino/aprendizagem?

JF: estratégias de ensino. Bom, ao meu ver, seria uma forma...,e... eu não acredito que ela haja hoje. Mas a meu ver, seria uma forma de tentar... ajudar o aluno a aprender determinada disciplina num tempo... mais assim, vamo dizer....economizando tempo. E nessa economia de tempo, aumentando o aprendizado dele.

Eu: isso ocorre noo.. curso éé... de Inglês Instrumental, especificamente, ou no curso de Teologia?

JF: eu acredito que não, pela escassez de tempo. Nós não temos tempo, nos falta tempo, em particularidade a mim me falta tempo. E se tivéssemos mais tempos, mais tempo, acredito que o aprendizado seria melhor.

SEGUNDO ALUNO

Eu: ééé'.... seu nome?

Aluno: Erivaldo dos Santos

Eu: ééé...quii....Curso?

ES: Teologia

Eu: semestre?

ES: ééé'...segundo período.

Eu: Erivaldo, o que você entende por autonomia do estudante?

ERIVALDO: éee...entendo que o estudante ele deve, ele deve dedicar-se por conta própria... aos estudos. autonomia..éé... do estudante seria...ééé... basicamente isso aí. Ele dedicar-se por conta própria, num... não depender tanto, não se apegar tanto..ééé... à presença do professor. O professor tem o seu papel, mas ooo.. estudante deve ser autônomo, deve estudar, deve correr atrás do seu, do conteúdo que ele necessita.

Eu: isso ocorre com você?

ES: sim.

Eu: Tente definir uma sala de aula autônoma?

ES: uma sala de aula autônoma? Eu diria que seria... ééé...é um pouco difícil, mas é possível. Quandooo , numa, numa sala, os alunos eles, cada um, procuram satisfazer as suas necessidades...ééé...esquecendo do colega ao lado. Ou seja, ele pesquisa ali, na sua, o colega pesquisa na dele e assim sucessivamente, seria uma sala de aula autônoma, o professor...(risos leves)... ééé...d..daria pra se dedicar um pouco ao grupo, mas os alunos, ééé...no que diz respeito à autonomia, cada um, cada um por si. Ééé...Como diz o ditado, né: “Deus por todos e cada um por si.”

Eu: ok! Você se sente um estudante autônomo?

ES: eu me considero em termos. Porque...ééé...eu dedico tempo pra estudar. Mas, na sala de aula, num, num é o, a melhor coisa. Não é ideal você ser autônomo dentro de uma sala de aula, ...ééé...estando dentro de um grupo, fazendo parte de um grupo. Eu creio que é possível você ser um autônomo dentro da sala de aula, mas de forma muito pessoal. Você deve..éé... procurar reter, ao máximo, o conteúdo que ali está sendo explanado, apresentado pelo professor, bem como também as, as experiências ...ééé...dada pelos alunos, compartilhada por parte dos colegas de classe, mas eu creio que é possível também se trabalhar em grupo, numa sala de aula.

Eu: O que você entende por motivação?

ES: motivação? Motivação, como eu poderia definir motivação? Motivação seria o senso de, de vitória. De você correr atrás daquilo que você pretende, dos seus objetivos e esse próprio objetivo lhe motivar a isso. Motivação é...é vo...você ser impulsionado pelos seus objetivos.

Eu: ahh...Você se sente motivado para estudar Inglês?

ERIVALDO: ééé...por caso do tempo, nem tanto. Mais, eu me sinto motivado por caso do mercado de trabalho. Isso motiva. Saber que você vai precisar posterior...logo, logo você estará precisando...ééé...pelo menos o básico, no que diz respeito a... ao Inglês, é ler. Ééé...eu me sinto motivado sim,... por causa do mercado de trabalho e também...pra ampliar um pouco mais as questões do currículo. (EXTRÍNSECA)

Eu: muito bem! O que você entende por estratégias de ensino, ensino/aprendizagem?

ERIVALDO (IAENE): estratégias de ensino são meios ...ééé... que um professor articula pra... ééé...emprender, alcançar o seu objetivo que é ensinar os, os alunos.

Eu: Isso ocorre no seu curso, em particular no curso de Inglês Instrumental?

ES: sim, sem dúvida. É um professor que vem..ééé.. éé...já com tudo preparado, ele tem a sua estratégia, o seu método. Então, é...com muita facilidade você percebe quando uma pessoa ela está preparada, ela tem métodos e quando a pessoa chega querendo enrolar os alunos.

TERCEIRO ALUNO

Eu: seu nome?

Aluno: Manoel Teles de Andrade Jr.

Eu: Curso?

MT: ééé, primeiro teológico, segundo período.

Eu: segundo período.

Eu: ééé'...Manoel, o que você entende por autonomia do estudante?

MT: autonomia seria a liberdade para que ele pudesse escolher a sua grade curricular, ééé...seu aprendizado, seria a sua escolha, né a sua autonomia, de escolher o curso.

Eu: ahhh...Tente definir uma sala de aula autônoma, um ambiente autônomo.

MT: uma sala participativa, onde os alunos tivessem liberdade de dar as suas opiniões, participasse, junto com o professor, na escolha do conteúdo, ee...num, nos métodos de aprendizado.

Eu: Você se sente um estudante autônomo?

MT: sim, me sinto.

Eu: como assim?

MT: eu tenho liberdade pra escolher o assunto, pra pesquisar em casa, ééé...a matéria de pesquisa, pra dar minha opinião, pra expressar meus pensamentos.

Eu: Você se sente um estudante motivado?

MT: sim, sim. Muito motivado.

Eu: Como? Por que?

MT: Primeiro pela necessidade. O curso teológico exige que o, o, o formando ele tenha um conhecimento, pelo menos, básico na língua inglesa. Os materiais teológicos são na língua inglesa. Então, a motivação vem dessa necessidade de aprender a nova língua e poder usar todos os recursos para melhor ééé... aprimorar o meu curso e a minha apresentação.

Eu: E você se sente motivado para estudar Inglês?

MT: sim.

Eu: por que?

MT; por causa da necessidade. Ééé...di, devido a muito material teológico vim na língua inglesa. Então isso nos motiva a aprender, a estudar, a conhecer mais... o Inglês. (EXTRÍNSECA)

Eu: O que você entende por estratégias de ensino?

MT: seriam métodos utilizados pelo professor na apresentação éé... da aula, né, do seu material, do seu conteúdo.

Eu: e isso ocorre?

MT: sim, com toda a certeza. Os professores são bem preparados. Éé...O método de ensino, que é o no...no nosso caso, Inglês Instrumental, vem elaborado com esse propósito... pra nos ajudar a ter uma compreensão melhor do curso, da língua.

QUARTO ESTUDANTE

Eu seu nome, por favor!

Aluno: Tarcísio.

Eu: Tarcísio de?

TS: Souza Silva

Eu: ahh, Tarcísio, você ta fazendo que curso e que semestre?

TS: to fazendo curso de Teologia, prim, ééé, segundo período e Administração, terceiro ano.

Eu: muito bem! O que você entende por autonomia do estudante?

TS: ééé...quando o professor ele, ele conhece um pouco mais sobre o aluno e ele já tem um conhecimento formado, que já vem de casa. Eee...ele...diz...éé...oo...con...o conteúdo que, muitas vezes, o aluno já tem, né. Ou seja, o conhecimento, né.

Eu: muito bem! Tente definir uma sala de aula autônoma, na sua visão.

TS: ééé...quando o aluno tem a sua opinião própria. O professor também dá valor a isso, né. Onde o professor se interage com os alunos, sendo que ele não é o único dono da verdade, né.

Eu: Você se sente um estudante autônomo?

TS: sim.

Eu: por que?

TS: porque eu posso interagir, eu posso... pesquisar, eu posso..ééé... dar minhas próprias idéias.

Eu: Como você definiria um estudante, aliás. O que você entende por motivação?

TS: bom, a motivação é quando você tá... cê tem tem vontade de alcançar algo e aquilo ta intrínseco em sua mente, sua vida. E isso lhe impulsiona pra adquirir algo, num é. No caso, o conhecimento..na área financeira.

Eu: Você se sente motivado para estudar Inglês?

TS: não muito.

Eu: por que?

TS: (risos leves) porque a gente não tem prática, quase, né. E agora, começando o curso, devido muitos livros, né, estarem em Inglês, aí tem a necessidade, né.

Eu: O que você entende por estratégias de ensino/aprendizagem?

TS: bom, ééé... existem..dif...ééé... o, o assunto que você passa em sala de aula, pra alguns, você pode, alguns alunos compreendem. Outros, não. Então, o bom professor ele procura buscar várias métodos ou maneiras de ele alcançar os mais diversificados tipos de alunos, né. Então, ele vai, pra cada aluno, ele pode usar uma estratégia.

Eu: os alunos também fazem a sua, tem a sua contribuição nesse processo, não?

TS: acho que sim. Porque a gente reconhece a, a, a... dificuldade de cada um. E a gente procura ajudar, né.

Eu: você acha que os alunos devem construir também as suas estratégias?

TS: com certeza. Inclusive na parte da aprendizado.

QUINTO ALUNO

Eu: seu nome?

Aluno: Hélio Júnior

Eu: Hélio Júnior, curso e semestre.

HJ: primeiro período de Teologia.

Eu: Hélio, o que você entende por autonomia do estudante?

HJ: com relação ao Inglês, pelo menos ..ahhh...seria o próprio aluno ter curiosidade, ter vontade de buscar o conhecimento. Aí ele pode ser autônomo, porque as informações estão todas aí pa isso.

Eu: ahh...tente definir uma sala de aula autônoma.

HJ: anhummm...é, a partir do momento em que.... o professor mostra como é que se faz, né, mostra o caminho para o aluno, acho que... ele pode se seguir... de acordo com a sua vontade, de acordo, com, com o interesse que ele tem de aprender.

Eu: você acha que numa sala de aula autônoma estudantes e professores podem trabalhar conjuntamente construindo suas, suas próprias...ééé... estratégias, seus próprios métodos, seus próprios meios pra melhorarem o processo de aprendizado?

HJ: acredito que sim. Porque com aluno também o professor aprende. Não só..éé..um, um...uma mão, uma via de mão dupla.

Eu: com certe.....

HS: o professor também pode aprender.

Eu: com certeza. Você sente um est...um estudante autônomo?

HJ: me sinto. Tenho bastante curiosidade.

Eu: por que?

HJ: Gosto de ouvir músicas. Assim, gosto de buscar principalmente línguas. Que é uma coisa, assim, que eu tenho bastante curiosidade, vontade de aprender, não só Inglês.

Eu: O que você entende por motivação?

HJ: motivação...seria aquilo que te impulsiona a fazer algo. Aquilo que te leva a...a um ápice, assim, de conhecimento. Não só de conhecimento. No que você se empenha, você tem que estar motivado pra fazer bem feito. Motivação está andando junto com a perfeição.

Eu: Você se sente motivado para estudar Inglês?

HJ: me sinto.

Eu: Por que?

HJ: porque eu gosto de aprender..ééé... novas línguas: Inglês, Hebraico. Não só Inglês, eu gosto, tenho curiosidade, eu gosto de procurar... leituras, ouvir músicas, isso aí.

Eu: O que você entende por estratégias de ensino/aprendizagem?

HJ: seria um caminho traçado pelo o mestre, pelo professor pra que o aluno possa...

Eu: só pelo professor?

HJ: não. O aluno também ser direcionado e ele também usar os seus, os seus métodos de aprendizagem.

SEXTO ALUNO

Eu: seu nome?

Ismael.

Eu: cê preencheu o, a sua ficha?

IS: uhum

Eu: beleza. Curso e período.

IS: Teologia, segundo período.

Eu: o que você entende, Ismael, por autonomia do estudante?

Ismael: ah..a autonomia do estudante ela parte do momento em que eu, eu tenho interesse...né pra estudar, pra cursar aquela matéria, ou aquele, aquela faculdade. E, a partir desse interesse que eu tenho, eu, eu começo a pro é... produzir meu próprio mecanismo pra poder alcançar os meus objetivos dentro daquela disciplina, dentro daquele curso que eu estou fazendo. Então, quando eu faço isso, eu estou, de forma autônoma, é, contribuindo pra o bom andamento da minha classe, pra o meu bom estudo, pra melhor, meu melhor desempenho na, na escola.

Eu: tente definir uma sala de aula autônoma.

ISMAEL: uma sala de aula autônoma é aquela sala em qui... tanto aluno quanto professor..is, buscam, é... por si mesmo, si “apropriar” do conhecimento, se “apropriar” da, do saber, né que, que eles estão buscando. Se o, a verdade que, às vezes, ele pode utilizar até alguns mecanismos, né, outros meios pra se, se “apropriar” desse conhecimento. Mas, a principio, a motivação parte deles mesmos, de buscar esse conhecimento: tanto do aluno quanto do professor.

Eu: Você se sente um estudante autônomo?

Ismael: sim

Eu: Por que?

ISMAEL: porque eu..tenho motivação própria. Eu busco, por mim mesmo, se “apropriar” do conhecimento. Né, é verdade que os professores motiva a gente. Mas, de mim mesmo, eu tenho essa, essa, essa, essa motivação de buscar esse, esse conhecimento a todo instante.

Eu: Você se sente motivado para estudar Inglês?

ISMAEL: sim

Eu:por que?

ISMAEL: porque eu sou apaixonado pela matéria, gosto muito de Inglês, desde pequeno eu tenho buscado..é... ma, materiais em Inglês, ouço muita música em Inglês. E, assim, aqui na faculdade de Teologia, pelo que nós estamos percebendo, ah, os melhores materiais para o nosso curso se encontram na língua inglesa. Então, isso seria uma motivação a mais para poder continuar estudando Inglês.

Eu: o que você entende por estratégias de ensino/aprendizagem?

ISMAEL: são mecanismos que o professor utiliza para poder ah... transmitir o conteúdo pra o aluno.

Eu: E isso ocorre no curso de...in... Inglês Instrumental?

ISMAEL: é... no momento não, não não tenho essa informação porque o professor está começando a dar o curso, a matéria. Então, ele ta dando, principalmente, a parte introdutória. Então, eu não tenho o conhecimento pra saber de fato se ele vai aplicar esse princípio na su, na sua disciplina.

Eu: você acha que os estudantes também devem construir as suas próprias estratégias?

ISMAEL: com certeza. Levando em consideração que é uma matéria importantíssima para o curso e se ele tem essa motivação própria pra, pra estudar, então ele tem que buscar o seu próprio mecanismo, né: ouvindo músicas, assim como eu falei, ouvindo, a, a... alguns arq, arquivos. Eu, por exemplo, coloquei no quadro, no, no quarto alguns pronomes, é...alguma, algumas cla..., é, digamos que... partes gramaticais pra poder memorizar, pra poder facilitar mais o meu aprendizado. Então, eu tenho que buscar, por mim mesmo, alguns mecanismos pra poder me apropriar do conhecimento. (estratégias IMPORTANTE)

SÉTIMO ALUNO

Seu nome?

Aluno: Galdino de Souza

Galdino, curso e semestre.

ah...Teologia, segundo semestre.

Eu: o que você entende, Galdino, por autonomia do estudante?

Galdino: a palavra autonomia, na verdade, ela talvez se enquadre aí em diversos contextos. Ele pode ser autônomo por se sustentar, por ele mesmo providenciar os devidos recursos pra financiar o curso, ele pode ser autônomo aí, nesse lado estudantil, por de repente, estar auto motivado a adquirir esse conhecimento que estamos, que a, o colégio, a instituição tá oferecendo. Então, depende do âmbito no qual a palavra é enquadrada. Eu sou, eu mis... é, é entendo dessa forma. O estudante autônomo é aquele que, no lado financeiro, batalha pra que possa financiar o...os seus estudos. e na, na questão acadêmica, ele tem auto motivação pra ir em busca o conhecimento que, fora daqui, ele não poderia ter.

Eu: tente definir uma sala de aula autônoma.

Galdino: uma sala de aula autônoma, uma sala composta por alunos dispostos e motivados a avançarem em níveis de conhecimento. Coisa que eles não poderiam alcançar se, de repente,

não tivessem essa auto motivação. Então, quando a pessoa está disposta, a pessoa entende a necessidade que temos em adquirir conhecimento elas, é... começa a ter esse interesse de aprender mais e mais. E, dessa forma, ela tá aí, declarando que é uma pessoa auto motivada, é uma pessoa autônoma em relação ao conhecimento.

Eu: você se sente um estudante autônomo?

Galdino: sim, com certeza.

Eu: por que?

Galdino: ah... eu me sinto autônomo nos dois critérios aí que antes eu já havia mencionado. Autônomo porque trabalho pra financiar os meus estudos e autônomo porque tenho essa sede aí de conhecimento e me sinto motivado, a cada dia, pra adquirir mais e mais. Não por uma, uma espécie de status ou pra que venha eu estar é...me superiorizando em relação aos outros. Mas, porque sinto a necessidade de adquirir esse conhecimento pra que possa esta, não retrocedendo, porém avançando aí, porque, afinal de contas, o mundo tem avançado a cada dia e nós precisamos avançar juntamente com ele.

Eu: o que você entende por motivação?

Galdino: motivação né, alegria, essa disposição como eu já havia citado. As pessoas precisam ser motivadas. Hoje eu vejo que existem muitas pessoas com o QI avançadíssimo, pessoas assim, de fato, muito inteligentes. Porém, não são motivadas, não têm alegria nem disposição em utilizar ou aprimorar a inteligência que possuem. E, no entanto, existem pessoas que, talvez, não tenham um QI muito avançado, porém são assim super motivadas e elas avançam e alcançam as suas metas porque têm disposição e têm força de vontade.

Eu: e você se sente motivado para estudar Inglês? Por que?

Galdino: primeiro, por ser uma necessidade hoje. Inglês não é mais uma questão de você tá um passo à frente. Não. Inglês é uma necessidade básica. Já não é algo mais sobrenatural ou algo extraordinário como era...ah...como as pessoas pensavam...pois é...como as pessoas pensavam antigamente. Hoje é uma necessidade básica nossa. Entendemos que as relações hoje elas dependem muito disso. O...o nosso estudo depende muito disso. Pra que nós possamos adquirir informações diversas precisamos ter o conhecimento do Inglês. E essa necessidade, pra mim, ela se converte em motivação porque eu entendo que necessito. Mas se eu apenas entender que necessito, talvez, eu me sinta meio obrigado a aprender. E é aí que entra agora o papel de me alegrar e começar a perceber que eu preciso aprender Inglês, ler, falar e tudo mais. (EXTRÍNSECA)

Eu: o que você entende por estratégias de ensino/aprendizagem?

Galdino: ah...os métodos utilizados pelo professor pra que o aluno possa absorver o conteúdo transmitido. E, dessa forma, ele possa sair da sala satisfeito e... “el”, ele possa ter alcançado o que... a meta que ele veio pra cá pra poder alcançar.

OITAVO ALUNO

Seu nome? Edmilson.

Eu: Edmilson? Nome completo?

Aluno: Campos da Costa

Eu: Edmilson, curso e semestre?

Edmilson: segundo período de Teologia.

Eu: Edmilson, o que você entende por autonomia do estudante?

Edmilson: eu entendo a seguinte questão. Autonomia do estudante? É...eu me sinto um, um estudante autônomo. Até porque...é...como autônomo, ... quem custeia os meus estudos só pra, era eu mesmo, através do meu, do meu trabalho. E, sou motivado também a, a estudar.

Eu: tente definir uma sala de aula autônoma.

Edmilson: uma sala de aula autônoma? É aquela sala de aula em que as pessoas estão ali em busca de um conhecimento. Estão ali buscando algo que, se não fossem a sala de aula, não adquiriam, aquele conhecimento que estão buscando.

Eu: o que você entende por motivação?

Edmilson: motivação é algo que hoje tá sendo muito divulgado pela mídia. Motivação: auto-ajuda. Só que nem todos têm, têm essa motivação. Eu hoje me sinto motivado a fazer um curso de Teologia. Mas poucas pessoas, uh, uh, sente-se motivada. Não têm essa motivação. Ou têm, ou sente essa motivação, mas não praticam ela, não vão em busca da motivação.

Eu: e especificamente para Inglês, você se sente motivado?

Edmilson: sinto-me motivado.

Eu: por que?

Edmilson: até porque hoje o mercado me exige isso. Ele exige que você tenha um curso de Inglês. Hoje, se você ...vai..é... ao encontro de um emprego, eles perguntam: “tem o curso de Inglês?” pó, porque existe ainda aquela necessidade ali. Então, além, de’u, de’u querer Inglês, o mercado me força a, a eu querer estudar ele. Mas existe uma motivação que leva eu a querer aprender ele.

Eu: O que você entende por estratégias de ensino/aprendizagem?

Edmilson: estratégias de ensino/aprendizagem. É um método que o professor usa pra poder alcançar o aluno. Ele usa aquele “met”, aquele “méto”...

Eu: só o professor?

Edmilson: e o aluno em si. Ou seja, há, há uma ligação entre eles. O professor alcançando o aluno e o aluno, por, por conseqüência, é ... adquirindo aquela informação que ele tá querendo transmitir.

NONO ESTUDANTE

Seu nome?

Estudante: Reikson.

Nome completo: Reikson farias Gomes.

Eu: Reikson Farias Gomes. É ... curso e semestre.

Reikson: estou cursando o segundo período de Teologia.

Eu: Reikson, o que você entende por autonomia do estudante?

Reikson: Autonomia do estudante? É...tem como explicar mais?

Eu: É... autonomia. O que você, o que você entende por uma pessoa que age, um estudante que age com autonomia, seja nos seus estudos, na sala de aula, seja fora da sala de aula, né. Pra você, o que representa isso?

Reikson: (leves risos) complicou agora.

Eu: complicou? Você, ce saberia definir uma sala de aula autônoma?

Reikson: Não, não.

Eu: Bom, então “vamo” fazer o seguinte. Vamos inverter a ordem das perguntas. Você, o que você entende por motivação?

Reikson: acho que a motivação é muito importante pra, pra o aluno na sala de aula, que é incentivá-lo a estudar, seja qual for a disciplina. É.... mostrar a, a importância dessa disciplina. Acho que sem motivação não tem como alguém conquistar na vida. É muito importante a motivação. Colocar o aluno pra frente. Incentivá-lo a buscar cada vez mais.

Eu: Você se sente motivado para estudar Inglês?

Reikson: Tive alguns professores que não, não me motivaram. Não me “incenti” ..., não, não, não me incentivaram. Mas o professor que eu estou tendo aqui no seminário ele demonstra isso. Até pelo gosto, a gente nota que ele ama a língua inglesa. E isso, de certa forma, nos, nos incentiva a amá-la também...(eu: contagia, né) é, contagia. E também ele mostra muito a necessidade de aprendermos Inglês no mundo globalizado de hoje. Então é uma das maneiras de incentivar, de motivar a aprender a língua inglesa. (EXTRÍNSECA)

Eu: o que você entende por estratégias de ensino/aprendizagem?

Reikson: ah, com certeza, a, as estratégias são muito importante. A maneira como o professor, a maneira que o professor tem pra levar ao aluno. Tudo tem que ter uma estratégia. E com certeza, acho que no aprendizado da língua inglesa também é necessário.

Eu: agora, muito bem. Autonomia pra você tem a ver com independência, com isolamento? Né, o que é pra você ser uma pessoa autônoma? Né, que vem. O que, o que quer dizer autonomia?

Quer dizer o que? É...independência né, em termos de significado. Pra você representa isso mesmo? Eu tô colocando a...significação literal do termo autonomia né: independência, tal. Então, ma pra você representa isso mesmo? O que é, o que é independência pra você? Um estudante independente?

Reikson: ah..é... um estudante é... independente é um estudante que muitas vezes busca o aprendizado até mesmo sem a ajuda de um professor. Tem muitos estudantes que fazem isso. Buscam, por exemplo aprender o Inglês e muitas outras disciplinas sem ajuda de um professor. Eu entenderia independência por isso.

Eu: e você se sente um estudante autônomo, independente?

Reikson: Não, não.

Eu: por que?

Reikson: é... é fundamental a gente ter a orientação de um professor, de alguém que tem uma, que tem experiência na área para aprendermos qualquer coisa, inclusive a língua inglesa. Se eu for procurar aprender por mim mesmo, com certeza, eu vou conseguir. Mas vai demorar bem mais do que eu tendo alguém pra me instruir.

DÉCIMO ESTUDANTE

Eu: Seu nome: é Harley

Eu: Nome completo

Estudante: Harley Souza Costa Burigatto

Eu: Harley, o, é...curso e semestre

Harley: eu tô fazendo o segundo semestre do curso de Teologia, primeiro ano.

Eu: o que você entende, Harley, por autonomia do estudante?

Harley: ao meu ver, autonomia do estudante seria é...ele ir atrás de coisas novas. Ter o... iniciativa própria para aprender, para tentar entender alguma coisa além do que ele já aprende na sala de aula.

Eu: muito bem! É...tente definir uma sala de aula autônoma.

Harley: uma sala de aula autônoma? Talvez seja algo que o professor dê o ponta-pé inicial do, da questão, do assunto. E você procure, talvez, aprender coisas além do, do currículo ali da aula.

Eu: o que você entende por motivação?

Harley: motivação? Motivação é algo que ser humano deve ter quando ele sente a necessidade de aprender algo novo ou então conquistar alguma coisa. É...se ele não estar motivado ele não consegue é... percorrer esse caminho do aprendizado. No, no que a gente ta dizendo sobre aulas, né. Então, talvez a motivação do estudante seja ele buscar algo a mais do que ele já aprende.

Eu: você se sente um estudante autônomo?

Harley: Algumas vezes. Eu gosto de ler bastante. Sou auto-didata em algumas coisas. Então, eu creio que, por isso né, além do que eu já aprendo com o professor, sala de aula, escola. Eu procuro aprender mais coisas e ler mais. Então, talvez, eu me considere autônomo, nesse sentido.

Eu: éh... você se sente motivado para estudar Inglês?

Harley: sim.

Eu: por que?

Harley: porque talvez hoje seja um diferencial na, na questão do trabalho, do emprego, é... de tudo o que você quiser fazer. Inglês é uma, uma língua que você é... aprende, nem que for o básico, mas você deve aprender pra saber ler coisas, é... entender outras coisas, conseguir ler livros. É... quem sabe até viajar prum outro lugar você precisa ter o mínimo de Inglês pra sobreviver, por ser uma língua que é mundialmente falada, uma língua padronizada é... no mundo. Então, ao meu ver, eu tenho que me sentir motivado e buscar Inglês porque eu preciso dela né, no ambiente de trabalho profissional pra poder sobreviver.

Eu: E o que você entende por estratégias de ensino/aprendizagem?

Harley: Estratégias de ensino talvez sejam um, um método, um plano, um planejamento é... como se fazer pra chegar no objetivo. No caso do ensino, talvez seja é... as maneiras como

aplicar aquilo que vai ser ensinado pro, pro o aluno. Então, estratégia, pra mim, seria o plano de ação seria pra determinado objetivo. (BOA)

Eu: e isso ocorre no caso específico de Inglês Instrumental?

Harley: Talvez sim. Porque hoje é... nós precisamos muito ler. Né, e o Inglês Instrumental, pelo que eu to entendendo, o que o próprio professor disse, é uma questão assim: de nós aprendermos o mínimo pra você poder abrir um livro e entender o básico daquilo ali. Então Inglês Instrumental, pra mim, está sendo isso: aprender o mínimo necessário pra tentar ler. Agora, alguma palavra diferente, alguma coisa mais estranha, mais, mais complexa, você vai à ajuda de um dicionário, ajuda de alguém que saiba fluentemente o Inglês. Mas eu tô achando interessante o Inglês Instrumental Um por esse motivo. Eu posso abrir um livro em Inglês, donde eu posso ver sobre um tema e consigo, pelo menos, entender a idéia do, do que está tentando dizer.

DÉCIMO PRIMEIRO ESTUDANTE

Seu nome?

Estudante: Pedro, Pedro Pinheiro Ferreira

Eu: Curso e período:

Pedro: Faço primeiro ano de Teologia, segundo período.

Eu: Pedro, o que você entende por autonomia do estudante?

Pedro: bom, é... particularmente, eu entendo por autonomia do estudante é...um, uma vez que o estudante tem a, a liberdade ou ele mesmo tem o, a liberdade de poder ir e procurar, como alguns meus colegas já falaram, procurar estudar, pela sua própria vontade e pesquisar e ir atrás daquilo que ele ta necessitando para o momento, para sua formação, para o seu curso, para o trabalho, enfim, o que ele ta fazendo.

Eu: muito bem! Tente definir uma sala de aula autônoma.

Pedro: bom, uma sala de aula autônoma eu acredito que seja um ambiente aonde o aluno possa ter o direito de se expressar, né, o direito de dar a sua opinião e, juntamente com os seus colegas e com a professora, chegarem a um denominador comum.

Eu: muito bem! Você se sente um estudante autônomo?

Pedro: sim, eu acredito que sim.

Eu: por que?

Pedro: eu me sinto um estudante autônomo porque no momento em que eu sinto a vontade de, de, de colocar a minha opinião, de dar minha opinião, dar sugestão, sugestões e, quem sabe, fazer argumentações ou questionamento, é...eu não vejo impedimento, da parte de, tanto do professor, quanto como de, dos colegas. Então, eu me sinto uma pessoa autônoma, nesse sentido, porque, da maneira que eu compreendo autonomia dentro de sala de aula, eu acredito que eu me sinto uma pessoa autônoma.

Eu: O que você entende por motivação?

Pedro: bom, motivação, nós sabemos que, é o motivo que leva a ação, né. Então, a motivação, você só tem ela a partir do momento que você tem um motivo... né, pra ter essa motivação. Então se você tem um motivo que, que vai levar você a ter essa motivação, então, com certeza, você se sente motivado a fazer é... determinada coisa. Por exemplo: se você, você, é... o motivo que eu to fazendo aqui o curso de Teologia ou então o curso de Inglês Instrumental, é... aprimorar o meu conhecimento, então eu vou me sentir motivado a ir em busca de maiores conhecimentos, de, em busca de mais materiais e aprimorar mais ainda o meu conhecimento. Então eu acredito que, o que me faz eu me tornar uma pessoa motivado, é o motivo que, né, que eu tenho, pra quê.

Eu: o objetivo que você quer alcançar, né.

Pedro: é... o objetivo, o objetivo que eu quero alcançar.

Eu: e você se sente motivado para estudar Inglês?

Pedro: sinto sim, com certeza.

Eu: por que?

Pedro: bom, porque...é...primeiro: nós sabemos que, hoje, grande parte dos materiais de...é...com alto índice assim de, de conhecimento. Não sei se pode ser a palavra certa, é...se encontra em língua, em, em Inglês. Então, se você pó, se você precisa, se você quer fazer um bom artigo, ou um artigo assim que se, de alto é..., padrão assim de...você só vai encontrar nos livros de Inglês. Então eu acredito que o Português instrumental, oh, o Inglês Instrumental é um, muito fundamental nessa área pra mim poder fazer melhor os meus trabalhos e, quem sabe, né, aí, poder sair, por exemplo, assim: sabemos que a língua, o Inglês é uma língua universal. Né, que, você precisa diariamente dela. Agora no mundo, nesse período, nesse mundo que a gente tá indo, principalmente no mercado de trabalho, seja pra qualquer área: pastor, seja pra qualquer área da sua vida, no mercado de trabalho, se você não tiver o Inglês é muito difícil você até ser chamado, aceitado, enfim.

Eu: o que você entende por estratégias de ensino/aprendizagem?

Pedro: estratégias de ensino/aprendizagem. Eu acredito que estratégias de ensino/aprendizagem é algo que já, é o momento onde o professor cria métodos, né... que facilite ainda mais a compreensão de determinado assunto, né...eu acredito que estratégias de aprendizagem...

Eu: mas só o professor cria?

Pedro: não. O aluno também, com certeza, o estudante cria esse método. Eu acho que, uma das estratégias de aprendizado que eu acho que funciona, é quando ele coloca, é, é quando ele monta um cronograma, um roteiro de estudo né... priorizando aquilo que será benéfico pra ele, né. Pegando aquela, aquela, aquele material que será realmente benéfico pra ele. Não pegar assim o material de origem secular assim que não vem trazer tanto né...proveito, no momento, para ele. Então, eu acho que isso deve ser, acho que esse é uma das estratégias também que o aluno também é... pode fazer como estraté... estratégia de aprendizado.

DÉCIMO SEGUNDO ESTUDANTE

Eu: nome?

Estudante: Valbert Leonel Leal

Eu: curso?

Valbert: Teologia, né.

Eu: semestre?

Valbert: segundo semestre

Eu: Valbert, o que você entende por autonomia do estudante?]

Valbert: É tudo que ele pode fazer é... sem o auxílio de supervisão.

Eu: Explique melhor, por favor.

Valbert: É quando a pessoa é capaz, de, que o, o auxílio, ser o seu próprio guia. Ele, então ele é autônomo. Ele não precisa de, da presença de outra pessoa, fisicamente, ao lado dele, pra ensiná-lo, por exemplo.

Eu: Tente definir uma sala de, uma sala de aula autônoma.

Valbert: Uma sala de aula autônoma, é onde, onde você, onde você tem todos os recursos disponíveis e as instruções, de passo a passo, que você precisa pra prosseguir no seu estudo. Já que você precisa desenvolver um raciocínio, um, um passo a passo. Então, onde você tem tudo disponível, a seu tempo. Seria isso.

Eu: Você se sente um estudante autônomo?

Valbert: Com certeza. Eu, eu procuro ser. Eu, eu me sinto um autônomo, com certeza.

Eu: O que que você faz que te dá essa impressão de autonomia?

Valbert: Eu busco sempre aprender, é... lendo, pesquisando, através de bibliografias, a, a, de todo material que eu tenho, ou que eu tenho acesso. E, todo esse tempo que eu gasto, procurando, pesquisando, eu sempre aprendo muita coisa. Às vezes a gente encontra alguma dificuldade, né. Porque, nem sempre, o material é preparado, próprio pra isso. Mas, mesmo assim, com essas dificuldades eu consigo me considerar, eu com, me considero um, um estudante autônomo. Eu, todos as, todos os assuntos que, pelo menos, foram do meu interesse, até hoje, eu eu sempre busquei todas as formas de aprender.

Eu: O que você entende por motivação?

Valbert: Motivação é quando você tem é... um objetivo. Quando você tem um objetivo a cumprir, é, é, a conquistar. Você se sente motivado pra isso. É ... se você não tem objetivo, você não tem motivação. Então, você não vai a lugar nenhum. A motivação depende da onde você quer chegar. Basicamente é isso.

Eu: você se sente motivado para estudar Inglês?

Válber: Eu me sinto obrigado (risos) a, a, a estudar Inglês. Motivado, ainda não.

Eu: Por que?

Valbert: Porque tem muita literatura em Inglês que a gente tem que ler, né. Algumas matérias que eu aprendi de informática, por exemplo, tinha o Inglês pra ser definido. É uma linguagem de programação também. E hoje eu tô ne, nessa de estudar os livros e a maioria do conteúdo que a gente... vê as instruções vem tudo em Inglês. Então, a gente, é meio que obrigado a aprender esse Inglês aí. Agora, quando... eu sei que eu vou chegar mais rápido, no meu objetivo, através do Inglês aí, aí eu me sinto mo, motivado a estudar Inglês. Mas hoje eu não me sinto motivado a ainda pra estudar Inglês não.

ENTREVISTA SOBRE MULHER NÃO PODER SER “PASTOR” DA IGREJA ADVENTISTA – IAENE

Eu: é...estamos aqui com o professor Eliab. Ele vai nos falar sobre o papel da mulher formada em Teologia...é..depois de formada o que que ela faz. Professor (pausa longa) depois, a, a mulher não pode ser pastora dentro da igreja adventista. Então, depois de formada em Teologia qual é o, o que que ela faz?

ELIAB (IAENE): bom, para contemplar a...formanda em Teologia, assim, para que não a deixe sem uma ocupação dentro da igreja, uma vez que ela optou em fazer um curso é, é...da igreja. A igreja a aproveita na área de educação. Especialmente ela vai ser professora de bíblia ou professora de educação religiosa em nossos colégios... é... ensinando no ensino fundamental, ensino médio. E também é...em cursos superiores como capelã de faculdades onde temos um trabalho é... evangelístico com jovens...

Eu: nas forças armadas também, né?

ELIAB (IAENE): bom, ela pode exercer diversas é... funções dentro de uma área social. Pode ser também esta área. Agora, como auxiliar do esposo, sendo o esposo pastor, ela atua diretamente no ministério dele, não é, é... em linha de frente como pastor e nem tampouco assalariada.

Eu: por que?

ELIAB (IAENE): porque a igreja, ela ainda não reconhece a formada em Teologia como um, uma igual é ... o pastor é reconhecido como pastor. Haja vista a igreja mundial não ter ainda, a, a, assim, aceito o, o papel da mulher como pastor, né, como pastor, no caso.

EU: ou seja, na visão da igreja, a mulher não é igual ao homem ou não é igual ao pastor.

ELIAB (IAENE): não, por se tratar de uma igreja mundial e termos que ter normas que vai reger é ... o ministério pastoral no mundo todo. Em, em alguns países do, do oriente médio, aonde, a, pela cultura local a mulher não tem o valor como nós no oriente, é, é... no ocidente temos, damos. Então, para que não haja di, discrepância na administração

mundial da igreja, eles, como não reconhecem, pela cultura local, a gente prefere também não reconhecer. Não seria o caso do Brasil ou outros países sul-americanos, e até norte-americanos. Já poderíamos ter aceito isto. Mas como se trata de uma igreja mundial, temos que ter um tratamento igual para todos. Então como parte do mundo, o, o, o, o ... oriente não aceita, então nós também ainda va, seguimos esta é, é, orientação é ... para que não haja discre, discrepância em termos de igreja mundial

ENTREVISTAS COM ALUNOS DO IAENE – segunda parte.

Eu: bem, estamos aqui.... seu nome?

Estudante: Galdino de Souza

Eu: Galdino, Galdino, nosso, nosso estudante aqui do IAENE... e, Galdino, das estratégias de ensino aprendizagem que você utiliza: planejamento dos estudos, realizar as tarefas, tirar as suas dúvidas, participar das atividades em grupo, pesquisar na internet e em outras fontes, quais são as que são mais eficientes pra você? realmente apresentam resultado?

GALDINO: Os, quanto aos métodos por estudo à base de livros e anotações é feita nas aulas, esses métodos de estudo são métodos bons. Porém a tecnologia hoje nos oferece a internet, que é um recurso incomparável. E hoje as pesquisas na internet e todos os, todas as outras abordagens que envolvem essa questão da pesquisa eletrônica são mais eficientes, pelo menos na minha opinião.

Eu: Ok. E com relação ao seu professor. É, no caso das estratégias, professor de Inglês. Demonstra ter preparado aula, explica o assunto com clareza, resolve todas as suas dúvidas, planeja as aulas, respeita a opinião dos alunos. Isso, de alguma forma, essas estratégias, todas, em parte, ou outras que não estejam citadas aqui, surtem efeito para o seu aprendizado?

GALDINO: Isso é muito particular. pra mim, sim. Professor, de fato, tem esclarecido bem os assuntos e, quem está assistindo a aula, pelo, nota que ele tem preparado com cuidado o que ele tá expondo em sala. E, geralmente, o aluno que não consegue assimilar bem o conteúdo que tá sendo exposto é porque, de fato, tem uma dificuldade de atenção ou não está estudando, dando uma continuidade. Ou seja, fora do contexto da sala de aula.

REIKSON

Eu: “Vamo” agora falar com Reikson, Hein, Reikson, e a sua, a “su”, essas estratégias, né: planejar dos estudos, realizar as tarefas, tirar as suas dúvidas, participar das atividades, pesquisar na internet, quais dessas estratégias, ou todas elas são eficientes pra você?

REIKSON: Na minha opinião, planejamento ele é muito importante. Agora de todos os, a s estratégias que você citou, creio que seja o estudo em grupo. Porque o estudo em grupo ele é maravilhoso para o aprendizado, porque no grupo você vai ver pessoas que têm várias é... idéias de memorização, de como aprender. Pessoas que explicam o assunto de uma maneira, explicação de uma maneira diferente. Então, acho fundamental o estudo em grupo. Muito fácil para o aprendizado.

Eu: e com relação às aulas, as, as aulas de Inglês, as estratégias que o professor utiliza são suficientes para o seu aprendizado?

REIKSON: Com certeza. Nós vemos que as aulas são muito bem preparadas, os materiais bem preparados, com antecedência. Eu acho que isso é muito importante preparar o material com antecedência. E... o conteúdo atende à expectativa do curso, que fazer com nós saíamos daqui, no mínimo, sabendo ler Inglês.

FRANCISCO FERRAZ

Eu: Vamos agora..(risos)...eu chamei...de Galdino, é. Sim, é...as estratégias: planejamento, realizara tarefas, suas dúvidas, participar das atividades, pesquisar na internet. Essas estratégias atendem à sua expectativas, ao seu, à sua necessidade e aprendizado?

FERRAZ: à minha necessidade sim. É... vivemos num mundo globalizado, um mundo corrido e as aulas têm atendido uma parte. E a outra parte a gente tem que tentar assimilar só. A internet, hoje, pra mim, é uma ferramenta indispensável, porque, pela falta de tempo e você tendo um notebook, um acesso, um cabo de internet, você tá conectado. Você tá, muitas vezes, trabalhando, estudando assimilando e aprendendo. Acho que hoje o método de ensino tá sendo muito bom.

EU: E as estratégias usadas pelo seu professor, dessas que eu citei aqui: demonstrar preparar aula, explicar o assunto, resolver todas as dúvidas, planeja as aulas, respeitar as opiniões dos alunos, ou outras estratégias são suficientes para o seu aprendizado?

FERRAZ: Particularmente, pra mim, sim. É... o Inglês, pra mim, não é, não é muito fácil. E, se não fosse o método utilizado pelo meu professor, talvez eu não sairia daqui com o nível de Inglês que eu tenho hoje. Às vezes, até me, me surpreende quando eu to vendo alguma televisão, alguma coisa que eu vejo Inglês, ouço Inglês. E, antigamente eu não conseguia, e hoje eu consigo até discernir. E eu acredito que foi o método usado pelo meu professor que conseguiu fazer o Inglês chegar até mim.

ERIVALDO DOS SANTOS

Eu: Nome?

Estudante: Erivaldo dos Santos.

Eu: Erivaldo, é... as estratégias.. de ensino / aprendizagem, quais são as que mais é... surtem efeito pra o, o seu crescimento?

ERIVALDO: eu creio que todas elas, elas têm o seu lugar, né. São ferramentas importantes. E creio que uma veio pra complementar a outra, né. A internet ela tem o seu papel, um papel importantíssimo: ah... contribuir com o aprendizado do aluno; bem como também, o conteúdo apresentado em sala de aula pelo professor. Ferramentas como livro: todas elas são importantes. Têm o seu papel, são importantes e indispensáveis.

EU: e com relação a, às estratégias que o seu professor utiliza, elas são importantes para o seu aprendizado? por que?

ERIVALDO: Elas são suficientes, é... no contexto da sala de aula. Mas o aluno ele deve ir além, né, do, do daquele momento da sala de aula ali, ouvir o professor, o que ele apresenta, o conteúdo que ele apresenta, a estratégia utilizada por ele. O aluno ele deve ir além disso aí. Ele deve se esforçar um pouco mais, é... extra sala de aula, deve ir na biblioteca, em busca de outras ferramentas, pra que possa ter êxito no, no seu estudo.

PEDRO

Eu: Seu nome?

Estudante: Pedro, Pedro.

EU: Pedro, essas estratégias de ensino/ aprendizagem, né: planejamento dos estudos, realizar as tarefas, tirar as suas dúvidas, participar das atividades em grupo, pesquisar na internet, são, você utiliza essas estratégias e se utiliza, elas são importantes pra você? É... servem pra você?

PEDRO: Com certeza. Essas estratégias elas são muito importantes, ajudam muito no crescimento, né, acadêmico, no aprendizado. Principalmente, o estudo em grupo, porque um fica, ajuda o outro, né... aquilo que... às vezes um sabe mais do que o outro, assim, tem mais facilidade, então isso ajuda, facilita, a gente estuda tudo junto. Internet também é um bom, né, é um ótimo meio, assim, de, de aprendizagem, estratégias de aprendizagem também. Então, com certeza, é muito benéfico.

EU: E as estratégias utilizadas pelo seu professor são suficientes pra te ajudar na sua aprendizagem?

PEDRO: Com certeza. Porque, veja bem, eu cheguei aqui não sabia “tan”, nada de Inglês. Hoje, se eu sei alguma coisa, é graças, também á estratégia do professor, né. E...

EU: No caso, ele demonstrar preparar aula, explica o assunto com clareza, resolve todas as dúvidas, planeja as aulas, respeita a opinião dos alunos, cria um, um clima de amizade entre todos?

PEDRO: Tranquilo. Ele faz o possível pra que a gente possa reter e compreender o assunto passado na sala de aula, né. Ele faz é... se esforça o máximo, né, passar o conteúdo e tirar as dúvidas e fazer com que o aprendizado fique bem, né, do jeito que nós precisamos.

TRANSCRIÇÃO LITERAL DA ENTREVISTA REALIZADA COM ALUNOS DA UNEB.

PRIMEIRA ESTUDANTE

Eu: é...seu nome?

Estudante: Bárbara Kely Pereira

Eu: você faz que semestre?

Bábara: terceiro semestre

Eu: Letras, não é isso?

Bárbara: Letras com Inglês

Eu: Bárbara, o que você entende por motivação?

Bárbara: pra mim, motivação é você tá sempre buscando é...buscando novidades, buscando atividades, principalmente voltado pra área que a gente tá, né que é o Inglês. Sempre também buscando também novas, novas, novas ... novos conteúdos, uma forma nova pra você aprender a... essa língua que, pra gente, hoje é um pouco complicado, por conta de algumas dificuldades que nós encontramos. Mas é você tentar sempre, tá buscando o novo e buscando o melhor.

Eu: ok, é...você se sente motivada para estudar Inglês? Por que?

Bárbara: bom, isso é um, uma “flação” muito grande, né, às vezes a gente tá bem motivado, às vezes não. Por conta dessas dificuldades que nós encontramos na faculdade. Por exemplo: o curso de Inglês, hoje, nós temos sete componentes por semestre e no entanto, nós fazemos entre cinco e quatro componentes por semestre. Então isso causa uma desmotivação é... muito grande. Por que a gente quer aprender. E uma disciplina depende da outra, pra gente tá é... entendendo melhor, é... o próprio Inglês. É...isso foi um caso que aconteceu semestre passado. Foi Fonologia e Fonética que não houve essa disciplina. E pra gente foi, teve uma dificuldade porque, na área de Lingüística, a gente precisou dessa matéria, no entanto, é... um trabalho que a gente fez não saiu de uma boa qualidade por conta de faltar esse, esse componente. Mas, a motivação, por outro lado, é você buscar aprender mesmo. A gente se sente quem gosta do curso mesmo vai até o final e busca, fora da, da faculdade, aprender o Inglês. (NÃO MOTIVAÇÃO)

Eu: o que você entende por autonomia?

Bárbara: bom, autonomia, para mim, é você tá buscando exatamente fora da faculdade, você aprender, você estudar, você procurar outros recursos. Então, isso é uma autonomia que você tem. É um direito seu de você procurar ou não, um outro, um outro método pra aprender, já que a gente encontra essas dificuldades. Né, você tá estudando em casa, independente de, dos fatores é... que ocorrem em nossas vidas. Mas, são um, uma, uma dificuldade que a gente encontra. Eu, de qualquer forma sou autônoma, por conta da, de você que trabalhar, ter que estudar, cuidar da sua vida pessoal e da sua vida acadêmica que complica um pouco.

Eu: pra você, “estrat”, estratégias de ensino são importantes? Por que?

Bárbara: Com certeza, estratégia de ensino é muito importante. Como eu havia dito ne uma questão anterior, é exatamente isso. Com o, o componente importante, certo, no caso Fonética e Fonologia, você tendo estratégia de “ensindo”, de ensino correndo é...fluentemente todos os componentes você vai ter uma, um bom resultado em outros componentes. Então, isso também é uma estratégia de ensino que o professor tem as, as interações entre os professores e que

facilitam a nossa vida de estudante. Então, é muito importante, principalmente também dentro da própria matéria, que a gente tem o laboratório de Inglês, ter estratégias de ensino, ter a, a ter o “traba”, o material bom pra pra se aprender, isso causa um bom impacto pra gente, tanto na nossa vida profissional, na área, como também, é... fora da vida profissional, o lado pessoal também, você acaba tendo uma motivação maior.

SEGUNDA ESTUDANTE

Seu nome, curso e semestre?

Estudante: nome completo?

Eu: sim

Cida: Cida da Silva Simões. Ah... Letras com habilidade em Inglês? Terceiro semestre.

Eu: Cida, o que você entende por motivação?

Cida: ah.....(pausa longa) é quando a pessoa tá incentivada a fa, fazer algo. Qualquer trabalho ou estudo. Como é que se diz!. Quando você quer mesmo, realmente, fazer, fazer o que, o que... trabalhar na sua área, estudar. Você Sente satisfeito em fazer.

Eu: você se sente motivada para estudar Inglês?

Cida: No início, não. Agora, estou, com, estou sim. Acho que recebi assim muito incentivo é... dos colegas e isso me motivou. Isso me, já que eu entrei, não, não foi, foi a área que eu queria fazer, mas eu me sinto mais motivada sim.

Eu: E o que você entende por autonomia?

Cida: ah, é a pessoa...ser dona de sua própria vida. É..tanto, é...tanto profissionalmente, como na vida pessoal. Ser uma pessoa independente de, de qualquer outra.

Eu: você se sente autônoma?

Cida: um pouco (risos)

Eu: Em que sentido, no seu aprendizado, você se sente autônoma?

Cida: ah,....(pausa longa) é quando eu, eu, é...quando eu mesmo preparo, faço as minhas pesquisas, faço os meus estudos, independente de outras pessoas.

Eu: E estratégias de ensino, elas são importante? Por que?

Cida: São. Porque é...cê tem que saber lidar com, com os seus alunos. Você tem que utilizar de meios é... pra poder levar com o aluno se interesse...a estar na sala de aula, a freqüentar a sua aula.

Eu: Isso só depende do professor?

Cida: Não. Depende é... de roda uma coordenação pedagógica também do, do colégio onde você está é.... lecionando.

TERCEIRA ESTUDANTE

Eu: nome completo, curso e semestre.

Estudante: Elaine da Cruz dos Santos, curso: Letras com Inglês, terceiro semestre.

Eu: Elaine, você se sente motivada para estudar Inglês?

Elaine: me sinto.

Eu: por que?

Elaine: ah, porque eu gosto muito e a minha mãe sempre viu assim Inglês como a que, que tinha que ter uma prioridade nas nossas vidas né. “Tem que aprender Inglês porque o mercado de trabalho exige isso”. (risos) posso usar gíria?

Eu: pode.

Elaine: (reproduzindo o que a mãe dizia): ah, tem que aprender Inglês porque o mercado de trabalho exige. E porque é bom. Aí eu tinha uma professora de Inglês que ela sempre me motivava. Ela dizia: “ah você é fácil pra aprender inglês e tal. Você não sente dificuldade. Então você se dá bem. Então eu comecei a estudar, estudar e comecei a gostar.

Eu: qual é o conceito que você tem de motivação?

Elaine: motivação? Precisa muito de pessoas que sejam motivadas, lógico né. Porque a motivação ela não vem por si só. Ce tem ser, tem que ter sempre alguém ao seu lado pra poder

te despertar interesses, pra poder lhe incentivar, pra poder criar idéias, é... criar sonhos. Então isso vai fazer você ser motivada por aquilo.

Eu: hum...mas no caso, por exemplo, pra gostar de estudar Inglês, é preciso que alguém te faça “acontecer”, faça com que isso aconteça em você ou isso já é uma coisa, uma identificação natural?

Elaine: possa ser que seja uma identificação natural agora. Mas antes eu precisei de alguém que me incentivasse. (EXTRINSECA)

Eu: o que você entende por autonomia?

Elaine: (pausa longa e conversa paralela). Hein Lílian, É, é a pessoa ser de, independente, ser autônoma, ir buscar, correr atrás dos seus ideais, é.

Eu: autonomia tem a ver com egoísmo?

Elaine: às vezes sim.

Eu: ou com individualismo?

Elaine: também.

Eu: você se sente autônoma?

Elaine: me sinto. Agora, a mim, a minha autonomia não a ver nem com egoísmo, nem com individualismo. (risos).

Eu: e, estratégias de ensino, elas são importantes? Por que?

Elaine: eu creio que são importantes. Porque, o educador quando ele vai ... ensinar ele tem que ter jogo de cintura. Ele tem que ter meios, ele tem que ter estratégias que prenda a atenção do aluno. Não seja só aquela, aquela pessoa que chegue na sala, é... faça o aluno abrir o livro ou escreva no quadro, escreva no caderno e bate o horário, termina o horário e ele saia da sala. Tem que ter toda aquela, tem que ter toda motivação, tem que ter todo aquele, aquela comunicação na sala de aula, tem que ser aulas diferente, tem que ser, usar meios e métodos sempre diferentes.

Eu: mas você acha que só depende do professor?

Elaine: não, depende do aluno também. Que às vezes o professor usa tantos meios e tantos métodos e não adianta nada.

QUARTA ESTUDANTE

Eu: Nome completo, curso e semestre.

Estudante: Lílian Marcelle dos Santos Nascimento. Faço Letras com Inglês e estou no terceiro semestre.

Eu: Lílian, o que você entende por autonomia?

Lílian: autonomia? Ah, autonomia é...é como ela falou nes'tante. Independência, você se sente mais independente, se sente mais independente pra fazer suas coisas, ter mais liberdade.

Eu: você se sente uma estudante autônoma?

Lílian: Sim, me sinto autônoma.

Eu: como assim?

Lílian: porque eu sinto que eu não dependo de ninguém pra estudar. A não ser dos professores, pra passar o conhecimento, tal. Mas, é... a partir do que eles passam na sala de aula, eu corro atrás, procuro ler, procuro fazer as atividades, estudar. Acho, e eu me sinto autônoma, nesse sentido.

Eu: qual é o seu conceito de motivação?

Lílian: motivação? Oh, meu pai! (risos leves). Ah...(pausa longa) Motivação?

Eu: motivação.

Lílian É ...

Eu: é...

Lílian: é ficar animada pra fazer algo que você gosta, que você acha que pode ser importante, ah,é.

Eu: e você se sente motivada para estudar inglês?

Lílian: sim, muito. Porque eu gosto. É...antes, eu tive, a, pra começar a estudar o Inglês eu...até que nem precisei de ninguém assim pra ficar me motivando. Eu comecei mais porque eu gosto de escutar muita música em Inglês, é... gosto muito de assistir filmes tal, então, gosto de jogar.

E..., pra isso, eu precisava um pouco de saber a língua inglesa pra curtir mais isso, essas, essas coisas que eu gosto de fazer. Então comecei mais sozinha. Mas eu sempre tive um pouquinho de motivação também de minha mãe, que fala que é importante, tal, ter mais de uma língua.

Eu: e as estratégias de ensino, ensino/aprendizagem, elas são importantes? Por que?

Lílian: olha, eu nunca ensinei. Eu sou apenas estudante, nunca trabalhei também. Mas eu creio que seja importante pra prender a atenção do aluno, pra não deixar a aula monótona, é....

Eu: só o professor tem essa tarefa ou o aluno também que, de alguma forma, se envolver, produzir, interagir com a própria aula, com os colegas e com o próprio professor?

Lílian: oh! O aluno tem sim que interagir. Mas eu acho que depende mais do professor pra ficar, pra exigir isso dele. Porque alunos, geralmente, chega na sala de aula. Vamos dizer assim: crianças, chega na sala de aula, meio que depende muito do professor pra passar o conteúdo, prender a atenção deles, tal. Então eu acho que depende mais do professor, e não do aluno.

QUINTA ESTUDANTE

Eu: seu nome?

Estudante: Cleidinéia.

Eu: como?

Estudante: Cleidinéia

Nome completo?

Cleidinéia: da Silva Oliveira

Eu: Cleidinéia, é, que semestre?

Cleidinéia: estou no terceiro semestre, começando.

Eu: começando. Cleidinéia, o que você entende por motivação?

Cleidinéia: Creio que motivação, na verdade, é... você fazer com que os, os seus alunos, né participem da aula. Você tem de utilizar, então, estratégias pra que eles participem, da melhor forma possível, né, buscando toda a, a integração da sala. Já que, no caso, se, se poucos alunos participam, então não ta havendo motivação. Então o professor tem que buscar é, meios, estratégias para que todos part, pelo menos uma boa parte da sala, participe dessas aulas.

Eu: Muito bem. Você se sente motivada para estudar Inglês?

Cleidinéia: Em alguns momentos sim, né. E, e, tem alguns professores que...que buscam essa, essa motivação, faz com que a gente participe, que a gente faça os trabalhos é...com dedicação. Mas existem outros que deixam a desejar. (EXTRÍNSECA)

Eu: O que você entende por autonomia?

Cleidinéia: é... autonomia para mim é você é... ter a liberdade de poder fazer os seus trabalhos..ah...(pausa longa)....

Eu: os trabalhos....

Cleidinéia: é... fazer os seus trabalhos por si só.

Eu: E você se sente uma estudante autônoma?

Cleidinéia: Sim. Eu pro, procuro fazer os meus trabalhos, é... fazer os meus trabalhos. É...da melhor forma possível. Não, não, não espero pelos meus colegas. Sempre estou buscando estudar, ou ajudar, né, é, “aj”, “aju” ... ou ajudá-los, da melhor forma possível. Então, sempre eu creio, eu creio, assim dessa forma, que eu sou uma aluna, uma estudante autônoma.

Eu: Para você, estratégias de ensino são importantes? Por que?

Cleidinéia: sim. Porque as estratégias elas vão fazer com que o aluno é... tenha motivação pra poder estudar. Sem essas estratégias não há motivação. A gente não, não vai encontrar nunca uma, o desejo, né, de estudar. Então o professor tem que mostrar, pra aluno, a importância né, de se aprender o Inglês, no nosso caso. Então tem que buscar formas, é, estratégias de, de diversas formas pra poder fazer com que esse aluno se sinta motivado a estudar.

SEXTA ESTUDANTE

Eu: seu nome?

Estudante: Aline

Eu: Nome completo

Estudante: Aline Evangelista de Souza

Eu: Aline, é...que semestre você faz?

Aline: faço terceiro semestre de Inglês.

Eu: o que você entende por motivação?

Aline: eu acho que motivação é uma vontade, um desejo que deve ser, ser trazido por alguém. Você precisa do apoio de alguém, uma motivação de alguém, pra que você possa continuar.

Eu: mas, se, essa motivação só depende das pessoas de você, das pessoas para você, ou também de você em relação às situações?

Aline: as duas coisas. (risos)

Eu: as duas coisas, ok! Você se sente motivada para estudar Inglês?

Aline: Me sinto, ultimamente sim. Na faculdade eu sinto uma motivação maior. Mas no, no caso, quando eu estudava, assim, ensino fundamental, ensino médio, não.

Eu: O que você entende por autonomia?

Aline: Autonomia, é... eu acho que é como a colega falou. (pausa e risos leves) É, assim, a pessoa estudar por si só. No caso dos estudos, né. Que é o que a gente tá falando.

Eu: E você se sente uma estudante autônoma?

Aline: Sim, no meu caso, sim. Principalmente na parte do Inglês.

Eu: O que você faz pra te dar essa sensação de autonomia?

Aline: o que eu faço, é... eu pesquiso só. Eu faço muito isso. Porque também, é...apesar de motivação na sala de aula, lá fora, também, a gente precisa ter autonomia. A gente precisa defender o que a gente faz.

Eu: E para você, estratégias de ensino são importantes? Por que?

Aline: Com certeza. Porque a gente precisa é, é das estratégias de ensino para motivar o aluno. A gente precisa defender aquilo que a gente tá, é...ensinando, entendeu? Então, por isso que é importante ter estratégias de ensino.

SÉTIMA ESTUDANTE

Seu nome: Poliana Santos Santana

Que curso e semestre: terceiro semestre

Eu: Poliana, para você, estratégias de ensino são importantes?

Poliana: Com certeza, são. Porque tudo que a gente faz na vida a gente precisa ter uma preparação. Então as estratégias de ensino vai ser uma preparação pra que a gente venha a conseguir ter, dar uma boa aula, obtendo um bom resultado.

Eu: E você se sente uma estudante motivada?

Poliana: Com certeza. Porque eu sempre procuro estudar, mesmo diante das dificuldades que a gente enfrenta na vida. Na, é...,na universidade, falta de professores, muitas vezes, falta de livros. Mas eu me sinto motivada a estar sempre estudando e buscando o melhor.

Eu: agora, tente definir o que é motivação.

Poliana: Motivação...é a vontade, o desejo que você re, realmente tem de fazer algo na sua vida.

Eu: e autonomia?

Poliana: Autonomia eu acredito que seja você ser senhor de si mesmo, assumir aquilo que você quer e, com certeza, assumindo também as conseqüências daquilo que você propõe.

Eu: Você se sente uma estudante autônoma?

Poliana: com certeza, viu (risos leves). Então, eu sei das minhas obrigações e meus direitos e procuro tá sempre tentando ter a minha própria autonomia, respeitando também a autonomia do outro.

OITAVA ESTUDANTE

Eu: Nome, curso e semestre.

Estudante: Meu nome é Márcia Ribeiro Monteiro, faço terceiro semestre de Letras com Inglês.

Eu: Legal. É me diga uma coisa, Márcia, você... se sente motivada pra estudar Inglês?

Márcia: Sim. Me sinto motivada. É...além da gente ter a motivação aqui na faculdade, não de todos os professores, de alguns. Mas assim, pelo desejo também, já desde de antes, de cursar Letras com Inglês.

Eu: Que bom! O que você entende, qual a definição você daria para motivação?

Márcia: motivação é... eu acho que seria um conjunto de desejos. Ou seja, é... além da gente ter a vontade de estudar, a gente encontre Al, alguém que, que seja disponível a ajudar. Nesse caso, eu poderia colocar a questão dos professores. A partir da hora que eles se disp, é disponibilizam a tá ajudando a gente, ao que a gente tem dúvida eles tá motivando, trazendo coisas que deixa a gente à vontade, a desenvolver o nosso trabalho, isso é uma motivação pra gente.

Eu: Que bom! E autonomia? Você se sente autônoma?

Márcia: Sim, eu me sinto autônoma. Porque, a partir da hora que é... a gente vai em busca e consegue defender, lá fora, o que a gente tá estudando, o que a gente tá fazendo e é compreendido, a gente tem autonomia, no que a gente tá fazendo.

Eu: Quanto a estratégias de ensino, elas são importantes no contexto do ensino/aprendizagem?

Márcia: Com certeza. Eu acho que, a partir da hora, que a gente é... traz, principalmente pra uma sala de aula, a gente traz uma estratégia, ou seja, a gente traz uma coisa que a gente sabe que vai motivar o aluno a, a seguir em frente, a não desanimar, essas suas estratégias se tornam, assim, um ponto forte, um ponto alto para que possa desenvolver outros projetos futuros e uma organização, pelo menos no projeto da gente, que é a língua estrangeira: o Inglês.

NONO ESTUDANTE

Eu: Nome completo, curso e semestre.

Estudante: Sergio de Carvalho Sampaio, Letras com Inglês, três.

Eu: É ...Sergio, o que você entende por motivação

Sergio: É o interesse que a pessoa tem para aprender alguma atividade.

Eu: Só isso?

Sergio: Acho que sim.

Eu: E você, você se sente motivado para estudar inglês?

Sergio: Sim. Porque é a língua que eu sou, eu gosto muito de estudar Inglês. Já sou, sou formado em Inglês, fiz curso de Inglês já. E agora, o que eu gosto de fazer é Inglês. É uma coisa que eu faço por prazer mesmo!

Eu: E o que você entende por autonomia?

Sergio: Autonomia você fazer algo por si só.

Eu: Só isso?

Sergio: Só isso. Breve e objetivo.

Eu: Você se sente um estudante autônomo?

Sergio: Às vezes sim, né. Porque muitos professores deixam a gente, assim, à toa. Você tem que ser autodidata, né. Aí se a gente não correr atrás do conhecimento, a gente fica prejudicado.

Eu: E estratégias de ensino, Sergio, elas são importantes? Por que?

Sergio: São muito importantes. Porque, se não, a aula fica chata. Aí não prende o aluno naquela aula ali, começa a bagunça. Eu vou até estagiar ano que vem, to até querendo aprender uma estratégia.

DÉCIMA ESTUDANTE

Eu: Nome completo, curso e semestre.

Estudante: Michele Messias Barbosa Santos. Eu faço Letras com inglês. Tô no terceiro semestre.

Eu: Michele, você acha que estratégias de ensino são importantes? Por que?

Michele: São importantes porque... é, é necessário o professor ele, ele saber utilizar algumas estratégias porque até mesmo pra (pausa longa) é..., como é que eu posso me referir, pra, pra, pra ele lidar com algumas situações que os, que os... próprios alunos é... passam situações em geral. A questão do, várias questões que aborda o, o aluno diferente, no caso.

Eu: mas me diga uma coisa, é...nesse.. é, é... você acha que essas estratégias só dependem do professor ou também do estudante?

Michele: eu creio que tem...depende mais do professor, mas claro que o estudante tem que, tem que haver uma colaboração do estudante. Agora, o professor como ele tem autonomia suficiente dentro da sala de aula, ele que tem que lançar a, a estratégia, dependendo da, da realidade de cada aluno, para se “conse”.... ter um bom objetivo.

Eu: Você se sente uma estudante motivada pra estudar Inglês?

Michele: Às vezes não, mas... (risos leves) é ... eu tenho bastante força de vontade, porque você, é meu objetivo é, estar dentro da sala de aula. É... eu me envolvo demais com a, com Inglês. Me envolvi demais, desde pequena. E eu gosto, apesar que eu tenho que treinar muito a oralidade. Mas, é...é bola pra frente, né. Cada vez mais se aperfeiçoando, pra ir motivando.

Eu: e, e, pra você, o que é motivação?

Michele: Ah...motivação é, é o interesse, é, é a coragem. É o primeiro passo pra você conseguir o, o objetivo. Pra você vencer e até mesmo ser, ser eficaz.

Eu: E o que é autonomia pra você?

Michele: Autonomia...é...autonomia: já vem de autoridade, de, de, de posse, de...(risos leves) como é que eu posso me referir. Você tem autoridade o suficiente pra, pra, você tem autonomia e autoridade pra lançar um algo pra sempre, ... como é que eu posso me referir, sempre tá, sempre tá por cima, sempre tá

Eu: comandando.

Michele: Comandando, é isso.

Eu: Seria isso?

Michele: Seria, seria. Quase não saiu, né. (risos)

Eu: E você se sente autônoma?

Michele: Sinto.

Eu: Por que ou como?

Michele: Primeiro porque eu tenho outro, além de ser universida, universitária, eu também sou empresária. Então eu, assim, tô sempre na frente, direcionando...(inaudível). Eu tô sempre direcionando (risos), tô sempre, tô sempre na frente, buscando, tô sempre ten...é, é, sen, é buscando a minha independência.

DÉCIMA PRIMEIRA ESTUDANTE

Eu: Nome completo, curso

Estudante: Vilma Paixão Alves da Cunha. Letras com Inglês, terceiro semestre.

Eu: Vilma, o que você entende por motivação?

Vilma: Motivação é, assim, a vontade de fazer algo, né. Quando nós queremos fazer algo e quando nós tentamos, a todo custo e com todos os esforços, conseguir esse nosso objetivo né. Então estar motivada é isso: a gente querer algo e a gente lutar, né. Ter vontade e buscar todos os meios pra alcançar esse nosso objetivo.

Eu: E você se sente motivada para estudar inglês?

Vilma. Sim. Eu me sinto motivada, assim, por vários motivos. Um é por eu já ser professora, né. Por eu já estar na sala de aula. Então eu sinto a necessidade. A gente vê, às vezes falta muito professor de Inglês e a escola que eu trabalho mesmo ele tem muitos estagiários. Então, quando a gente tem uma pessoa já formada na área, que já é professor, pra ta lá trabalhando, é, já ajuda bastante. E também porque a gente vê que o Inglês é uma língua universal, ela já está assim, a gente tá, se a gente ta na internet, se a gente ta na rua, se a gente vai num shopping, tudo que a gente vai fazer a gente acaba se envolvendo com essa língua. Então a gente não pode ficar pra trás, né. Os avanços vêm e a gente também tem que, tem que acompanhar.

Eu: E as estratégias de ensino, já que você é uma professora. Você acha que elas são importantes? Quando é, estratégias de ensino/aprendizagem.

Vilma: São, as estratégias elas são muito importantes. Porque, sim, os nossos alunos hoje eles têm uma série de fatores que chamam a atenção deles que fazem com que eles se sintam atraídos e se o professor não tiver estratégias de ensino, se o professor não tiver, não buscar meios, fórmulas pra tentar fazer com que o aluno se sinta motivado, se sinta interessado. Se ele não buscar, a todo momento, coisas novas, estratégias diferentes pra atrair esse aluno, ele não consegue né. Então são muitas coisas que chamam a atenção do aluno e ele, se o professor só fica lá no falar, utilizar o livro, ele não consegue.

Eu: mas isso só depende do professor?

Vilma: Não. Não depende apenas do professor. Depende do professor, depende da escola, como um todo. Porque muitas vezes o professor quer fazer um trabalho diferenciado, ele não tem recursos, ele não tem meios para isso. Então, o professor se vira como pode. Então, depende do professor, “dep, mais do professor.

Eu: devagar porque eu vou ter que transcrever tudo(risos leves)

Vilma: ah... “depe”, depende mais do professor, depende da escola como “estrut”, da gestão da escola, depende assim dos, dos governos como um todo. E depende também do nosso aluno. Porque se o aluno não quer, não tem interesse, a gente não consegue.

Eu: Qual é o seu conceito de autonomia?

Vilma: Autonomia é, é você ter coragem, vontade e coragem de fazer algo. Nem sempre é fácil você ser autônomo né. Porque, muitas vezes, você tem vontade, você quer, você tenta, mas existem muitas barreiras que lhe impedem. Cê quer fazer um trabalho diferenciado, mas você não pode pó, por ou por outro motivo. Então, ser autônomo, “vo”, é você tentar fazer, você querer fazer, você trazer coisas novas, coisas diferentes. Você ousar, muitas vezes. E autonomia é difícil. Assim, dá...

Eu: Você é autônoma?

Vilma: Eu tento ser autônoma. Às vezes, eu me, assim, me vejo cercada por muitas barreiras. Mas, eu tento, ao máximo, ser autônoma. E ser também assim em minha sala de aula. Porque, você está numa escola, mas, na sala de aula, você precisa ser autônoma muitas vezes, né. Você precisa ter essa coragem. Ter autonomia, ter vontade, ter força pra fazer algo, pra fazer diferente. A gente não consegue sempre. Muitas vezes o nosso trabalho fica pela metade. A gente não consegue alcançar, assim, o resultado esperado. Mas, só em tentar, você já se sente realizado, em conseguir, um pouco que seja, você já se sente realizado, né. Sair da rotina. Tentar fazer diferente. Tentar ser, assim, um professor diferente.

ENTREVISTAS COM ALUNOS DA UNEB - segunda parte.

Conversa informal:

Cleidinéia: Tem algumas disciplinas que a gente não tem professor. E...assim, a se, a gente tem eu sempre falo mesmo que esse terceiro semestre ia ser assim maravilhoso pra mim. Porque todos os professores, de inicialmente, é... mostraram que iam, é... as aulas iam ser em Inglês, tal. E a gente ia ter condições de aprender bem mais. Porque, como é que pode ser, o professor faltar!!!! Professor faltando demais!! Mesmo, nesse caso, a gente sabe que é problema de saúde e tal. Mas os professores faltam às aulas demais. Os nossos alunos, os nossos colegas de sala tão totalmente desinteressados. Ainda, chegam atrasados. A ge, agente que chega cedo fica sem aula.

Poliana: E o professor também. Tem professor que não sabe nada da disciplina e está, tá ensinando.

Cleidinéia: chegou pra, chegou pra gente e disse: “no próximo semestre eu não quero pegar essa disciplina porque eu, eu não gosto dela, não gosto”. Ela chega na sala de aula ah, é, ah, vai

explicar o assunto pra gente...não sabe! Pede pra gente, pede pra gente preparar em casa...a, a apostila toda em Inglês.

Eu: essa... é na aula de Inglês?

Cleidinéia: n, n, não é. Não. Não é na aula de Inglês. Mas o, os textos são todos, os textos são todos em Inglês. Então a gente tem muito, ta ficando, tem muitos termos técnicos que a gente não conhece. No dicionário que a gente tem não tem as palavras, palavras, os termos técnicos, a gente fica sem entender. Aí pede pra gente dá aula. Quando a gente perguntar, tirar uma dúvida com ela, ela fica perdida, tem ficar procurando, buscando ler na hora! Se o professor tá preparado...

Eu: e essa disciplina é qual?

Poliana: Análise Contrastiva

Eu: Análise?

Poliana: Contrastiva

Eu: Contrastiva?

Cleidinéia: acho que é nova

Poliana: currículo novo

Cleidinéia: Currículo novo. Aí gente fica, pô. Eu vou tirar a dúvida com quem? Se o professor não ta preparado pra aquela disciplina.

Poliana: e o pior. Se pelo menos se o professor que a gente sabe que não teve discernimento naquela área, mas ele procura o material. Ele procura ler e examinar antes pra ter o discernimento. E a gente percebe que ela não prepara aula, que ela não lê a apostila, a gente: professor, o que é isso? Ela: “tá onde, aonde?” Ah chega aqui, tem trabalho”. Ela fica completamente perdida e fala: “eu não tava preparada pra isso. Eu pensei que eu ia dar aula...mas não tem problema, não...essa parte aqui...”

Início da entrevista.

Eu: Bem, nós estamos aqui na UNEB e vamos entrevistar a nossa aluna, nome?

Estudante: Poliana Santos Santana.

Eu: Poliana, é... das estratégias de ensino aprendizagem que você pratica, né, executa na sua vida acadêmica, quais são as que você considera mais úteis para o seu aprendizado? Por exemplo: planejamento de estudos, realização de tarefas, tirar as suas dúvidas, participar das atividades em grupo, pesquisar na interna, na internet e outras fontes. Quais dessas ou outras práticas você acha mais eficiente pr o seu aprendizado?

Poliana: Bem, as práticas que eu acho mais eficientes para o aprendizado é pesquisar a internet e outras fontes. Porque, muitas vezes, aquilo que a gente, é... dado pra gente na universidade não é o suficiente. Então acho que as formas de aprimorar o nossos conhecimentos é procurando outras formas de estudo: livros, é... artigos, teses e internet, procurar tá lendo.

Eu: Uhum...e você, então, pesquisa mais na internet?

Poliana: é. E da biblioteca: livros também.

Eu: Ok, e na sua aula, você acha que a sua professora é, como estratégias, ela prepara aula, explica o assunto com clareza, resolve todas as dúvidas, planeja as aulas, respeita a opinião dos alunos?

Poliana: Com certeza. A nossa professora, eu acho, ela prepara muito bem a aula. Ela esclarece as nossas dúvidas. A gente pode perguntar aquilo que parece besteira, mas ela vai, explica de onde veio, o que que acontece, quais são as exceções. E se ela não sabe, ela diz: “eu vou procurar saber e próxima semana eu trago pra você. E realmente ela traz essa resposta pra gente.

Eu: Então, você acha que as estratégias que ela utiliza na sala, pra o ensino vocês, é... são, são eficientes?

Poliana: São eficientes. Também por, pelos conhecimentos que ela tem, pelos conhecimentos que ela tem. Então, torna o nosso aprendizado mais fácil porque ela pode est, tá tirando sempre as nossas dúvidas. Uma professora atualizada e que tá sempre em busca de novos conhecimentos.

Eu: E você? Seu nome?

Estudante: Cleidinéia da Silva Oliveira.

Eu: Cleidinéia, com relação às estratégias. quais são as que você, dentre essas que eu citei: planejamento dos estudos, realizar as tarefas, fazer, tirar as dúvidas, participar das atividades em grupo, pesquisar na internet e em outras fontes. Quais dessas você aplica, ou são, ou outras que sejam mais eficientes pra o seu aprendizado?

Cleidinéia: Pesquiso na internet. É... leitura. Na verdade, né, a gente procura sempre a biblioteca. Trabalhos em grupo, que eu acho que a gente aprende bastante com o grupo. São essas as atividades que eu faço que eu acho que é interessante para a gente poder apre, aprimorar os nossos conhecimentos.

Eu: Certo. E com relação a, à sua professora. Ela demonstra ter preparado aula, explica os assuntos com clareza, resolve todas as dúvidas. As estratégias que ela usa são suficientes e eficientes pra o seu aprendizado?

Cleidinéia: Sim. Ela, ela, ela, ela demonstra pra gente que é... prepara as aulas dela. Tá a fim de fazer é... dinâmicas com a gente. É, é, cita nomes de livros pra gente poder buscar e, e aprimorar os conhecimentos da gente, tira as nossas dúvidas. Todo que a gente pergunta a ela, por mais simples que seja, ela sempre tá, né, pronta pra poder responder e poder tirar as nossas dúvidas. E quando não sabe, ela busca e no di, na aula seguinte, ela passa pra gente.

Eu: Estamos aqui com a aluna....

Estudante: Márcia Ribeiro Monteiro

Eu: Da UNEB, de Santo Antonio de Jesus, fazendo o curso de...

Márcia: Letras com Inglês

Eu: Márcia, é... das estratégias, que você costuma utilizar para o seu aprendizado, quais são as que mais lhe parecem eficientes, né, no, no, pra o seu crescimento, né: planejar os estudos, realizar as tarefas, tirar suas dúvidas, participar das atividades em grupo, pesquisar na internet e outras fontes, ou outras estratégias que você acha, que você ache mais eficientes pro seu aprendizado?

Márcia: Bom, pra começar, desde quando nós começamos aqui no curso de Letras com Inglês, pelo menos eu. É... eu procurei formalizar, fazer um.. um texto, no caso, pegar uma folha e esquematizar como seria toda a estratégia de trabalho pra que eu não po, pudesse me perder. Porque, além de eu estar aqui pela manhã, à tarde, eu estou no trabalho, então eu não teria como passar a tarde estudando. Então, eu fiz, é... peguei a folha, fiz todo um esquema, como eu poderia realizar todos os trabalhos. Pra que, todos métodos que é... eu colocasse nesse papel, eu pudesse desenvolver, ao longo do meu estudo. Um, ah, um jeito assim, bem primordial pra mim, no momento, tá sendo também a pesquisa pela internet. Acho que tá sendo mais do que a pesquisa em grupo, por eu não ter tempo de, de, no caso, me reunir com os meus colegas, então, eu sempre eu to pesquisando. O professor passa um, um assunto na sala e aí, se eu posso pesquisar, posso pegar uma fonte maior na internet, certamente eu tô lá pesquisando.

Eu: E você acha que as estratégias utilizadas pela sua professora de Inglês, né, como: preparar aula, explicar assunto com clareza, resolver todas as dúvidas, planejar, e... respeitar a opinião dos alunos são eficientes pra o seu aprendizado? Ou é... existem outras que poderiam ser implementadas?

Márcia: Eu acho bastante eficiente porque é engraçado que o professor já vem pra sala de aula preparado a estimular o aluno pra ter motivação a realizar os próprios trabalhos. Então, ele, eles deixam muito aberto a opinião do aluno. Eles passam o conteúdo que eles têm de passar, mas, levando em conta que a opinião do aluno está contando naquele momento e eles sempre estão buscando, assim, estimular, nós alunos a.... realizar os nossos próprios trabalhos. Ou seja, realmente, eles est, estão nos estimulando pra sermos os, os futuros profissionais, os futuros professores. Então eu acho muito interessante essa parte do professor

Eu: Bem, vamos começar aqui...seu nome?

Estudante: Lílian Marcelle dos Santos Nascimento

Eu: Curso de Letras, né, Lílian?

Lílian: É

Eu: Lílian, das estratégias que você aplica para os seus estudos, quais as que são mais eficientes, no seu ponto de vista. Por exemplo: planejar os estudos, realizar as tarefas, fazer, tirar suas dúvidas com o professor, com os colegas, participar das atividades em grupo, pesquisar na internet e em outras fontes. Quais são, as, é... as que mais... é... te ajudam no seu aprendizado ou outras além dessas?

Lílian: Olha, geralmente, eu procuro assistir as aulas, na sala de aula, prestar atenção e anotar sempre as dicas dos professores. E quando eu chego em casa, costumo, geralmente, dá uma lida no material e, a partir desse material, fazer um resumo e fazer pesquisas na internet pra complementar e tirar algumas dúvidas.

Eu: Certo. E dentro de sala de aula você tem alguma específica?

Lílian: não. Eu só faço mesmo é prestar atenção, e “cabou”.

Eu: Ok. E com relação a seu professor... é, em termos de estratégias, ela demonstra ter preparado a aula, explica o assunto com clareza, resolve todas as dúvidas, planeja as aulas, respeita as opiniões dos alunos?

Lílian: Sim, pelo menos a maioria sim. Uns ou outros que não, né. Mas, a maioria sim. A gente percebe que planeja, que tem um plano de aula, já chega em sala de aula com tudo já esquematizado. Tenta botar em prática, às vezes não consegue porque a turma, às vezes, sai muito, fica pouca gente. Mas, na maioria das vezes, sim, consegue.

Eu: Então você acha que as estratégias, usa, estratégias usadas pela sua professora de Inglês são suficientes para o seu aprendizado?

Lílian: Sim, são suficientes. Não, não tão suficientes. Mesmo porque a gente tem de buscar sempre fora. Procura sempre assistir um filme, escutar sempre músicas, tal. Conversar com outras pessoas que saibam também falar Inglês. Não, eu acho que não deve ficar só na sala de aula. Deve expandir um pouco pro lado de fora. Mas, sim, as estratégias dela ajudam.

Eu: E você Cida? Nome e curso, nome completo e curso?

Estudante: Cida da Silva Simões, faço curso de Inglês, terceiro semestre.

Eu: Cida e a, quais as estratégias você aplica e são realmente, dão resultado positivo pra sua, pra o seu aprendizado, dentre essas que eu vou citar: planejamento de estudos, realizar tarefas, tirar suas dúvidas, participar das atividades em grupo, pesquisar na internet ou outras?

Cida: eu pesquiso, é... busco fontes na internet. Eu procuro realizar as minhas tarefas, faço os meus exercícios e procuro prestar atenção na, na sala de aula, com o professor.

Eu: E seu professor utiliza estratégias como é... respeitar as, as opiniões dos alunos, resolver todas as dúvidas, planejar as aulas, explicar o assunto com clareza, preparar os, outros, outros conteúdos. Você, e, ela utiliza e se utiliza, elas, essas estratégias são eficientes pra o seu aprendizado?

Cida: Sim, a professora utiliza e são eficientes sim. Só que o aluno não pode só ficar preso à sala de aula. Tem que buscar outras fontes. Mas ela trabalha muito bem com as estratégias.

Eu: então você acha que aprende com o que ela é... traz pra você pra sala de aula?

Cida: Aprendemos sim.

Eu: Estamos aqui com Sérgio, seu nome completo?

Estudante: Sérgio de Carvalho Sampaio

Eu: Sérgio, ah, quais estratégias você utiliza pra o seu aprendizado e, dentre essas que eu vou citar aqui, quais são as que surtem maior efeito para o seu aprendizado: planejar estudos, realizar as tarefas, tirar as dúvidas, participar das atividades em grupo, pesquisar na internet e em outras fontes?

Sérgio: Todas essas que o senhor citou aí agora trabalham junta, né. Porque é um processo que cê tem que, primeiro hoje em dia, a gente tem muitos livros na biblioteca e tudo. Mas, na internet já se acha, acha já o conteúdo facilitado e de vários autores, de uma forma, assim, muito fácil. Aí é essencial o uso da internet. Assim também, para ter uma, um bom aprendizado, é muito importante que você pegue os livros, de antemão, vá lendo ante, antes da aula, pra chegar na aula e ter... as suas dúvidas esclarecidas com a professora. Então, você chegar na hora, sem ler o assunto, aí já fica aquilo ali, não consegue tirar as suas dúvidas nem assisti a aula bem.

Eu: ok. E... sua professora utiliza estratégias, como por exemplo: ela traz a aula preparada, explica o assunto com clareza, resolve todas as dúvidas, planeja as aulas, respeita a opinião dos alunos? E se ela utiliza isso, isso é o suficiente pra o, contribuir para o seu aprendizado?

Sérgio: É... “especi”, especificamente a professora de Inglês que en, tá no caso aqui, ela faz, ela corresponde a todos esses quesitos. Ela é uma professora bem assídua. Bem, é... ela costuma preparar bem as sua aulas, tirar nossas dúvidas. É uma interação mesmo aluno / professor. Um, um lugar muito confortável mesmo de tá aprendendo, onde o aprendizado realmente acontece. Porque ela usa dos recursos pra que torne facilitado o aprendizado. É um negócio muito bom, mesmo.

Eu: você sente motivado pra fazer Letras com Inglês?

Sérgio: Me sinto. Apesar, né que hoje em dia ninguém é motivado pra isso. Mas, quem gosta mesmo, né!

Eu: com certeza.